



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

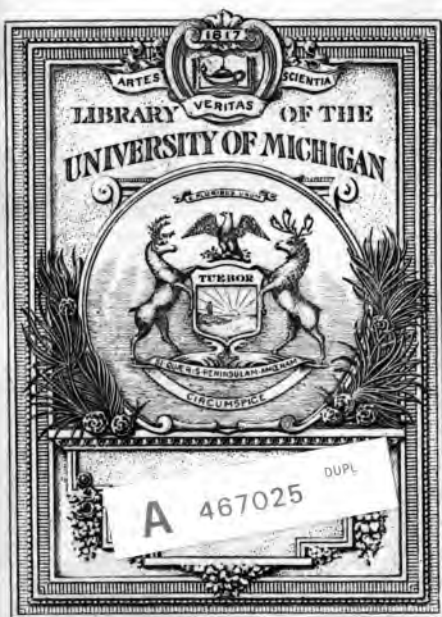
- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>







A 467025

DUPL

O H Y S S O P E,

P O É M A

H E R O I - C O M I C O .



O H Y S S O P E,

P O É M A

HEROI-COMICO.



REINAVA a doce paz na sancta Igreja;
O *Bispo*, e o *Deão*, ambos conformes
Em dar, e receber o bento *Hyssope*,
A vida em ócio sancto consumião.

Hyssope, Cant. 2.

Antonio Diniz da Cruz e Sylva
O HYSOPE,
em 2 Actos
POEMA

HEROI-COMICO

POR

Diniz e Sylva
ANTONIO DINIZ da Cruz e Sylva.

——— Ridentem dicere verum
Quid vetat ?

HORAT. lib. 1. Sat. 1.

**Nova edição correcta , com variantes, Prefácio,
e Notas.**

Antonio Diniz da Cruz e Sylva

PARIS,

Na officina de A. BOBÉE.

1817.

L . I . A . A . S .

 AO BENEVOLO LEITOR.

13-6
x

ACHANDO-se exhausta a primeira Edição que do *Hyssope* se fez no anno de 1802, em *Pariz*, sob a indicação de *Londres*, intentâmos reimprimir este Poema, o melhor sem duvida que, no genero *Herói-comico*, haja produzido a Musa Portugueza.

Cumpriria dar aqui uma noticia biographica de seu Autor, o Desezembargador *Antonio Diniz da Cruz e Silva*, e memorar as suas outras producções literarias; mas tão difficil nos é descrevê-las, exacta e adequadamente, pois as não temos presentes; quão impossivel satisfazer o desejo dos Leitores e o nosso, com a conta fielmente

digna da sua vida publica e domestica. Sabemos unicamente que em litteratura antiga e moderna, e na lição dos bons Classicos portuguezes e estrangeiros éra summamente versado; que na cultura das Boas Ártes empregava os instantes, que vagos lhe deixavão os encargos com que o Soberano o havia honrado; e que, com justiça, desinteresse, humanidade, e assignalado proveito do Estado, consagrou constantemente ao serviço da Patria o seu prestimo e recta vontade. Aos seus amigos, que saudosos ainda chorão a sua falta, tocca o grato devêr de nos instruirem á cerca das obras literarias e das virtudes moraes, que tanto lustre e bom conceito grangeárão ao seu amigo. A quem, melhor incumbe essa obrigação, e para maior gloria da *Themis* e da *Musa portuguezas*, que ao Senhor *Antonio Ribeiro dos Santos*, que entre os poucos, hora existentes, coévos do nosso Poeta, tanto o con-

versou, com reciproco prazer e satisfacção! Certos da boa vontade de um sabio tão benemerito das letras e da Patria, e persuadidos, portanto, de que, por carencia de condigno historiador e Vate, não pesará, sobre o nome do nosso Poeta e Magistrado, o denso véo do esquecimento, e que a sua memoria surgirá resplandecente da, já mui longa, noite do indifferente desma-zelo, passamos a dar ao Publico a de-vida conta d'esta nova Edição.

Munidos de alguns manuscriptos, e da já lembrada edição primeira; entre estes poucos elementos achâmos differenças notaveis em sentido; transposições de versos amiudadas; incertas divisões de paragraphos, e orthographia constante em nenhum. Forçose nos foi recorrer a algumas pessoas de assada critica, e pedir o auxilio de manuscriptos que gozão da fama de mais correctos, por haverem sido da-

dos pelo Autor ; mas poucos forão os homens literatos , que guiar-nos quizerão pelos seus conselhos e com as suas luzes ; e d'esses Manuscriptos que havíamos pedido , apenas nos chegou um ultimamente, já depois de completa a impressão do Poema , e das notas que lhe temos addido. No fim d'este Prefácio juntaremos as poucas variantes que n'elle achamos e que julgamos dignas de serem aproveitadas como mais correctas lições : Oxalá o houvérámos nós recebido antes d'esta reimpressão !

Éra pouco provavel alcançar-se um Manuscripto autographo do Autor , pois sabemos, que algumas pessoas que brindadas forão por elle com esta Obra, não possuem mais , que transumptos nitidos , que mandava fazer por amanuenses, mais ou menos intelligentes. Sabemos tambem que este Poema , a principio , constava de menos

v

cantos, que *Antonio Diniz* o augmentou e corrigiu progressivamente, e que, poucos annos antes da sua morte, ainda o políra e retocára.

Em tanta incerteza, recorrendo ao meio enfadonho de conferencia dos manuscriptos, que nos confiáramos alguns amigos e pessoas de respeito, achámos que a Edição de 1802 éra, com pequena differença, a pesar da sua grande incorrecção, a mais completa, ao menos em numero de versos; e com o fim de não macular e estragar os manuscriptos que nos haviam sido communicados, lançámos mão d'essa Edição, e a entregámos ao prélo. Reforçou-se esta resolução, com a consideração da maior facilidade de trabalho na reimpressão de uma Obra em idioma desconhecido dos officiaes typographos que empregámos.

Para que o Leitor possa ajuizar do.

merecimento d'esta nova Edição, comparativamente com a primeira, e das lições varias, que colhemos e aproveitamos de alguns dos manuscriptos ; seguimos, quasi ate ao fim d'ella, a mesma *paginação* da outra. Assim poderá qualquer encontrar as variantes, que achámos e lhe damos por melhores ; e julgar si, com gosto e acerto, procedêmos na escolha a que nos abalancámos.

Entregando ao prélo, como materia prima, a referida edição de 1802 ; a pesar da nossa diligencia e esmero, alguns descuidos se ácharão n'esta. O maior, sem duvida, é a multiplicidade dos accents, muitos d'elles excusados, outros contradictorios, e alguns avessos á prosodia da nossa lingua. Em seu methodo de escrever (como o provão os manuscriptos antigos, e os livros impressos em Portugal até meado do seculo decimo septimo) os

nossos Maiores empregavão sim abreviaturas, mas não accentos : quando muito, e em tempos mais chegados ao nosso, alguns accentos agudos encontramos em livros, substituindo evidentemente as vogaes dobradas com que d'antes se notava a prolação maior das syllabas, indicada pela prosodia e etymologia das palavras. Podemos por conseguinte dizer que na lingua portugueza os accentos forão, e ainda são, méros signos de abreviaturas.

Com o fim de abonar esta nossa observação, e de proscreever a demasiada notação dos accentos, poderíamos ajudar-nos da autoridade de *Dumarsais* que somente os considera como indicativos do modo de pronunciar linguas que já estão fora do uso vulgar: poderíamos ainda mais, valendo-nos de analogias sophisticas, entre as linguas vivase mortas, appellar para o juizo de muitos e illustres sabios,

quaes *H. Ch. Henninius*(1), *Brunck*(2) que, até na lingua Grega, não dava um seutil por toda a doutrina dos *Accentos*; e outros mais. Com tudo, longe estamos de querer seguir simlhantes doutrinas: reprovando o abuso, louvamos e adoptaremos sempre o uso moderado que indica a boa razão, e si n'esta edição muitos *accentos* ainda se observão excusados, de certo podemos dizer que, escapando á nossa correcção, não chegão a ser a decima parte dos que contem a primeira.

Mais quizeramos dizer á cerca dos caracteres com que se notão a pro-

(1) *H. Christiani Henninii Ἑλληνισμος ορθοειδος*, seu linguam Græcam non esse pronuntiandam secundum accentus: pag. 107 et alibi passim.

(2) *Brunck. Universam de accentibus doctrinam non assis facio.*

Analecta Græca; Lectiones et emendationes in vol. 1. : pag. 13.

sodia é o rythmo da nossa lingua; porem não devemos anticipar um nosso Compatriota que se tem occupado d'estes assumptos, que em breve dará á luz o bem sasonado fruto dos seus trabalhos, e a quem sobre tudo devemos sincera amisade, e a communicacão leal e instructiva das suas desveladas indagações.

Quanto á Orthographía, visto que não sabemos qual foi o systema que o Autor adoptára ; que não possuimos autographo algum d'elle ; que nas obras mesmas com que premiava os seus amigos , servindo-se de diversos amanuenses , cada-um d'estes seguia diverso methodo , e finalmente que não temos ainda regras certas de *orthographar* exacta e arazoadamente ; accingimo-nos á da primeira Edição. Por esta causa vê-se n'esta , que o verbo *ser* conserva , na maior parte dos seus tempos , a mesma inicial que

em tempos identicos tem no *latim*, sem a addição do H, que em Portuguez é antes signal euphónico ou modificativo, do que letra consoante.

Pela mesma razão de analogia etymologica, eliminâmos tambem o H inicial de *um, uns*; e imitando os francezes, conservamos, nas palavras derivadas do Grego, a orthographia da sua origem.

A' cerca da conjuncção *condicional* latina SI, que hoje vertemos em SE; observará o Leitor, que em muitos lugares d'este poema, ella se acha impressa SI. Seguimos este modo de a escrever, não só por ser mais etymologico e adoptado em outras linguas que, como a nossa, derivão da latina; mas tambem porque, em manuscriptos e livros antigos portuguezes, temos encontrado esta *condicional*, escripta SI, e não SE. Ainda mais, como esta

conjunção. SI sempre precede e começa todo o inciso que a pede, é indubitavel. que nunca se pode equivocar com o pronome Si, que sempre tem de ser precedido e acompanhado de alguma preposição; a *sí*, de *sí*, por *sí*, apoz *sí* etc.

Observará outro sim o Leitor que o pronome Si, quando regido por verbo, muda-se em SE, e que neste caso muitas vezes precede o verbo; e, essencialmente, si o inciso é condicional: ora, encontrando-se com a conjunção SI, si esta se escrevêr e pronunciâr SE, e si o verbo que se segue, começa pelas syllabas SE, ou CE; o triplice successivo som de SE será sem duvida sobejamente desagradavel, por exemplo: *se se separa, se se segura, se se segue, se se celebra, se se semea se se ceifa, se se cega, se se cêa, etc.*

Observe finalmente o Leitor, que, si

a euphonía das linguas modernas pede muitas vezes alguma alteração, na prolação de palavras que nas linguas de que são derivadas se pronuncião bem diversamente; em a nossa, como a mais chegada de todas á latina, a mesma Euphonía pede tambem em alguns casos, e mormente neste, que não desvairamos da etymología e da orthographía, e que evitemos tão ingratas cacophonías, como a que fica apontada. As linguas Hespanhol, e Franceza, hoje mais distantes que a nossa da fonte latina, de que ellas manão, conservárão a orthographía e a pronuncia da condicional SI; os nossos Maiores assim a pronunciarão e escreverão; escrevamo-la pois, e pronunciamo-la, como Elles. Declaramos que sempre escreverêmos desta maneira, e que nos pésa de algumas, e não poucas, *condicionaes*, que ainda se achão nesta Edição, impressas em SE, por haverm escapado á nossa corecção.

Daremos outra satisfação *orthographica* á cerca da desinencia em U da terceira pessoa do singular de alguns preteritos, no modo indicativo dos verbos. Os nossos Maiores sempre a terminárão em U, e nunca em O. Hoje algumas pessoas escrevem *léo*, *ouvío*, *ferío*, etc, e carrégão a penultima com accentos, ora agudos, ora circumflexos. Os Antigos sempre escreverão *leu*, *ouviu*, *feriu*, etc, sem accento algum; pois não o precisão estas palavras, cujas desinencias, compostas de duas vogaes, formão duas syllabas.

Diremos mais que, por descuido, tornarão a apparecer n'esta edição alguns Y, de que nossa vontade fôra purga-la, por desnecessarios. A nossa lingua não conhece, como propria, semelhante letra, nem carece d'ella: admitte-a unicamente em algumas palavras derivadas do Grego, com o fim de conservar mais claros indicios das suas

etymologías; e dá lhe, como os latinos, o simples som do I. Portanto em as palavras *mayor*, *lyrios* e outras, que assim se lêem nesta edição, declaramos que o Y é erro; pois ellas vêm do latim *maior*, *lilium* etc, que o não tem. Quanto a *payz* que vem do francez *pays*, onde o Y sôa como i i, dizemos que em portuguez o Y é inutil, e que se deve escrever *paiz*; pois a letra Z, terminando qualquer palavra, tem a propriedade de fazer longa, sem precisão de accento, a vogal que a precede: por ex: *Marquez*, titulo de nobreza, tem pronuncia e significação bem diversas de *Marques*, appellido de homem e nome patronymico, que quer dizer, filho de *Marcos*.

O erudito *Moraes*, no seu excellente Diccionario, mostra-se tão apaxonado do Y, que até chega a faze-lo letra consoante, e a inseri-lo, contra o genio da lingua, e contra a etymolo-

gia, apoz a vogal *e*, quando seguida das vogaes, *a*, ou *o*. Por motivo de brevidade, somente apontamos, entre muitas, a palavra *teór*, que elle quer, haja de se escrever *teyor*. Indicando esta, como melhor orthographia, parece que não teve outro alvo, que o de amolgar, com os idiotismos *roquebrados* da sua patria, a indole varonil e sonora da antiga lingua portugueza d'*aquem mar*. É nos penoso apontar este defeito em obra tão boa, e de pessoa de tanto merecimento; *sed magis amica veritas*.

Lastimemo-nos da infeliz sorte da nossa lingua que, mal falada, mal escrita, e mal pronunciada,

anda envasada

Em mil termos, e phrases Gallicanas:

Como si a bella e fertil lingua nossa,
Primogenita filha da latina,
Precisasse de estranhos atavios! (1)

(1) Hyssope, p. 53:

Lastimemo-nos, ainda mais, da indolencia com que uma Regia Academia, encarregada de manter a pureza da lingua, e de nos dar fixas regras da sua orthographia, postergando tão honrosa obrigação, consente que do seu seio, e da sua officina, sahiam algumas obras em que, e com que,

Os novos idiotismos.

A mesclada dicção, bastardos termos,
Entre nós, sem limite, vão lavrando. (1)

D'estes males, e da ignorancia da lingua nascem outros ainda maiores, quaes os sentidos falsos, e até contradictorios, que se dão a muitas palavras. Convem prova-lo, com exemplos:

1º. *Resquicio*, que hoje passa por synonymo de *resto*, *sobejo* etc., sem-

(1) Hyssope, pag. 53.

sempre significou a separação que, entre o marco e a hobreira da porta, figura esta, quando aberta. Esta palavra, composta de *rez* e de *quicio*, tem etymologia franceza : *rez*, preposição franceza e tambem nossa, que significa *junto a*, *perto de* : *rez de chaussée* etc. em portug. *rez da calçada*, *rez de terra*, *do chão* etc. ; e *quicio*, do francez *huis*, significa *gonzo* e tambem *férrolho* ; em latim *Cardo*, e *vectis*. Como o *h* é fortemente aspirado nesta palavra franceza, os nossos Maiores o suprirão pelo, *q*. Ora como pode resquicio entender-se por *sobejo*, *resto*, etc. ? logo é falsa esta accepção.

2º. *Defecar* e *defecado* vem do latim *Defaecare*, *defaecatus*, e é palavra composta da preposição, *de*, e do nome *Fæx*, *faeces*; *Fézes*, *borras* : significa em latim, *limpar*, e ainda dizemos *defecar* o vinho, por limpá-lo de fezes, borras. Hoje toma-se, em sentido

figurado, por enfezado, e diz-se, muito impropria e contradictoriamente, de uma pessoa doente e carregada de molestias, que está muito *defecada*, em vez de *enfezada*.

3º. A palavra, *character*, que, em sentido figurado, indica a propriedade da cousa, ou a qualidade moral da pessoa; e que, quando neste caso não é acompanhada de epitheto, sempre designa um individuo, qual o pinta o nosso *Sá de Miranda*:

Homem de um só parecer,
Hum só rosto, uma só fé,
D'antes quebrar, que torcer, etc.

hoje dá se a todo o que, atrazado á moda em seu trajo, com bolsa no cabelle, ou na cabeleira, espadim á cinta, conserva usos de tempos, ha muito já, preteritos; que, com affectação hem calculada, sabe pelo seu silencio encobrir a sua ignorancia; e

que , obrigado a falar , tantas parvoí-
 çes diz , quantos são os monosyllabos
 que se lhe podem arrancar. Um figu-
 ração d'este lote , sendo admittido em
 cazas de Ministros d'Estado, e de Gran-
 des , posto que a sua indole e costu-
 mes , mal acobertados pela mais gros-
 seira e ridicula simulação , sejam tão
 equiyocos como a sua probidade, alcan-
 ça , com tanto que ricco seja , o nome
 de *homem de character* , quando só lhe
 compete o de *Homem de carranca*.

Muito poderamos dizer á cerca dos
 vicios que tem manchado , e conti-
 nuão a manchar a belleza da nossa
 lingua em sua pronuncia , orthogra-
 phia e dicção : mas occorrem-nos a
 lembrança e o recêo de podermos
 cahir na censura de haver escrito
 um tratado sobre esses assumptos ,
 em vez de um prologo a este Poe-
 ma. Limitemo-nos pois a supplicar á
 Academia Real das Sciencias de Lis-

boa, queira obstar a tão graves desordens, cujas incalculáveis consequências são, pelo seu desenfreado progresso, ainda menos damnosas á litteratura, que ao trato da vida civil, á Legislação, e até á mesma Religião. Sendo, ha muito já, devedores a essa sabia Corporação de um grande volume do seu Diccionario da lingua Portugueza, o qual findou em a palavra, *Azurrar-*; devemos dezejar que não fique n'isso, e esperar que brevemente nos dará, da mesma lingua, uma boa grammatica philosophica, uma prosodia orthographica, um diccionario etymologico, e um bom tratado das palavras homonymas, e synonymas etc. etc. Com mais facilidade poderá emprehender estes trabalhos, agora que M. Raynouard, (1) membro do Instituto Real de França,

(1) *Éléments de la Grammaire de la Langue*

acaba de publicar os seus sobre a *Lingua Romãa*, cujos incontrastaveis vestigios são na *Portugueza*, mais que em outra alguma das meridionaes da *Europa*, constantes e bem assignalados.

O Leitor nos perdóará estas digressões, mas pareceu-nos conveniente faze-las, em abono de um Poema que pela pureza da sua linguagem poderá encontrar-se com o desvairado gosto de algumas pessoas avezadas, por menos intelligentes, á insipida e estragada locução do ignorante vulgo.

Sim, Leitor benevolo, este poema goza e sempre gozará das honras de

Romane avant l'an 1000.

Recherches sur l'ancienneté de la langue Romane.

Grammaire Romane, ou Grammaire de la langue des Troubadours.

Paris 1816. Firmin Didot.

classico. Não tem phrase, nem expressão, que não seja de natural cunho portuguez. Si o Autor adoptou alguns termos estrangeiros; yerb. gr. *Cremes, corbelhas, bougias, compotas* etc. o mesmo fizêrão os nossos Maiores de melhor nota. Cousas que em tempos antigos não erão conhecidas, nome não podião então ter de certo: uma vez admittidas, nome devem ter, e a nossa lingua lh'o deve imprimir, derivado d'o que tem no paiz donde as recebemos, e o mais consoante possível ao genio do nosso idioma. Assim o prescreve Horacio, que bom Juiz é em gosto, lingua, e poesia. Em as notas dissemos quanto podiamos dizer á cerca destas licenças de que devemos antes louvar, que censurar o nosso Poeta.

Grato nos fôra, sinceramente o dizemos, o podermos desculpa-lo com a mesma facilidade do emprego que, rarissimas vezes, fez de algumas ex-

pressões baixas, e menos acceitas das pessoas praticas em o estylo culto das sociedades onde reina, com a decencia, a polida allegria. Mui pequenas são essas nodoas que empânão a terso brilho de alguns versos deste Poema. Prova esta a mais evidente da difficuldade, que a todo o escritor cabe, de conservar a identidade de estylo, e mormente do Comico, sem descahir sobre o rasteiro (1). Considerando pois que o Leitor embaído nas bellezas deste Poema, em nada escurecidas por poucos e leves descuidos, não haverá estes em maior conta, ou que nelles talvez não repare, pareceu nos acerto, não indicar aqui per extenso essas falhas; e, como apaxonados da Musa de *Diniz*, quizemos, mui de proposito, que todo o Critico pouco

(1) Pag. 7, v. 12 e seg. — pag. 19, v. 18. — pag. 64, v. 16 — pag. 87, v. 25.

indulgente só possa exercer a sua censura, a custo de as pesquisar: embora lhe fique o desvanecimento de haver dado com ellas.

Não ignoramos que apontadas desculpas de leves erros, antes de conhecidos, quasi sempre, gerão injustas desconfianças e desacertados juizos: mas o voto de alguns Francezes, doutos Juizes de poesia, e assaz intelligentes da nossa lingua, para poderem avaliar o merecimento do nosso *Diniz*, que muito prézão, obriga-nos a este acto de imparcialidade.

Em esses mesmos Eruditos francezes acha o *Hyssope* a justiça que, pode ser, lhe neguem os nossos *pascasios* (1): pois aquelles mesmos sabios nos apontarão, com a *Secchia rapita*, e com outros poemas

(1) V. nota 12, a pag. 125.

do mesmo género, o exemplo da liberdade que tem as linguas meridionaes da Europa de serem, em obras de stylo Comico, muito menos melindrosas que a Franceza; e confissão que *Diniz* muito pouco, é somente nos lugares referidos, usou d'esse privilegio.

Ainda mais, satisfeitos e gostosos com o exame que fizerão d'este Poema, acrescentão (o que tal vez não accreditarão muitos portuguezes, francosentendedores da literatura franceza e atrevidos ignorantes da sua) acrescentão, e com prazer o repetimos, que o *Hyssope* de nenhum modo semelha o *Lutrin* do seu *Boileau*, em progresso e remate da Acção: que a paridade, notavel entre ambos, consiste unicamente em serem nascidos de ridiculas contendas ecclesiasticas: que a mesma paridade, attendendo ao lugar e ás pessoas, podião, e devião motivar identicos incidentes; mas que

1007]

Diniz soube varia-los de maneira a se não equivocarem com as *Scenas do Lutrin*: que o pouco, e muito pouco, que *Diniz* imitou do *Lutrin*, acha-se no *Hyssope*, disfarçado com o talento que requerem a Poesia e o bom gosto (1): que todo o rezo é igual, e facilmente travado até á conclusão: e finalmente que, não obstante accreditarem que, a não haver existido o *Lutrin*, não existiria o *Hyssope*, entendem que estes dous lindos e correctos poemas tem, entresí, a mesma dessemelhança que as duas linguas, que se achão por elles enriquecidas, e que o *Hyssope* talvez tenha, sobre o *Lutrin*, o realce de unidade em a sua *vis comica*, pois comicamente acaba o seu oitavo canto, com a engenhosa invenção do Bruxo *Abracadabro*, e dos successos que este vaticina ao *Deão*: quando o

(1) V. nota 9. pag. 423.

sexto canto da *Lutrin* só contem longas e serias conferencias entre a *Piedade Religiosa* e a *Justiça*, com um elogio ao Presidente de *Lamoignon*: semelhante remate a um Poema Heroi-Comico, qual o *Lutrin*, é muito frouxo, nada comico, e não corresponde ao *Genio* jovial que presidiu aos cinco precedentes cantos. Estas opiniões que referimos, e a que assentimos com satisfação, não são nossas, são de Francezes; e, por vergonha dos nossos pasçarios, diremos que tal é a desgraçada sorte da nossa literatura, que entre estranhos, e, em França, acha maior numero de elogiadores, e de rectos juizes, que em Portugal.

Darêmos fim a este prefacio, offercendo ao Leitor as *variantes* de que já falámos; e pedimos lhe de observar, que, existindo alguns manuscriptos com notas, respectivas unicamente a ~~fan~~, e a contos menos interessantes

que maliciosos ; muito de proposito as
suprímos por outras , si não mais ins-
tructivas , de certo menos causticas.

Do empenho , com que nos desve-
lámos em dar uma Edição completa
do *Hyssope* do nosso *Diniz* , poderá
ajuizar qualquer pessoa , si quizer re-
flectir no trabalho que nos coube ,
longe da nossa Patria , para adestrar
typographos, ignorantes da nossa lin-
gua , á composição material d'este
opusculo. Afora os leves descui-
dos já indicados n'este prologo, e os
poucos erros , que se achão correctos
no fim d'este Livro, não encontrarás,
BENEVOLO LEITOR , falhas outras, que
as que , facilmente e de bom grado ,
poderá corrigir e perdoar-nos a tua
indulgente sagacidade.

VARIANTES.

Pag. 11, verso 4.

Que o Sena *borda* de arvores viçosas,

No manuscripto lê-se.

Que o Sena *bordão*, de arvores viçosas.

O Leitor adoptará destes dous versos, o que mais lhe agradár.

Pag. 11, verso 11 e seguintes,

Apontamos em a nota (5) a dureza que encontramos no sentido dos versos seguintes, e intentamos acclara-lo com parenthesis.

Olha do illustre *Almeida* a feliz sorte,
Que os pratos e a bebida lhe ministra.
D'a noite a maior parte assim consome
N'estes projectos vãos; e em nada assenta.

Até que, junto ao toque da alvorada,
A *Lisonja*, tomando a leve forma
D'um doce sonho (apenas *cerra os olhos*)
Entre mil vãos phantasmas lhe apparece,
E assim etc.

No Manuscripto lê-se, e forma-se o paragrapho do modo seguinte :

Olha do illustre *Almeida* a feliz sorte,

Que os pratos e a bebida lhe ministra.

D'a noite a maior parte assim consome
 N'estes projectos vãos ; e em nada assenta :
 Até que , junto ao toque da alvorada,
Apenas , de cansado , cerra os olhos ;
Emboscada a Lisonja prestes toma
D'um prazenteiro sonho a leve forma ,
 Entre mil vãos phantasmas, lhe apparece ,
 E assim , etc ;

Esta ultima lição parece nos mais clara, e até mais poetica.

Pag. 38 , verso 13.

Tens de *Serpa* o Auditor , etc

No manuscripto lê se : — *Ouvidor* , em vez de *Auditor*. *Ouvidor* é mais conforme á noticia que achámos em um dos outros manuscriptos donde a demos resumida (nota 11 , a pag. 124). *Ouvidor* é , ou magistrado secular em terras de Donatarios , e por estes nomeado ; ou ecclesiastico , com jurisdicção quasi episcopal em terras de Ordens militares. *Auditor* é magistrado militar em os corpos do exercito. Temos tambem , posto que ecclesiastico , um *Auditor* da Nunciatura. *Auditor* é a vos latina da portugueza *Ouvidor*.

Pag. 59 , entre os versos 13 e 14.

No manuscrito lêem-se em este lugar os seguintes versos, que não se achão, nem na edição de 1802, nem nos manuscritos que tivemos presentes, quando reimprimámos o texto d'este poema.

O Padre-mestre vendo-se obrigado
 A recontar de Ulysses os trabalhos,
 Para o tempo ganhar de recorda-los,
 Ronca, escarra, da manga o pardo lenço
 Sacca, n'as espalmadas mãos o tende,
 Em ambas sopesado, o leva á penca,
 Com 'strondo se assóa, e dobrado o colhe;
 D'esturro então sorvída uma pitada,
 O habito saccóde, aos sobácos
 Alça o Cordão, arrocha-o na casóla,
 E de papo ao Deão assim responde:

Diniz, em este dialogo do *Deão* com o *Frade*, sempre distinguíu as falas de ambos com os *incisos*, — lhe volve o Padre, — diz o *Deão*, — o Padre lhe tornou —: achando-se pois o *inciso* indicativo, que faltava n'este lugar, podêmos crêr que o manuscrito, que o traz, não é obra de Capucho.

Pag. 77, verso 3.

Nem, si quér escapou por innocente;

No manuscrito lê-se

Não devéra escapar, por innocente;

xxxij

Esta variante dá, quanto a nós, melhor e mais exacto sentido á oração.

Pag. 86, versos, 17 e seg.

Dos que encontra ás orelhas não se agarra,
E sem antes gastar-lhe a paciencia,
Com questões importunas, os não larga;
Como costuma o zóte do Sardinha.

No manuscripto lê-se

D'os que encontra ás orelhas não se agarra,
E não semélha o zóte do Sardinha
Que, sem antes gastar lhe' a paciencia,
Com questões importunas, os não larga.

Esta variante é muito mais clara em sentido, e mais regular em progresso de narração.

Pag. 96, verso 23.

Cahe a grossa saraiva, *enchendo* os campos;

No manuscripto lê-se

Cahe a grossa saraiva, *alaga* os campos;

Esta variante é muito boa: o verbo *alagar* tem a triplice significação de inundar, encher, e destruir, o que é muito proprio da saraiva. A palavra *enchendo*

diz aqui muito pouco, e ^osmortece o fogo da Hypo-typosis a que serve de conclusão.

Pag. 105, verso 6.

Eu . sendo moça , instituida
Fui , etc.

É de notar que na edição de 1802, e em todos o manuscriptos que com ella conferimos, este verso acha-se manco, e manco o demos a imprimir; não querendo atrever-nos a endireitalo : felizmente o manuscripto, que nos veiu ás mãos, depois de impresso o Poema e as notas, traz a seguinte variante :

Na minha mocidade , instituida
Fui , etc.

Com a qual, completa e exacta fica a medição do verso.

Estas são todas as Variantes que temos achado. O Leitor as aproveitará sem duvida ; si , como nós , as julgár dignas de preferencia : pois o manuscripto de que forão extrahidas merece todo o credito , tanto pela sua correcção , e pela sua data pouco anterior á morte do Autor , como pela amizade que com este tinha a Pessoa a quem pertence , e que liberalmente n'ò lo communicou , para abóno da Musa do seu amigo , e honroso proveito da literatura da nossa Nação.

ADVERTENCIA.

No fim da nota 8 a pag. 123, l. 21 ; em vez da palavra — emendados —, lea-se — engeitados : d'este modo evita-se a amphibologia que parece couter esse parographo.

Em a nota 22 a pag. 136 ; temos dado ás palavras — *puxativo escalda* — o sentido que presumimos ser o mais proprio. O manuscripto, que alcançámos ultimamente, traz — *D'um puxativo escalda* — e é conforme n'este lugar com a edição de 1802. Os outros manuscriptos trazem — *c'um puxativo escalda* —, *Do puxativo escalda* —, *C'o puxativo escalda* —. Incertos da significação de *Escalda*, uma pessoa do Alemtejo nos diz agora que entende-se, por *escalda*, isca apimentada, adubada ; e tambem, taverna, badéga, etc. onde se comem taes iscas : sendo assim, escreva-se, et lea-se :

D'um puxativo escalda se tornava,

ARGUMENTO.

DADO PELO AUTOR.

José Carlos de Lara, Deão da Igreja *d'Elvas*, querendo obsequiar o seu Bispo, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} D. *Lourenço de Lancastre*, vinha offerecer-lhe o *Hyssope*, á porta da Caza do Cabido, todas as vezes que este Prelado ia exercitar as suas funções na Sé. Depois, esfriando esta amizade por motivos que nos são occultos, mudou o ditto Deão de systema; o que o Bispo sentiu em extrêmo: como uma grande affronta feita a sua ill.^{ma} pessoa: e para o obrigar a continuar no mesmo obsequio, maquinou com alguns seus parciaes do Cabido, que este lavrasse um *Acoordão*, pelo qual o Deão fosse obrigado, debaxo de certas multas, a não o esbulhar da pretendida pösse, em que se achava. Deste terri-

Accordão appellou o Deão para a Metrópoli , onde teve sentença contra si. Esta é a acção do Poema.

Passado pouco tempo depois da referida sentença , morreu o Deão , e lhe succedeu no Deado um sobrinho seu , chamado *Ignacio Joaquim Alberto de Matos* ; o qual , recusando sujeitar-se , como seu Tio , ao sobre-ditto encargo , foi pelo Bispo asperamente reprehendido , e ameaçado. Então interpoz o mesmo um recurso á Côroa , cujo Tribunal mandando ao Bispo dar razão do seu procedimento , este chêo d'um terror pânico , desistindo da imaginada posse , negou haver tal Accordão , e tudo quanto tinha obrado a este respeito.

Tudo isto dá matéria ao Vaticinio de *Abracadabro* , que é um dos Episodios de que se reveste o presente poema.



O H Y S S O P E,

POÉMA



HEROI-COMICO.

CANTO PRIMEIRO.

Eu canto o *BISPO*, e a espantosa guerra,
Que o *HYSSOPÉ* excitou na Igreja d'Elvas.
Musa, Tu, que nas margens apraziveis,
Que o *Sena* bórda de arvores viçosas,
Do famoso *Boileau* a fértil mente
Inflammaste benigna, Tu me inflamma;
Tu me lembra o motivo; Tu, as causas,
Por que a tanto furor, a tanta raiva
Chegáráo o Prelado, e o seu Cabido.

Nos vastos *Intermundios* de *Epicuro*
O grão payz se estende das Chiméras,
Que habita immenso Pôvo, differente
Nos costumes, no gésto, e na linguagem.

Aqui nasceu a *Môda*, e d'aquí manda
 Aos vaidosos mortaes as várias formas
 De séges, de vestidos, de toucados,
 De Jógos, de Banquêtes, de Palavras;
 Unico emprêgo de cabeças ôcas.
 Trezentas bellas, caprichosas Filhas,
 Presumidas a cárcão, e se occupão
 Em buscar novas artes de adornar-se.
 Aquí seu berço têve a espinhosa
Escholástica vãa *Philosophia*,
 Que os Claustros innundou; e que abraçaráe
 Até á morte os perfidos *Solipsos*. (1)
 Daquí saíraõ, a infestar os campos
 Da bella Poezia, os *Anagrammas*,
Labyrintos, *Acrósticos*, *Segures*,
 E mil especies de medonhos Monstros,
 A' cuja vista as Musas espantadas,
 Largando os instrumentos, se escondêrão
 Longo tempò nas grutas do Parnasso.
 Aquí (cousa piedosa!) alçou a fronte
 A insipida *Burletta*, que tyranna
 Do Theatro desterra indignamente
Melpómene, e *Thalia*; e que recebe
 Grandes palmadas da Nação castrada.

Do denso Pôvo, que o payz povôa,
 Um com pródiga mão ricos thesouros,
 A trôco d'uma Concha, ou Borboleta,
 Ou d'uma estranha Flor, que represente

As vivas côres do listrado *Iris*,
 Dispendem satisfeitos : Outros paixão,
 Sem cessar , revolvendo noite e dia
 Do antigo *Lácio* antigos manuscriptos,
 Do roaz tempo meio-consumidos,
 Para depois tecer gróssos volumes
 Do — H — sobre a pronuncia ; ou si se deve
 A Conjunção unir ao Verbo , ou Nome ,
 Que marchão antes d'ella no discurso,
 Alguns (mísera gente !) inutilmente
 Compoem grandes *Iliadas* , e técem
 Aos vaidózos *Magnatas* mil *Sonettes* ,
 Mil *Pindáricas Odes* , e *Epigrammas* ,
 Aque apenas de olhar elles se dignão.
 Estes , cujas cabéças disgraçadas
 Não bastão a curar tres *Anticyras* , (2)
 Abrazados se crém d'una sancto fogo ,
 E ter commercio com os altos *Deoses* :
 Senhores da aurea fama e seus thesouros ,
 Se inculcão aos *Heróes* , e em seus delirios ,
 Se julgão máis felizes , e opulentos
 Que o grande Imperador da *Trapizonda* ;
 Em quanto , na pobreza submergidos ,
 Cobertos de baldões , e de improperios
 Dos *Riccos* ignorantes , e dos *Grandes* ,
 Com mófa e com desprezo , são olhados .

Deste pois populoso , e vasto Imperio

Em paz empunha o sceptro poderoso
O Génio tutelar das *Bagatellas*.

N'um magestoso Alcáçar , que se eléva ,
Com estranha structura , até ás nuvens ,
Assiste o grande Nume ; e d'alli rége
A Lunática gente , a seu arbitrio.
De transparente tâlco fabricado
É o largo edificio , que sustentão
Cem delgadas columnas de missanga.
Nos quatro lados , em igual distancia ,
Quatro torres de lata se levantão ,
Do Capricho ôbra , em tudo , muito prima ,
Onde a matéria céde muito á Arte.

Aquí pois a Conselho chama o Génio
Do seu Império os principaes Dynastas.

N'um vistoso sallão , todo coberto
De papél prateado , e lantejoilas ,
Se ajunta a grande Corte ; e allí , por ordem ,
Assentando-se vái : aos pés do throno
De alambres e velórios embutido ,
A *Lisonja* se vê , e a *Excellencia* ;
Segue-se a *Senhoría* , e a baixo d'ella ,
O *Dom* surrado , as grandes *Cortezias* ,
O *Wisth* , o *Trinta e um* , os *Comprimentos* ;
E logo o *Vamperismo* , os *Sorçilegios* ,
Os *Sylphos* , *Salamandras* , *Nymphas* , *Gnomos*
E os outros Génios da subtil *Cabála*. (3)

De mil vãs *Ceremonias* rodeada ,
Os assentos reparte a *Precedencia*.

Compôsto o grão rumor , e socegado ,
Assim do alto do thrôno o Génio falla :

« Illustres moradores deste excelso
» Magnifico Palacio , bem sabido
» Já ha muito tereis o quanto déve
» O meu-augusto Génio , a nossa Côrte ,
» Ao grão Prelado , que as ovelhas pasce
» Dos *Elvenses* redis : notório a todos
» Sem duvida vos é , como pospondo
» Das funções máis picdosas o cuidado
» A's nóssas bagatellas , só se empréga
» Em cousas vãs , ridiculas , e futeis.
» A corrupta , mas Real Genealogia ,
» O rôxo terciio-pêlo dos sapatos ,
» As pédras , que lhe esmaltão as fivéllas ,
» A preciosa Saphyra , a linda Caixa ,
» Onde , (sobre *Amphitrite* que tirada
» De escamosos *Delphins*, n'uma aurea Concha ,
» Os verdes Campos de *Néptúno* undoso ,
» Cercada de *Tritões* , nua passêa)
» Do famoso *Martin* (4) o verniz brilha ;
» Seu emprego só são , e seu estado.
» Em fim , entre os mortáes , não ha quem renda
» A' minha Divindade maior culto.
» Agradecido pois ao grande empêño ,

- » Que móstra em nos honrar , tenho dispoto
 » Dar á sua vaidade um novo pasto.
 » Que á uma escusa pórtá o *Deão* sáia,
 » C'o *Hyssope* , a espéra-lo , determino.
 » Deste meu parecer quiz dar-vos parte ,
 » Não sô para escutar os vossos vótos ,
 » Mas para que saibáes e fiqueis cértos ,
 » Que a Còrte não fazeis a um Nume ingrato. »

Acabou de fallar ; e confirmando
 Todo o sabio Congrêssó o seu dictame ,
 Um sussurro no Cónclave se espalha ,
 Ao do *Zéphyro* em tudo similhante ,
 Quando nas frescas tardes suspirando ,
 A bella *Flora* segue , que travêssa
 Cá , e lá , entre as flores , se lhe furta.

Mas a vãa *Senhoría* , que se lembra ,
 Que em casa do *Deão* sempre encontrára
 A mais benigna , a mais certa guarida ,
 Que seu nome na bôcca do Lacáio ,
 Do Cuzinheiro , dá Ama andava sempre ,
 A cabeça movendo descontente ,
 Tres vezes escarrou , e a vóz alçando ,
 D'esta sorte fallou ao grão Despóta :

- « Soberano Monarcha , que Tu queiras
 » Premiar a quem te honra , emprêza digna
 » É de teu coração : eu mesma approvo ;

- » E mil vezes dictára este consêlho ;
 » Mas que , para o fazer , hõje pretendas
 » Que um *Deão*, de *crescente* e curta vista ,
 » A dignidade abátta , e a esperar sáia ,
 » N'uma pórtta de escada , o seu Prelado ;
 » Nem justo me parece , nem louvavel.
 » Se Tu quêres honrar sua Excellencia ,
 » Outras maneiras ha de consegui-lo :
 » Na mesma Igreja de *Elvas* , e Cabido
 » Ha um *Bastos* , um *Souza* , dous *Aporros* ,
 » Que , juntos com os *Pittas* , pôdem todos
 » Iuda á mesma *commúa* accompanha-lo ,
 » Levantar-lhe a cortina do trazeiro ,
 » Lavar-lhe o nédio cû , — e até beijar-lh'o.
 » Estes , e outros d'esta mesma estóffa ,
 » De que o Bispado , quasi todo , abunda ,
 » A's cóstas vam buscar o gordo Bispo ,
 » Que inda que um pouco péza , vem seguro ;
 » Que são Cavallos méstres , e possantes . »

Máis queria dizer o vão Dynasta ,
 Quando , do seu assento , esbravejando ,
 Se levanta impetuosá a *Excellencia*
 O furor que lhe inflamma o grave aspécto
 As palavras lhe córta ; e principia
 Cem vezes o discurso , e lógo pára :
 Até que nêstas descompostas vozes
 Finalmente atreou a grande salla :

- » Como ! É possível que haja quem se atreva,
- » Neste Congresso , a opporse , cara á cara ,
- » Aos obséquios , que Tu , oh Nume , ordenas
- » A' uma Reverendissima Excellencia ?
- » Um *Deão* , c'o seu *Bispo* comparado ,
- » Um cominho não é ? Se Tu , oh Nume ,
- » O teu grande projecto não sustentas ,
- » Eu só... » E nisto batte o pé na Casa.

Ao rijo som da bestial patada
Tremeu o régio sólio , e o pavimento.
Assentos , e Assistentes assustados
Calirão pela terra. Emtão o Génio
Alçando um pouco a vóz : « Basta (lhe disse)
« Eu disputas não quero em meu Conselho ,
» Minha resolução está tomada ;
» Eu a escrevi , eu mesmo , em meu canhêho ;
» E o que escrevo uma vêz , nunco máis bórrro. »

Aquí , c'o rôsto um pouco carregado ,
O Cónclave despéde ; e logo chama
A vistosa *Lisonja* , que n'um ponto
Cem caras , cem vestidos , cem figuras ,
Cem linguas tóma , e muda brevemente
De palavras , e tom , segundo o gôsto
Dos que o governo tem ; e assim lhe falla :

- » Magnata principal da minha Côte ,
- » Eu , para executar este projecto ,

» Entre todos te escólho ; diligente
 » Parte a cumpri-lo ; pois de tuas artes ;
 » E de ti só confio a grande empreza. »

Acaba ; e máis velóz que a léve sétta
 Parte do *Itureo* arco ; ou na alta noite
 Cahir se vé do Céu brilhante estrella ,
 Vóa o falso ministro , abrindo os ares.

Junto da bôcca do cruel *Averno* ,
 A Provincia se vé da *Dependencia* ,
 Cujos Campos retalha ; murmurando ,
 Um pequeno ribeiro de agua turva :
 Não cria em suas margens tronco altivo ;
 Mas só hervas humildes , e rasteiras
 Produz o seu humor ; se algum arbusto
 Máis viçoso rebenta , as suas fôlhas
 Tem para a térra todas inclinadas.
 Funesto influxo do liquor maligno ,
 Que o succo lhe ministra ! Aquí , voando ,
 A *Lisonja* chegou ; e enchendo de agua
 Uma pequena infusa , que trazia ,
 As azas ábre , parte alegremente ,
 Fendendo os léves áres ; mil Cidades ,
 Mil Póvos deixa atraz , até que chega
 Da famosa azeitona á grande Terra.

Aquí , tomando a forma do *Lacáyo* . . .

Do fariante *Deão*, entra na Casa,
 A tempo que, de *chambre* e de *chinelas*,
 Pela comprida *salla* passeava,
 Sorvendo uma pitada de tabaco,
 Do quando em quando, sua *Senhoria*;
 Ora á janella chéga, e applicando
 Uma pequena lente á curta vista,
 O que passa na *Praça* vigiava;
 Ora arrotando, para dentro, torna.
 Ardía então em calma toda a terra,
 E o calor, que as *goélas* lhe seccava,
 Lhe faz bradar por *agua*, e *caramélos*.

A *Lisonja*, que ideneo tempo vive
 Para tamauha empreza, um cópo enchendo
 Da turva *lympa* do *regato* impuro,
 Com quatro *caramélos*, n'uma *selva*
 Lhe levou mui *lampeira*; elle sorvendo,
 Com muita *mogiganga* o *fôfo* assucar,
 Os *dédos* lambe, e logo o *copo* vaza
 Do maligno *liquor* dentro na *pausa*.
 Acabou de beber; e pouco a pouco
 O veneno se actúa dentro na *alma*:
 Uma *chamma* subtil, um vivo *fôgo*
 Lentamente se atúa: arde em *deséjos*
 De ir o *Bispo* buscar, de offrecer-lhe
 O mais activo *incenso*; mil *obsequios*
 Na *cabéça* lhe *relão*, e o *transportão*:

Da tarde em todo o resto não socêga,
 Nem na profunda noite estas idéas
 O deixão descansar um só momento :
 Sobre os fôfos colleções revolve o corpo,
 Mil maneiras pensando de adotá-lo.
 Umás vezes lhe lembra debuxar-lhe
 Em dourado papel sua precapia,
 Mas de Genealogia nada entende
 O triste, por seu mal : outras lhe occôrre
 Ir calçar-lhe os sapatos : com inveja
 Olha do illustre *Atuicida* a feliz sorte,
 Que os pratos, e a bebida lhe ministra.
 Da noite a maior parte assim consôme
 Nestes projectos vãos ; e em nada assenta.

Até que, junto ao tóque da alvorada,
 A *Lisonja*, tomando a léve forma
 D'um doce sôngo (apenas (5) cerra os ólhos),
 Entre mil vãos phantasmas lhe apparece,
 E assim lhe falla : « Oh grande Dignidade,
 » Cabeça illustre do Cabido *Elvense*,
 » Se do teu alto ingenho hõje pretendes
 » Dar ao Mundo uma prova, humildemente
 » Tomando o bento *Hyssope*, á porta nova,
 » Com elle, o teu Prelado, prompto espéra.
 » Honrar nossos Maiores cousa é sancta,
 » Que a natureza inspira : da Syntaxe
 » O cartapacio diz, que *máis illustres*

» Seremos , quando fórmos máis humildes. »

Neste ponto accordou o Prebendado ;
E vestindo-se á préesa , á Igreja córre ;
 Sem fazer oraçaõ , o *Hyssope* tóma ,
E com elle , na porta sinalada ,
 Sua Excellencia espéra : allí apenas
 Da liteira assomou o grande macho ,
 Por terra se prostrou , e desta sorte
 Ao Pastor , que se apéa , o *Hyssope* off'rece ,
 Que uma sancta vaidade respirando ,
 Nelle alégre pegou , e o sacro *Aspérges*
 Circumspecto lhe lança ; em si cuidando ,
 Que todo este profundo acatamento
 A seu illustre berço éra devido ;
E , néstas vãas idéas engolphado ,
 Foi devoto cantar a grande Missa.



CANTO II.

REINAVA a doce paz na sancta Igreja ;
 O *Bispo* , e o *Deão* , ambos conformes
 Em dar , e receber o bento *Hyssope* ,
 A vida em ócio sancto consumião.
 O bom vinho de *Malaga* , o prezunto
 Da célebre *Montanche* , as Galinholas ,
 As Perdizes , a Rôla , o tenro Pombo ,
 O grão Chá de *Pekin* , e lá da *Méca*
 O cheiroso *Caffé* , em lautas mezas ,
 Do tempo a máyor parte lhes levavão ;
 E o restante , jogando exemplarmente ,
 Ou dormindo , passavão , sem senti-lo.

Em tanto a *Senhoria* , em cujo peito
 Altamente ficou depositada
 Da soberba *Excellencia* a petulancia ,
 Mil vinganças na mente revolvendo ,
 Com-sigo mesma diz : « Que ! Por ventura
 » Não sou Eu a sublime *Senhoria* ,
 » Idolo de Pelões , e de Casquilhos ?
 » Quantas Mõças gentis , em cujos rostos
 » Entre lyrios brilhar se vem as rosas ,

- » A meu culto não rendem seus cuidados :
 » Quantos graves Varões , que sobre os livros ,
 » Ou de câas sob os élmos se cobrirão ?
 » Nas ricas , e faustosas assénbléas
 » Não tenho porta franca ? Não me fazem
 » Os Circunstantes todos mil lisonjas ?
 » Não correm apos mim ? não me festejão ?
 » Pois como soffro que a *Excellencia* altiva ,
 » A seus pés me derrube , e me atropelle ?
 » Que triumphe de mim impunemente ?
 » Ah ! se esta injuria soffro ; com desprezo
 » Entre a gente será meu nome ouvido :
 » Nem em Casas armadas de damasco ,
 » Ou de pannos de raz , onde spumando
 » Na ricca transparente porcellana ,
 » De *Carácas* se sérve o Chocolate ,
 » Rôda o Chá , o Caffé , se joga o *Wish* ,
 » Terei , como costume , entrada livre :
 » E sómente nas lojas dos barbeiros ,
 » Ou pintadas boticas , entre as môscas ,
 » A vida passarei triste , e sem honra.
 » A's armas pois corramos , e á vingança ;
 » Que desmaiar á vista dos perigos
 » É de ânimo abattido indicio certo.
 » Mil artes , mil maneiras de yingar-me
 » Buscará minha astucia. O mundo inteiro
 » Hôje conhecerá minha potencia. »
 Disse : e sobre o velez dourado carro ,

Que tirão seis Pavões , irada sóbe ,
Levemente rasgando o ar sereno.

Nas entranhas de *Rhódope* (6) escabrosa
Uma furna se rasga , tão medôñha ,
Que um gelado tremor , á sua vista ,
Dos tímidos mortáes os óssos córre :
Aquí luttando sempre em viva guerra ,
Rugem mil furacões de oppostos ventos ,
Aquí se ouveem silvar horrendamente
Górgones , e *Cerastas*. A *Discordia*
Aquí morada tem , aquí seu thrôno.
A este horrendo hospicio a *Senhoría* ,
Battendo as rédeas ás pomposas áves ,
Guia o soberbo carro. Espavorido
Da triste vista do medónho alvérgue ,
Tres vezes quiz atraz volver o vôo
Das bellas áves o soberbo tiro ;
E tres vezes o Génio vingativo ,
Sacudindo , raivoso , o longo açoute ,
O constringe , por fim , a tomar terra.
Alli do Carro desce , e ás palpadélas ,
Pela céga cavérna entra animosa.

No máis profundo da sombría estancia
Assiste a cruel Deosa , cujo rôsto
Apenas se devisa , á luz confusa ,
Que espalhão , respirando de continuo ,
Por olhos e gargantas , mil Serpentes.

Aquí o Génio chega ; e derribado
 Pela terra , que beija humildemente ,
 D'esta sorte fallou : « Nume terrível
 » Cujo grande poder ; cuja vingança
 » A Terra faz tremer , e o mesmo Olympo ;
 » A teus pés hõje chega a *Senhoria* ;
 » Atrozmente ultrajada , o teu soccõro
 » Contra a féra *Excellencia* , humilde implora :
 » Se de peitos illustres gloria , e timbre
 » Foi sempre proteger os desvalidos ,
 » Tu me vale em meus males , Tu castiga
 » D'um Génio insultador a petulancia.
 » Além disto presumo , não ignoras ,
 » Que o farfante *Deão* da Igreja de *Elvas* ,
 » Pela baixa lisonja persuadido ,
 » Esquecido da sua dignidade ,
 » N'uma pórtta travéssa , o bento *Hyssope* ,
 » Vem , sem brio , off'recer ao gordo *Bispo*.
 » Daquí nasce a concordia , que hõje reina ,
 » Em desprezo da tua Divindade ;
 » Na mesma Igreja o *Ocio* , e a *Perguiça* ,
 » De teu poder zombando , nellã habitão :
 » Tu mesma , se o meu pranto te não móve ,
 » Para crédito teu , perturbar déves
 » Esta seréna paz , que o *Ocio* nutre.
 » Tu pódes , se te agrada , a um só acêno ,
 » No seio da familia máis conforme ,
 » Dissenções semear , motins , e bandos ,

- » Banhar no fraternal sangue innocente
 » O buído punhal ; e n'um momento
 » A Terra confundir , e o Mar profundo :
 » Mil *Fraudes* , mil *Ciladas* , e mil *Tramas* ,
 » Como Escravas fieis , promptas te sérvem.
 » Do *Deão* fascinado pois desperta
 » A innata presumpção , o génio altivo.
 » Tu faze ; que conhêça o desar grande ,
 » Em que cahido tem , e se arrependa
 » Do baixo incenso , que á *Lisonja* rende :
 » Tã lhe traze á memoria , que seu nome ,
 » Seu nome illustre , na futura idade ,
 » Dos *Deãos* no catálogo , com mófa
 » De todos os vindouros será lido ;
 » Sabendo-se , que a tanto abáttimento
 » Seu spirito chegou ; Tu furiosa
 » Os ânimos altera , e a paz desterra. »

Disse : e o tyranno Nume respirando
 Das entranhás um negro e vivo fogo ,
 Desta sorte responde : « Bem conheço ,
 » Oh nobre *Senhoría* , quanto devo
 » A teu soberbo influxo ; quantas vèzes
 » Auxiliado tens minhas cabálas.
 » Sei , que , por teu respeito , se não falla ,
 » Na Terra , muita gente ; as muitas mortes
 » De que autora tens sido. Não me esqueço
 » Do que devo aos amigos. Vai segura ,

« Que eu já parto a vingar tuas affrontas. »

Aquí, sobre um feroz Dragão montando,
 Rápidamente vóa : incendios, mortes,
 Sacrilégios, traições, roubos ruínas
 Vai deixando a Cruél, por onde passa.
 Chega dos *Elvos* á Colonia antiga ;
 E vendo de passage os *Dominicos* ;
 Entre o Prior, e os frades mil disputas
 Sobre o Chá, sobre o Jôgo, e sobre os Dôces,
 Que aos Tafues, com mão larga, dá na célula,
 E sobre os trastes, que ás Senhoras manda,
 Tyrannamente excita : alguns gritavão
 Que o Convento roubava, que a Clausura
 E religiosa vida se perdêra :
 Outros, cheos de cólera, gritavão,
 Que por jogar o *Wisth*, e dar merendas,
 As rendas dissipava do Mosteiro ;
 Que por isso, no sancto Refeitório,
 A Fôme cruelmente os consumia.
 Mas o sancto Prelado, todo chéu -
 De exemplar paciencia, e de modestia,
 Vociferar os deixa, — e vai jogando.

Entre tanto a *Discordia* encara a porta
 Do grande Presidente do Cabido,
 A tempo que estirado, á perna sôlta,
 Sobre um molle *Sophá*, dôrmia a sésta.
 Roncava mui folgado, e cado ronco

A grande sala estremecer fazia,
Alli , encarquilhando o feio rôsto ,
Um *Rosario* tomou , e na figura
Da vèlha e carunchosa Ama se torna :
Assim , a lentos passos caminhando ,
Ao Cónego chegou ; assim o accórda :

« Como , em tão doce paz assim repousa ,
» Dórme , e descansa vossa *Senhoría* ;
» Ao mesmo passo , que na *Térta* toda
» Do seu nome se faz ludibrio , e mófa ?
» Como (*discorrem uns*) como é possível
» Que o bom *Capitular* , que viu o *Papa* ,
» Que em *Roma* conversou com o *Datario* ,
» E do sacro *Palacio* com o *Mestre* ,
» Que jóga o *Trinta e um* , e máis o *Wisth* ,
» Que *Chá* , e que *Assembléa dá em Casa* ,
» A tanto abattimento hõje chegasse ,
» Que á porta da *Commúa* o *Hyssope* traga ,
» Para off'rece-lo a um *Bispo* de má mórte ?
» Outros dizem. — Parece cousa incrível ,
» Que a principal figura do *Cabido* ,
» Que tem lôba de sêda , e trouxe ás cóstas ,
» Lá da famosa *Italia* a *senhoría* ,
» Tanto de si se esqueça , e do seu cargo ? —
» E Vossa *Senhoría* , ao ocio entregue ,
» Dórme profundamente ? *Accorde* , *accorde*
» D'esse mólle lethargo , que é já tempo ;

- » Véja o que deve a si , aos seus Maiores ,
- » A' grande Dignidade , que , brilhando
- » Com seus raios , o cerca magestosa ;
- » E deixe a vil *Lisonja* , que o arrastra. »

Aquí , os turvos ólhos esfregando ,
O *Deão* ábre a bôcca , estende os braços ,
A cabeça levanta , e desta sorte
Ao Monstro enganador irado falla :
« Que frenezim é este , Vélha tonta ?
» Está fôra de si ? ou bebeo vinho ,
» Que o mióló lhe faz andar á rôda ?
» Réze nas suas contas : Quem a mette
» Em cousas a fallar , que não lhe tóccão ?
» Vá-se lógo d'aquí... » Nestas palavras ,
Outra vez , sobre o mólle travesseiro
A pezada cabeça cahir deixa.

Então a cruél Deosa , ardendo em ira ;
« Pois não queres de grado (lhe tornava)
» Por teu brio acudir , a minha fôrça
» Agóra provarás. » Isto dizendo ,
A furtada figura prompta déspe ,
As hydras arrepélla da cabeça ,
E cheá de furor , uma arrancando ,
No seio do *Deão* , feroz a lança ,
E subito pélo ar desaparece.
Em tanto a cruél hydra a cáuda fôrça

Do Cónego nas míseras entranhas:
Em *Delphos* a famosa *Pythonissa*,
Toda agitada d'um furor Divino ,
Não géme tão convulsa , tão raivosa
Não córre , não retorce os vivos ólhos ,
(Não podendo soffrer a Divindade)
Como o pobre *Deão* : — Do *Sophá* salta ;
Correndo furioso toda a salla ,
« Armas , armas (bradava) guerra , guerra. »

A estas vózes acóde diligente ,
Da Caza toda a gente ; e presumindo ,
Que algum grave accidentè lhe roubára
De todo o pouco siso , pégão nelle ,
E por fôrça o levárão para a cama ,
Onde a crú cachação , a murro sêcco ,
Lhe fizerão cessar parte da raiva.



CANTO III.

ERA dia de festa , e na alta torre
 Da grande Cathedral , de vinte sinos
 O grave Carrilhão , rompendo os ares ,
 Os freguezes chamava á grande Missa ;
 Quando sua Excellencia vigilante ,
 Montando a grãa Leiteira , em que se via ,
 Com modestia exemplar , *Venus* pintada
 Sobre um globo de tenros *Cupidinhos* ,
 Qual ao mancêbo *Adónis* ou a *Páris* ,
 Na *Idalia* selva já se appresentára ,
 Para a Sé lentamente se encaminha .

Tu , jocosa *Thalia* , agora dize
 Qual seu espanto foi , sua *surpresa* ,
 Quando á pórtta chegãdo costumada ,
 Nella o *Deão* não viu , não viu o *Hyssope* .
 Tanto foi da *Discordia* o féro influxo !
 Caminhante que vê subito raio ,
 Ante seus pés cahir , ferindo a terra ,
 Tão suspenso não fica , tão confuso ,
 Como o grave Prelado : a côr mudando ,
 Um tempo immóvel fica ; mas a ráiva

Succedendo ao desmaio, entra escumando
 Na grande sacristia, e d'alli passa
 Para o Altar mór, aonde se revêste,
 Onde, como costuma, em contrabaixo,
 Sem saber o que diz, a Missa canta.
 Toda aquella manhã, uma só benção
 Sobre o Póvo não lança, antes confuso
 Em profundo silencio á Casa tórna,
 Onde logo a Conselho convocando
 Toda a grande familia, assim lhe falla :

« Amigos, Companheiros, que o Destino
 » Fez do meu mal e bem participantes,
 » O caso sabereis máis execrando,
 » Que até hõje no Mundo se tem visto.
 » O *Deão...* » (E aqui, dando um grão soluço,
 Em pranto as négras faces todas banha,
 Suspenso um pönco fica, e logo tórna)
 « O soberbo *Deão*, que sempre attento
 » Ao meu alto decóro, o sancto *Hyssope*
 » Vinha trazer-me á pórtá do Cabido
 » Hõje não só deixou de vir render-me
 » (Ah ! que não sei, de nojo, como o conte !)
 » Este obséquio devido ao Real sangue,
 » Que nas véas me pulsa heróicamente ;
 » Mas, na sua cadeira empantufado,
 » Os Psalmos entoava, em mim fitando
 » A carrancuda vista ; de tal sorte,

- » Que mostrava insultar-me ; com desprezo.
- » A raiva, e o grão furor, que a alma me occupão,
- » Me tem fóra de mim : não sei que faça
- » Para vingar tão grande e atroz delicto.
- » Vós conselho , vós artes , vós maneira
- » (Pois a vós também chêga a grande affronta)
- » Me dai , para punir este atrevido. »

Disse : e um grande Lacáyo da liteira ,
Famoso *Rodomonte* das tavernas ,
A voz tomando a todos , désta sóрте
Seu consêlho propoz : « Tão grande caso ,
» Senhor , se léva a páu : eu tenho um ráio
» De sége , ha muito já exp'rimetado
» Em funções semelhantes , eu com elle
» De sua Senhoria tal vingança
» Hôje espero tomar , que de escarmento
» A todos sirva... » Aquí o grande *Almeida*
Gentil-homem da Cámera , e da Bôcca ,
Homem de Gabinete , e de Consêlho ,
Bom Poéta , Orador , *Petrus in cunctis* ,
Que góza do Prelado a confidencia ,
O discurso lhe atalha deste módo :
« Se este horrendo , execravel attentado ,
» Ao vê-lo , digno de que o *Sól* brilhante ,
» Os rubidos Cavallos affastando ,
» Corresse a mergulhar-se eternamente
» Nas voragens da noite máis espessa ,

- » Se houvesse de levar, por força e armas ;
- » Eu armas , coração , e forças tenho :
- » Mas violentos remedios só se applicão
- » Em mal desesperado ; isto supposto ,
- » Astucia , e máis astucia se precisa ;
- » Que , onde reina a *Prudencia* , nada falta.
- » Vossa Excellencia conta no Cabido
- » A muitos parciães , e lisongeiros ;
- » Estes pois , sendo a Conclave chamados ,
- » Poderão sustentar o seu partido ,
- » E obrigar que o *Deão* faça por força
- » O que fazer recusa voluntário. »

A estas vozes , babando-se de gôsto ,
O Prelado exclamou : « Oh raro engenho !
» Meu poder , minha força , e meu consêlho !
» O teu voto me praz ; segui-lo quero.
» Chamem-me, logo logo, o douto *Andrade*,
» O *Gran-Penitenciario* , o sêcco *Marques* ;
» E o jantar se prepare promptamente. »

Já na sobêrba meza cem terrinas ,
O vapor mais suave derramando ,
A insaciavel gula provocavão ,
Quando chegão ao cheiro os Convidados ,
Que , feitos os devidos cumprimentos ,
Sem distincção , em tórno , se assentárão.
Começão a chover logo os manjares ,
Cem Perdizes , cem Pombos vem voando ,

Cem especies de môlhos, cem de assados,
 Grandes Tortas, Timbales, pasteis, crèmes
 Cóbrem com symetria a grande mesa :
 A cabeça não falta de Vitella,
 Nem do gordo animal a curta pérna,
 Cozida em bráncos leite, ou doce vinho.
 Mil fructas, mil corbêlhas, mil compôtas
 A terceira cobêrta logo adornão ;
 E em dourados cristáes, óh loução *Baccho*,
 De tuas plantas brilha o rôxo sumo.
 Entre tanto na pórtá do Palacio,
 A cem póbres o Bicho da Cusinha,
 Por ordem do Pastor charitativo,
 Um Caldeirão de caldo repartía.

Entre os cópos, que em tórno sempre girão,
 Brevemente propoz o gordo *Bispo*
 Aos bons Capitulares seu projecto,
 Que todos approvárão, e allí júráo
 Pelo doce liquor, que impetuoso
 Pelas véas, e cérebro lhes córre,
 De o sustentar — até darem as vidas
 Por vê-lo felizmente executado.

Assim da lanta mesa entre as delicias
 Largas horas passárão docemente ;
 Em um quejo de *Parma* inda roía
 A alégre Companhia, pastejando,

Quando das sanctas *Vésperas*, na tórre,
 Fez sinal o relógio. Descontentes
 Ao triste som do abhorrecido sino
 Se levantão em pé os Prebendados,
 E fazendo uma longa reverencia,
 Córrem velozes, por fugir da mulctá,
 A ganhar no alto Chôro os seus assentos:
 Allí mesmo, primeiro que rezassem,
 A seus sabios Collegas proposérão,
 Que para resolver certo negocio
 De máior interesse ao grande Corpo,
 Preciso vinha a ser, que ao outro dia,
 Em que o *Deão* da Terra se ausentava,
 Se ajuntasse o Cabido. Na proposta,
 Sem nenhum discrepar, todos concordão.
 Engrolados os Psalmos, para casa
 Cada um se partiu, em si pensando
 Qual seria o negocio, que obrigava
 O Cabido a chamar. Alguns julgavão.
 Que a *Pia d'Agua Benta* se mudava:
 Outros, chéos de gôsto presumião,
 Que para se vender mais caro o trigo,
 Que no commum Celleiro se guardava,
 Algum Celeste arbitrio se encontrára.

Mas o famoso *Bastos*, d'outra sôrte
 Comsigo discorría: « Certamente,
 * Para nos distinguir da baxa plebe

» Dos vis Beneficiados , desta feita
 » (E como se ufanava !) Se nos manda ,
 » Que de verde forremos as batinas ;
 » E que Chapéo azul , com bórlas brancas
 » Tragamos na cabeça. » Neste ponto ,
 Em si proprio , de gôsto , não cabendo ,
 Pulava para o ar , batia as palmas.
 Não de outra sorte o misero mendigo ,
 Que sonha achar thesouros sotterrados ,
 Se alégra , salta , e fólga , e se imagina
 Igual ao gran-*Sophí* da ricca *Persia* ;
 Que o vão Capitular , que ja se pinta
 Na sua extravagante phantasia
 A pár do gran-*Lamá* , no fausto e pompa ,
 Ou do féro *Muphti* dos *Musulmanos*.

Chéo destas idéas entra em casa ,
 E para dar seu vóto na Assembléa
 Com máis legalidade , pedir manda
 Ao Rábula do *Céa* alguns Autores ,
 Que os Canones sagrados commentarão.

— O douto *Accursio* , todo satisfeito
 De poder grangear um Prebendado ,
 Esperando medrar por esta via ,
 E vestir alguma hora a rôxa murça ,
 Digno prémio das suas gordas lettras ,
 Lhe envia o *Bertachino* , o grande *Granha* ,
Tamborino , *Escolano* , *Spada* , e *Pichler* ,

Meninas de seus ólhos , flor e honra
Da rançosa , indigesta Livraria.

O bom Cónego , vendo os grossos tómos ;
De-prazer , em si proprio , não cabia :
Julgando , pelo vulto dos volumes ,
Que d'elles qualquér seja Autor de arromba ;
Já , sem demóra ordena , que lh'os tragam ,
Para um voto lançar , que semelhante
Nas Decisões da *Róta* não se encontre ;
Papél de Hollanda , pennas , e tinteiro ;
E para que completo em tudo fosse ,
A *Roda da Fortuna* , e *Cristaes d'alma* (7)
Trazer manda tambem , fazendo conta
De , em partes , lhe sirgir alguns pedaços ,
Que encantado o deixarão , quando os lêra ,
Isto ordenado , para a banca chega ,
O lenço tira , o gróssio monco assôa ,
Tóma tabaco , escarra , os livros abre ,
E a folhear coméça ; porêem vendo
Que nada entende do que está escripto ,
Para a céa se chega , e enchendo a pansa ,
Se foi a repousar no brando leito.

Já a rosada *Aurora* , derramando ,
Do candido regaço , sobre os prados ,
Mil orvalhadas flóres , despertava
Com a trémula luz de sette côres ,
Os miseros mortáes a seus trabalhos ;

Quando , na grande salla do Cabido ,
Se ajuntão os zelosos Prebendados ;
E tomando , por ordem , seus assentos ,
Depois d'um breve espaço de silencio ,
Se alçou o grande *Abreu* , com rôsto grave ,
E feita uma profunda reverencia ,
Desta sôrte fallou : « Cabido illustre ,
» Exemplar de Cabidos , e virtudes ,
» Bem sábe vossa illustre Senhoria ,
» Que góza felizmente a distincta honra
» De ter por Chêfe , por Pastor , e *Bispo*
» Um ramo do Real *Portuguez* Tronco :
» Tambem sábe , que a gloria da cabeça
» Aos máis membros se estende ; e além disto
» Occulto lhe não é quanto se empenha
» Em honrar sua Sé este Prelado.

» Tu , *Sancta Quarentena* , tu o dize ;
» Pois viste a importantissima reforma ,
» Que em nossas grandes Cappas fez zeloso
» Este grande Prelado , não soffrendo ,
» De seus Capitulares em desdouro ,
» Os antigos franjados alamares ,
» Que a móda já ridiculos tornára. (8)
» Deixo por ora de fazer memoria
» D'outras grandes acções , em que seu zêlo
» Por nós , brilhar se viu ; e só não pôsso
» Em silencio passar aquélla rara ,
» Grande , e quasi Real magnificencia ,

- » Com que sua Excellencia foi servido
- » A muitos membros deste grave Corpo
- » Uns *Capitães* fazer , outros *Tenentes* ,
- » Alguns *Alféres* , *Adjudantes* outros ,
- » Este *Major* , *Sargento* e *Cabo* aquelles ;
- » Quando a *Furia* infernal da voraz *Guerra* ,
- » Rompendo as portas do espantoso *Avérno* ,
- » Desboccada sahio , o ferro , o fôgo
- » Nas gárras sacudindo ; e furiosa ,
- » Depois de ter corrido largo tempo ,
- » Com sanguinosa planta toda a *Europa* ,
- » Em *Portugal* entrou , ameaçando ,
- » D'um estrago fatal , nossas *Prebendas*.
- » Nem o raro valor , com que seguindo
- » De seus Avós as inclytas façanhas ,
- » Ao som da *Caxa* e *Pifaros* , na frente
- » Da brava *Ecclesiástica* phalange ,
- » *Coronel General* dignou chamar-se :
- » Accão , pôr certo , digna de ser lida
- » Com lettras de ouro , na *Gazêta* da *Haya* ,
- » Ou nas folhas volantes , que em *Lisboa*
- » Os *Cégos* apregoão pelas ruas.
- » Estas razões , Senhores , nos obrígão
- » A olhar , como propria , a honra sua.
- » Ella ultrajada se acha indignamente
- » Pelo altivo *Deão* ; pois costumaudo
- » (Nós testemunhas sómos , nós o vimos !)
- » Vir humilde esperar , c'o sancto *Asperges*

- » A' pórtá deste Alcaçar , de repente ,
 » Mudando de systema , hóje refusa
 » Este obsequio render , este tributo ,
 » De tão altas virtudes merecido ;
 » Turbando injustamente em sua pósse
 » O grandioso Prelado. Este desprezo ,
 » Esta pois tão atroz , e négra injúria ,
 » Que , em menoscabo seu , nas nossas barbas ,
 » Se fez ao seu carácter , nós devêmos
 » Promptamente vingar. Sim , consultêmos
 » Os Canones sagrados , e vejamos
 » A fórma , o módo. » — Emtão o *Ramalhete* ,
 Theólogo chappado , e Canonista ,
 Que o Dialéctico *Pharo* de cór sábe ,
 Que de sancto *Thomaz* tem lido a summa , (9)
 O *Genet* , *Busembaum* , *Lacroix* , *Guimenio* ;
 Que sábe decidir magistralmente
 A famosa questão , — se um Burro póde
 O Baptismo beber , ardendo em sêde , —
 Que argumenta nas Théses dos *Capuchos* ,
 E inchando do pescoço as cordovéas ,
 Infére , grita , próva , e náda cólhe ;
 A vóz alçando grave , e magestosa ,
 Nestá fórma votou : « Lavrar-se déve
 » Um terrível *Accordão* , que de exemplo ,
 » Da Historia nos annaes , a todos sirva :
 » O farfante *Deão* seja obrigado ,
 » D'elle em virtude , a desistir da fôrça

» Que ao bom Prelado faz na sua pösse ,
» Fulminando-lhe mulctas , e outras penas ;
» Este Cabido tem authoridade
» Para o fazer : em muito bons autores
» Assim o tenho lido : este é o meu vóto. »

—O *Bastos* , neste instante , homem versado
Na lição de *Florinda* , e *Carlos Magno* ,
Quiz metter seu bedêlho : mas *Andrade* ,
De seu discurso não fazendo caso ,
Do douto *Magistral* o vóto appóia
Com mil textos que aponta , a troxe môxe ;
No *Sexto* , *Decretaes* , e *Clementinas* ,
Capitulos inteiros terminantes ,
Para prova-lo , encontra ; e a outra turba
Que c'o queixo cahido os escutava ,
Arqueando , de pasmo , as sobrançellas ,
No que dizem os dous , prompta , concorda.

Em vão o *Thesoureiro* , em vão o *Chantre* ,
Homens austéros , que adular não sabem ,
S'oppoem tres vezes ao sinistro *Accordão* ;
Que a *Lisonja* astuciosa , que , voando
Sobre suas cabêças , invisivel ,
Os seus vótos inspira , faz que todos ,
A callar-se , os obriguem ; murmurando ,
E levados da fôrça da torrente ,
Assinárão tambem o vão Decreto.

CANTO IV.

N'UMA casa de campo , descuidado
Entre tanto , passava alégremente
O farfante *Deão* os longos dias
Em que *Phebo* insoffrido , unindo as furias
A's que ráivoso vibra o *Cão* celeste ,
Abraza as calvas terras *Transtagânas* :
Quando o Monstro veloz , que por cem olhos
Todas as cousas vê , e as cousas todas
Por cem bôccas , cem linguas palra , e conta ;
Com cem azas fendendo os largos ares ,
Aos ouvidos lhe léva a cruél nóva
Do barbaro Decreto. Em paz-serena
Então jogando sua Senhoria ,
Ganhava um real *róber* : mas apenas
As orêlhas lhe fére. o infausto aviso ,
Quando subitamente lhe cahirão
Das mãos as Cartas. Pallido , e suspenso
Largo espaço ficou. — Não de outra sóрте
Immovel fica , que o mancêbo ardido
Que seguindo no Campo , com seus galgos ,
O fugaz animal , subitamente ,

Ante os pés do Cavallo , vê a térra
Em profundos abysmos despenhar-se.
Mas das potencias recobrando o uso ,
Que o subito desgôsto lhe embargára ,
Escumando de ráiva , entre si disse :
« Pois não quérem a paz , haverá guerra.
» Vós , sanctos Céos , e Tu , Astro brilhante ,
» Que o dia trazes , e que o dia lévas ,
» E que eu nascer não vejo ha longos annos !
» Vós testemunhas sois , si eu pretendia
» Máis , que em paz desfructar minha Prebenda ,
» Comer , jogar , dormir , e divertir-me.
» Mas já que Tu , oh *Bispo* revoltoso ,
» E Tu , infame , adulator Cabido ,
» A mudar me obrigáes , com vís Cabálas ,
» De tão sancto propósito , — até onde
» Chegão dos *Laras* o valor e o brio ,
» Desta vez provareis . » Isto dizendo
Levanta-se furioso ; e sem respeito
Ao real *Róber* , que ganhado tiuha ,
(Tanto póde a paixão no peito humano !)
Assim mesmo , e sem ver quanto indecente
Foi sempre á *Senhoría* andar á páta ,
Ao caminho se póz , aos ilhaes dando ,
Suando e melancholico entra em Casa .
Alli , sem socêgar , ora passéa
Pela comprida Salla , ora se assenta ,
Ora comsigo falla . Em vão a mesa

Os Criados.lhe põem ; em vão os górdos
 E tenros Perdigôtos , a sallada ,
 A fructa , o vinho , os doces o convidão ;
 Que , sem cêa , esta noite foi deitar-se.
 Allí a molle pluma se lhe tórna
 Em duro campo de cruél batalha.
 Mil cuidados o invéstem ; seu decóro
 Atrozmente offendido , a todo o instante ,
 A' memoria lhe vem : ora d'um lado
 Os lassos membre vólve , ora do outro :
 Suspira , tósse , escarra , e abrindo a caixa
 Tóma o insulso *rapé* , e não socéga.

A triste *Senhoría* , que chorando
 A deshonra commum , aos pés do leito ,
 Companhia lhe faz , compadecida
 Do seu desasocego , veloz parte
 A trazer-lhe um pesado , e doce somno.

Entre as róchas do *Bósphoro Cimmerio* (10)
 Uma gruta se vê , onde não entra
 Já máis a luz do sól ; sombria alcôva ,
 Onde , em triste lethargo submergido ,
 Repousa o *Deos do somno* , coroado
 De brancas perguiçosas dormideiras :
 Em tórno ao tórpe alvergue não se escuta ,
 Com seu canto , chamar o esperto *Gallo*
 Da *Aurora* a clara luz ; nem na alta noite
 Ladrar raivosos cães ; mas só murmura

Um placido ribeiro , que respira ,
 Com o surdo rumor , paz e descanso.
 Outros menores *Somnos* , fértil próle
 Do indolente *Morphéo* , allí assistem.
 Tanta espiga não doura a fértil *Ceres*
 No caloroso Estio ; tantas flores ,
 Na fresca Primavera , pelos prados
 Fecunda não produz a *Madre Terra* ,
 Quantos alli se vem , todos diversos
 De génios , de costumes , de figuras ;
 Uns de lugubre aspécto , outros de lédo ,
 Muitos pesados são , muitos são léves ;
 Estes , entre vãos sônhos , de contino
 Pela escura Cavérna andão voando ;
 Os ólhos tem cerrados , e dormindo ,
 De mil hervas lethargicas o succo
 Esprémem d'entre as mãos. Calladamente
 Aquí se chega a triste *Senhoria* ,
 E um delles , pelas azas , agarrando ,
 A' Casa do *Deão* , çomsgo o léva ,
 Que urrando de disgosto , não dormia :
 Mas mal o lumiar tócca da pórtta ,
 Quando o humor somnolento derramado
 Do somno pelas mãos , aos ólhos chéga
 Do despérto *Dedo* , que lógo os cérra ,
 E a resonar coméça docemente.

Então o Génio , em sônhos lhe apparece ,

E fallando com elle assim dizia :

- » Que é isto , illustre *Lara* ! Assim desmáia
- » Teu forte coração ! Como é possível ,
- » Que quem poude soffrer o grave aspecto ,
- » Em *Roma* , das maiores Personagens ,
- » Sem susto , sem temor , hõje esmoreça ,
- » Pércia toda a constancia , tréma , e géle ,
- » Só á vãa ameaça d'um Cabido ,
- » A quem faltou , sem ti , alma e cabêça ?
- » Animo pois , valor , e seguranca ,
- » Que o Campo cederão os inimigos.
- » Nesta Cidade tens discrétas pennas ,
- » Tens de *Sérpa* o Auditor, que o vélho *Accursio*,
- » E *Bártholo* o famoso só despreza , (11)
- » Por que idólatras fôrão , e adorárão
- » A *Jóve* , *Marte* , e *Juno* , divindades
- » A quem aras ergueu o *Paganismo*.
- » O *Céa* tens tambem , tens o *Fernandes* ,
- » Oraculos de *Astréa* , que seu dente
- » Em Cânones tambem méttem ousados ;
- » Estes consulta , e segue os seus dictames ,
- » Para o orgulho abatter de teus contrarios. »

— « E tu , quem es , Espirito Celeste ,
(O *Deão* encantado , lhe pergunta ,
Da graça , que no rôsto lhe scintilla)
» Que a consolar-me vens nos meus trabalhos ! »

— » Eu sou (Ella lhe tórna) a *Senhoría* ,

» A quem , com tanto extrêmo , tu adoras. »

A estas vozes , da cama salta fóra ,
Por terra se lhe prostra , batte os peitos ,
De gôsto dôces lágrimas derrama ,
Bejar-lhe quiz os pés ; mas neste instante ,
Ella desaparece , e elle accorda.

Já o sól , esmaltando com seus raios
A alégre térra , entrava ás furtadélas ,
Das cerradas janéllás pelas fisgas ,
E as importunas môscas começãõ ,
Com seu lento sussurro , e com os curtos
Aguilhões , que nas carás lhes cravavãõ ,
Os poltrões a accordar , que inda dormiãõ ;
Quando o nosso *Deão* , todo engolphado
Na Celéste visãõ , se véste alégre ;
As meias *gris de fer* , e máis as luvas ,
A Cazaca de seda , e mais a Cappa ,
Em sinal de prazer , preparar manda ;
O *Crescente* pentéa , e todo guápo
E do pó sacudido , sáhe de Casa.

Ha d'*Elvas* na Cidade um Escriptorio ,
Onde assiste a *Trapaça* , e o *Pedantisimo*.
Alli os féos monstros consultados ,
Do gritador *Fernandes* pela bôcca ,
Suas respostas dão á rude plebe.
Aqui o Reverendo Prebendado

Seus passos encaminha , e aquí chéga ,
A tempo , que de *chambre* , o novo *Caio*
A um rude Camponez , que o consultava ,
D'uma fraca jumenta sobre o escaimbo
Com outro seu vizinho , respondia :
Mil livros tem abertos , e mil textos
Em latim , *ad formalia* , lhe repéte.
Mas si o rústico delles nada entende ,
O Doutor muito menos entendia :
« O seu caso (lhe diz) proprio , escarrãdo
» Neste livro , aquí temos , vá seguro ,
» Que , a seu favor , terá final sentança. »

Neste momento sua Senhoría

A' pórtá chega , e o gran-Consulta , ao vê-lo ,
Lógo o rústico deixa , e vai busca-lo.
A' parte se retirão ; e no caso ,
Que o *Deão* lhe propoem , ambos conferem.
Aquí a Livraria vem abaxo ;
De poeira uma nuvem se levanta ,
Que sáhe dos vélhos , e traçados livros :
Em vão sacóde os punhos , e a Casáca
O bom *Deão* ; que quanto máis sacóde ,
Máis poeira dos livros vem cahindo.
Lê , e re-lê o gran-Jurisconsulto ,
E depois consid'rando , assim conclue :
« A' Metrópole vossa Senhoría
» Déve lógo appellar. Isto me ensinão
» Os Doutores , Senhor , que tenho lido. »

- « Inda assim (replicou o fôfo *Lara*)
» Véja vossa merce sempre o que dizem
» No ponto *Van-Espen*, *Dupin*, *Bartholio*.
» Estes livros louvar, e seus Autores,
» N'uma douta Assembléa tenho ouvido.
— « Que *Van-Espen*, *Dupin*, e que *Demonio*?
(Disse o Consulto então escandecido)
» Esses nomes jamás, esses escriptos,
» Nem ouvi repetir, nem meu Peculio
» Com elles uma voz alléga, e prova :
» Sem d'úvida serão d'alguns Heréges.
» Aquí temos o bom *Panormitano*,
» Em grande letra Góthica, os *Fagnanos*,
» *Valenças*, *Belarminos*, *Anacletos* :
» Estes sim, que são livros de mão-chéa ;
» E não esses Autores estrangeiros,
» Que com sua doutrina a Igreja empestão :
» O que lhe digo, faça : *Appelle*, *Appelle* ;
» E deixe -se do más, que é parvoíce.
» Advirto-lhe tambem, que não se esqueça
» De pedir os *Apóstolos* ; e sejam
» Os *reverenciades*, por que suspendam
» Do malevolo *Accordão* os effeitos ;
» E não uma só vêz ; mas muitas vezes,
» Com más, e más instancia, instantemente. »
— « Isso (diz o *Deão*) é escusado ;
» Eu conservo, entre varias baforinhas
» (De *Agnus Dei*, de *Verónicas*, de *Bréves*,

- » Que trouxe lá de *Roma*, e ao despedir-me,
- » Me deu o *Passionei*,) uma Cabeça
- » Do glorioso *são Pédro*, cousa rara !
- » Obra de insigne Mestres. Talvez este,
- » Como Príncipe foi do Apostolado,
- » Baste no nosso caso, a serem nellè
- » Os sagrados *Apóstolos* precisos.
- » Véja, Doutor, se tem isto camiuho,
- » Por poupar-me a vergonha de pedi-los. »

- « Não são esses (sorrindo-se, lhe tórna)
- » Mas outros, os *Apóstolos*, que digo,
 - » E que precisos são no nosso caso :
 - » Esta phrase, Senhor, entre os Praxistas,
 - » Tem diverso sentido, e significa
 - » O como a *Appellação* déve expedir-se.
 - » A alguns destes *modernos* tenho ouvido
 - » Que fóra no Romano Fóro usada,
 - » E nelle os Canonistas a pescarão ;
 - » Eu porem deste achado, e d'outros muitos
 - » De que elles se presumem os Autores,
 - » (Do bom *Phébo*, bom *Mendes*, e bom *Pégas*,
 - » A luz e norma dos que o Fóro cruzão,
 - » Com punivel despejo motejando)
 - » Cá para mim me rio ; pois não acho
 - » Em meu Peculio similhante nóta.
 - » Faça pois, sem demóra, o que lhe digo,
 - » Que outra estrada não tem, por onde póssa

- » Do *Accordão* escapar á sem-justiça. »
Corrido, e aconselhado, ao mesmo tempo,
Do Doutor o *Deão* se despedia ;
Quando o Consulto dando uma palmada
N'um livro, que na banca estava abérto :
« Espere (lhe gritou) que neste instante
» Uma cousa me lembra de substancia :
» De Juizes venaes, e corrompidos
» Tudo esperar se déve ; e déve tudo
» Com tempo prevenir, o que é prudente.
» E como os seus, Senhor, são d'esse póрте,
» Se déve recêar, que lévemente
» A sua *Appellação* possão negar-lhe ;
» Assim, por evitar longas ambages,
» Que dinheiro, paciencia, e tempo gastão,
» Será melhor que Vossa Senhoria
» Appelle logo, — *coram probó viro.* »
— » E que querem dizer, Doutor amigo,
» Essas palavras, — *coram probó viro?*
» Que eu do latim estou quasi esquecido :
» Sem embargo de que (dizia o *Lara*)
» Quando fui Estudante, era eu uma Aguia,
» (Não o digo, Doutor, por fanfarríce ;
» Que eu de bazófia nunca tive nada)
» Em declinar velóz nominativos :
» E na Classe o trophéo levei mil vezes ;
» Por sinal, que de tê-lo, boas fitas
» O Mestre me rapou, que éra um alambre.

- » Mas vôão , vôão os ligeiros annos ,
 - » E daninhos , consigo , tudo lévão ,
 - » Os góstos , a saúde , e a memoria ;
 - » E qualquér rapazinho agora póde
 - » Rachar-me com quinãos affoutamentê.
- « Querem dizer , que Vossa Senhoria
- » (O Fernandes lhe volta) appellar déve
 - » Perante algum Varão , que em dignidade
 - » Constituido seja ; *verbi-gratia* ,
 - » O Guardião dos *Capuchos* , dos *Paulistas*
 - » O Reitor , o Prior dos *Dominicos* ;
 - » Este foi efficaz , prompto remédio ,
 - » Que os famosos letrados *Palma* , *Decio* ,
 - » *Bártholo* , *Castro* , e *Baldo* descobrirão
 - » Contra injustos Juizes , que denégão
 - » A justa *Appellação* aos Litigantes.
 - » Esta lembrança é minha , (não entenda
 - » Que , por gabar-me , o digo ; os meus estudos
 - » Assaz notorios são nesta Cidade).
 - » Nove vezes (não trato por agora
 - » Do Autor da *Arte legal* , nem do *Perfeito*
 - » *Advogado* , ou do *Flaviense Gomes* ,
 - » Por serem todos tres de menos pôlpa) ,
 - » Tenho lido , e cotado em mil lugares
 - » O grande Portuguez *Cabral* , *Vanguérve* ,
 - » E o famoso *Bremeu* , de cujo livro
 - » Faz lógo ver o Título a grandeza ;
 - » O mesmo digo do moderno *Campos* ;

- » Sem que o nosso *Ferreira* me escapasse,
 - » Autores todos de maior chorume,
 - » Que esses seus *Zalweins*, que os seus *Barthelios*.
 - » Esta lembrança pois, a dizer torno,
 - » Nem todos a terião ; não o *Céa*,
 - » Não o Doutor *Caetano*, e a récua toda
 - » Dos nóvos *lettradinhos á franceza*,
 - » Que sem trégoa as orêlhas nos martelão,
 - » Não sei com que *Noodts*, nem com que *Strachios*
 - » E outros galantes nomes táes como estes,
 - » Que na bôcca não cabem, nem a lingua
 - » Pôde, bem que se affanne, pronuncia-los;
 - » *Mouriscos* dévem ser, ou eu me engano,
 - » Que *Christãos* nunca usárão de táes nomes.
 - » Vá pois, Senhor *Deão*, e sem recéo
 - » A sua *Appellação* prompto interponha,
 - » Que aos Juizes depois intimar déve,
 - » Si quér das mulctas escapar ao ráio;
 - » Que o terrivel *Accordão* lhe fulmina.
 - » Não durma sobre o caso, nem descanse:
 - » Que, segundo a vulgar régra em Direito,
 - » *O Direito aos que dormem não soccore.*
- « Essa régra, Doutor, é o *Diabo*!
- » Merecia, o que a fez, as mãos cortadas.
- (O *Deão* assustado repetia.)
- » Visto isso, por amor desta demanda
 - » Heide eu perder a paz, e o meu socêgo,
 - » Não dormir, vigilar continuamente?

- » Oh ditoso *Arganaz* , e tu , *Marmôta* ,
- » Que sem demandas ter , nem ter cuidados ,
- » Passáes dormindo quasi o anno inteiro !
- » Oh quanto máis feliz é vóssa sorte ,
- » Que a nóssa , tristes homens ! Pois , se acaso
- » Queremos defender nósso Direito ,
- » O Direito nos deixa , se dormimos !
- » Meu Doutor , se essa régra é verdadeira ,
- » Fique o malvado *Accordão* subsistindo ,
- » Chovão embóra sobre mim as mulctas ,
- » O vestido de seda , a lôba , a murça ,
- » Pela agua abaixo vám , tudo se pérca ,
- » Com tanto que eu não pérca um só instante
- » Dos meus suaves , regalados sômnos. »

Aquí , com branda vóz , o bom *Fernandes*
Ao afflicto *Deão* assim consola :

- « Senhor , os textos tanto ao pé da lettra
- » Se não hão-de entender , como imagina ;
- » Não é da mente pois do gran-Consulta ,
- » Que esta régra dictou prudentemente ,
- » Que não devam dormir os pleiteantes ,
- » Que isso seria desmarcada asneira ;
- » Sua tenção sómente foi lembrar-nos ,
- » Que quem litigios tem , e quer vence-los ,
- » Déve tudo attentar , e ser espérto. »

— « Isso agóra , (cobrando nôvo alento ,
» Diz o *Deão* farfante) é outra consa. »

- » Por esperto , não tenha , Doutor , mêdo ,
- » Que me haja de vencer o gôrdo *Bispo* ;
- » Que aqui , onde me vê , soû grão lavérco :
- » Muitas vêzes no *Wist* , estando a nóve ,
- » Na segunda partida , os meus Contrarios ,
- » De táes artes me valho , táes maránhas ,
- » Que (não tendo máis que um) lhes ganho o *róber*. »

Isto dizendo , e feita uma zumbáia ,
Do Doutor *Bartolista* se despéde ;
E máis ligeiro , que um ligeiro Galgo
Para casa direito o fio tóma ,
Onde , sem se despir , manda , lhe tragam
Prestemente a comida , e prestemente
Engóle , pensativo , alguns boccados ;
E na mesma cadeira , sem deitar-se ,
Umás vezes dormindo , outras pensando ,
Por algum tempo recostado fica.



CANTO V.

AINDA o chylo bem não tinha feito
O farfante *Deão* ; quando , lembrado
Do— *coram probo viro* — do *Fernandes* ,
Abre a Caixa , e tomando uma pitada
De mososo tabaco , assim dizia :
« Que inércia é esta ? Que perguiça , oh *Lara* ,
» Que os membros , e sentidos te adormenta ,
» Quando por inimigos tens em Campo
» O gôrdo *Bispo* , o *Abreu* , o *Ramalhete* ,
» Velhâcos todos da primeira plana ?
» Al'érta , *Lara* , pois ; al'érta , al'érta ;
» Que o *Direito* aos que *dórmem* não *soccóre* ,
» E cumpre aos litigantes ser *espertos* . »

Isto dizendo , o córpo inteiriçava ,
E abrindo a bôcca , e os ólhos esfregando ,
A modôrra sacóde , em que jazia :
E o suado *crescente* endireitando ,
Sem attender ao sino , que o chamáva .
A *Vésperas* toccando , nem á mulcta ,

Que a bolsa lhe ameaça , Sáhe de caza ,
 E por-baxo da calma , com que assava
Syrio , ladrando , a sequiosa térra ,
 Aos *Capuchos* , de tróte , se encaminha .

Sobre uma ágra montanha , que se estende
 Em pequena distancia , dos soberbos
 Guerreiros muros da triumphante *Elvas* ,
 O célebre Convento se levanta .
 Aquí , da mólle *Inercia* no regaço ,
 Das austéras fadigas descansando ,
 Da *Provincia* , se vê cem Padres Graves ,
Ex-Guardiões , *Ex-Porteiros* , *Ex-Leitores* ,
Ex-Provinciães , e alguns destes famosos
 Pelas artes subtis , pela ardileza ,
 Com que forçado tem o *Sp'rito Sancto* ,
 Nos rixósos *Capitulos* , mil vezes ,
 Os vótos a seguir do seu partido .
 D'estes tambem no meio , allì se encontrão
 Do gôrdo badulaque *Ex-Cuzinheiros* ,
 Na fumosa Cuzinha , entre as tismadas
 Certãas fuliginosas e marmitas ,
 Com grande gloria sua , *jubilados* .
 Aquí , suando pois , como um Cavallo ,
 Chega o *Deão* , a tempo , que o *Porteiro*
 A porta da Clausura prompto abria ;
 E vendo do *Deão* a gran-fadiga ,
 Desta sorte lhe diz , sobresaltado :
 « Que é isto , meu Senhor ? Que estranho caso

» Aconteceu á Vossa Senhora ,
» Que por baxo da cáhma tão intensa ,
» A' nossa Casa o traz tão affrontado ?
» Mattou acaso algum dos seus Collégas ?
» Roubou a Sacristia ? ou , do *Diabo*
» Tentado , violou alguma Virgem ,
» E asylo vem buscar na nóssa Igreja ? »

— « Nenhum d'esses desastres , Deos louvado !
» Me succedeu ; (o *Lara* lhe replica)
» Ao Padre Guardiã sómente quero
» N'um negócio fallar , si for possível. »

— « Inda bem : pois cuidei que éra outra cousa ;
» (Lhe tórna o bom Porteiro) e de assustado
» Fiquei sem sangue , em quasi todo o côrpo.
» O Padre Guardiã , antes das cinco ,
» Não costuma da sésta levantar-se ;
» Mas , por servir á Vossa Senhora ,
» A desperta-lo vou ; no em tanto póde
» Lá na Cérca esperar , tomando o frêsko. »

Isto dizendo , ao Dormitorio sóbe ;
E o *Deão* , caminhando para a Cérca ,
Com outro Reverendo , acaso tópa ,
De gran-barriga , de cachaço górdo ,
Que attento o comprimenta , e accompanha.

Quiz então a Fortuna , que este fosse
Um dos Padres máis graves da *Provincia* ,

Ex-Guardião, Ex-Leitor, e Jubilado,
De todos o máis douto, excépto o *Arronches*;
Pregador de gran-fama, na Cidade.

O bom *Lara*, que havia longo tempo,
Que, nesta sancta Casa não entrava,
Aturdido ficou, quando a seus ólhos,
Na Cérca entrando, juntos se lhe off'recem
As areadas ruas, as Estatuas,
Os Buxos, os Craveiros, as Latadas
De mil flores cobértas, e que, em tórno,
O virente jardim adereçavão;
E não bem quatro passos tinha dado,
Quando, fitando curioso a lente
Na statua, que primeira allí se encontra,
Pergunta ao *Jubilado*: « Quem é este
« *Monsieur Paríz* ? segundo diz a lettra;
» Que por baxo, na base, tem abérta;
» Si se houver de julgar pela apparencia;
» O nome, a catadura, o penteado
» Dizendo-nos estão que este bilhostre
» Foi *Françez*, e talvez *Cabelleireiro*,
» Inventor do topéte, que o enfeita. »
— « *París*, e não *Paríz* diz o lettreiro,
(*Circunspecto* lhe volve o *Padre Mestre*)
» Nem *Françez*, como cré, *Cabelleireiro*
» A personagem foi, que representa;
» Mas em *Troia* nasceu de stirpe regia. »
— « Pois, si *Françez* não foi (replica o *Lara*)

» Como *Monsieur* lhe chamão? — C'um sorriso
Lhe tórna o *Padre Méstre* : « Não se admire
» Que isto está succedendo a cada passo :
» Ao pé de cada canto , hoje , sem pejo ,
» Se tratão de *Monsieurs* os *Portuguezes*.
» Isto , Senhor , é móda ; e como é móda ,
» A quizemo's seguir ; e sobre tudo
» Mostrar ao mundo , que *Francez* sabêmos. »

— » De tanto pêso pois (lhe volve o *Lara*)
» É, *Padre Jubilado* , por ventura ,
» O saber o *Francez* , que d'isso alarde
» Fazer quizéssem vossas Reverências ?
» Por acaso , sem esse sacramento ,
» Não podião salvar-se , e serem sabios ?
» Pois aquí , em segredo , lhe descubro ,
» Que o *Francez* , para mim , o mesmo monta ,
» Que a lingua dos selvagens *Boticudos*. »

— « Não diga , Senhor , tal ; que neste tempo ,
» Oh Tempos , oh Costumes ! (diz o Padre)
» O saber o *Francez* é saber tudo.
» É pasmar ! ver , Senhor , como um *pascasio* , (12)
» De *Frances* com dois dêdos se abalança ,
» Perante os homens doutos , e sizudos ,
» A fallar nas sciencias mais profundas ,
» Sem que lhe escape a Sancta *Theologia* ,
» Alta sciencia , aos Claustros reservada ,
» Que tanto fez suar ao grande *Scôto* ,

- » Aos *Baconios* , aos *Lelios* , e a mim proprio.
- » Desta audacia , Senhor , deste descôco ,
- » Que entre nós , sem limite , vái lavrando ,
- » Quem máis sente as terriveis consequencias ,
- » É a nossa *Portuguez* , casta linguagem ,
- » Que em tantas traducções anda envasada
- » (Traducções , que merecem ser queimadas !)
- » Em mil termos , e phrases *Gallicanas* !
- » Ah ! sí as marmoreas campas levantando ,
- » Sahissem dos Sepulchros , onde jazem
- » Suas honradas cinzas , os Antigos
- » *Lusitanos* Varões , que com a penna ,
- » Ou com a espada e lança , a Pátria ornárão ;
- » Os novos idiotismos escutando ,
- » A mesclada dicção , bastardos termos ,
- » Com que enfeitar intentão seus escriptos
- » Estes novos , ridículos Autores ;
- » (Como si a bella , e fértil lingua nossa ,
- » Primogénita filha da *Latina* ,
- » Prêcisasse de estranhos atavios)
- » Subito , certamente , pensarião
- » Que nos sertões estavam de *Caconda* ,
- » *Quilimane* , *Sofála* , ou *Moçambique* ;
- » Até que já , por fim , desenganados
- » Que éráo em *Portugal* , que os *Portuguezcs*
- » Éráo tambem , os que costumes , lingua ,
- » Por tão estranhos módos , affrontárão ,
- » Segunda vez de pejo morrerião.

- » Mas elles tem desculpa ; a negra fôme
» Os míseros mortáes a máis obriga ;
» Sem saber o que escrevem , escrevendo ,
» Buscão della o remédio , e , como lógrão
» Os fins de seus intentos ; o que escrevem ,
» Seja ou não *Portuguez* , isso que monta ?
» Quem desculpa não tem , nem a merece ,
» É quem vedar-lh'o déve , e não lh'o véda.
» Mas por ora deixemos estas cousas ,
» Que o mundo corrigir a nós não tócca.
» Este (como dizia) foi *Troiano* ,
» E nos Campos que o *Phrygio Xantho* córta ,
» Guardando , em doce paz , o seu rebanho ,
» Eleito foi Juíz do grande pleito ,
» Que *Juno* , e *Pallas* , entre si , com *Venus* ,
» Sobre a belleza , um tempo , sustentáráo ;
» No qual não sei porém , si com justiça ,
» Deu a favor de *Venus* a sentença ,
» Entregando-lhe o ricco pômo de ouro ,
» Que a *Discordia* lançára n'um banquête.
— « Já nesse pleito ouvi , (se bem me lembro)
» E no pômo fallar : (lhe volve a *Lara*)
» Mas o tal *Monsieur Páris* foi um asno ;
» (Perdoe a sua ausencia). Si na causa ,
» De ser Juíz a sorte me coubéra ;
» Daría mal , ou bem minha sentença ,
» Conforme o meu bestunto me ajudasse ,
» Sem em nada gravar a consciencia :

» Mas a maçã havia d'eu papa-la ,
» Pelas custas , por certo ; e quando muito ,
» Daria á Vencedora , della as cascas .

» Mas , diga-me , meu *Padre Jubilado* ,
» Se gado apascentou esse Marmanjo ,
» Como de Cortezão está vestido ,
» De Cabello , de bolsa , e penteado ? »
— « Essa é boa ! (replica o Reverendo)
» Pois parece-lhe , á Vossa Senhoria ,
» Que lhe bastava o sêcco tratamento
» De *Monsieur* , que lhe démos , e um Cajado ,
» Um intonso cabelo , uma samarra ? »

— « Essa razão me quadra (diz o *Lara*)
» E esta *Madama Hélène* (continúa)
» Que delle está defronte , por ventura
» É *Troiana* também , ou é *Franceza* ,
» Como do penteado mostra o gôsto ? »

— « Não foi , Senhor , *Franceza* , nem *Troiana* ;
» (Responde o Padre Mestres) d'alto sangue ,
» Em a *Grécia* , nasceu ; e no seu thrôno
» *Esparta* um tempo a viu : mas Sceptro , Spôso ,
» A Pátria , a Fama , a Gloria d'alta stirpe ,
» Tudo deixou por *Páris*. — « Pois que lo Spôso ,
» A chara Pátria , o Sceptro , a Fama , a Gloria ,
» Tudo deixou , por esse *barbas-d'álho* ?
» Valente marafona foi por certo ,
» A tal *Madama Hélène* ! e quem foi esta ?

- » Diz a lettra , *Madama Pena-Lópes* ,
» (Proseguia o *Deão*) tal vez seria
» Tão boa , como essoutra ? » — Essa (responde
» O douto *Jubilado*) é d'outra láia .
» A famosa *Penélope* foi esta ,
» Do Conjugal amor , da fé jurada ,
» Do sagrado Hymenêo nas castas áras ,
» Um perfeito exemplar , grande Matrona ,
» Boa Mãe-de-familias , e estremada ,
» Entre as máis do seu tempo , tecedeira .
» N'uma têa gastou máis de dez annos . . . —
— « Que me diz , *Padre Méstre* ? Está zombando !
(O *Deão* aturdido lhe replica)
» Em urdir e tramar uma só têa
» Déz annos consumia a tal *Madama* ;
» E diz-me que foi grande tecedeira ?
» A minha Ama . . . e máis é uma *Zoupeira* ,
» N'outro tanto não gasta nove mezes :
» E com tudo , não passa , entre as perítas ,
» Por grande sabichona neste officio . »
— « Nisso mesmo é que estêve a habilidade ,
» (O Padre lhe tornou) pois que de noite
» O que de dia obrava , desmanchava . »
— « Peior ! (diz o *Deão*) Isso é o mesmo ,
» Que para traz andar , qual *Caranguejo* .
» Jurarei em cem pares de *Evangelhos*
» Que éssa mulher perdido tinha o siso . »
— « Perdido o siso ! Que galante cousa !

- » (O Padre lhe tornou) antes no mundo
- » Nunca mulher se viu tão atinada ;
- » E digna de passar á Eternidade ,
- » Sobre as azas da pósthuma memoria.
- » Foi prudencia , Senhor , o que loucura
- » A sua phantasia lhe figura.
- » Pois si assim practicava , éra sómente
- » Por enganar (em quanto o charo Spóso
- » Da prolongada ausencia não volvia)
- » Cansados rógos de importunos prócos , (13)
- » Que aspirávão do seu consorcio á gloria.
- » *Arachne* , que *Minérva* vingativa
- » Em aranha tornou , por arrojarse
- » A competir com ella ; certamente
- » Lhe não levára no tecer a palma. »

— « Como é isso ? (o *Deão* diz assustado)

- » Pois , salvo tal lugar , um homem póde ,
- (Isto fallando , todo se persigna)
- » Ou póde uma mulher , em fêo bicho ,
- » Ou animal quadrúpede mudar-se ? »

— « Isto fabulas são , com que os antigos

- » Quizerão explicar aos seus vindouros
- » De muitos animaes a industria , e a arte ;
- » E alem disso ensinar , que ás Divindades
- » Se déve ter um grande acatamento.
- » Mas , que acontecer póssa , quem duvida ?
- (Dizia gravemente o douto Padre)

- » Não fallo agóra das antigas *Lamias* ,
- » Que inteiros engulião os meminos ,
- » De *Circe* , de *Medéa* , nem de *Alcina* ,
- » Ou da vélha *Canidia* , de quem conta
- » O bêbado de *Horacio* , as nigromancias.
- » Todos sabem , que todas estas Bruxas ,
- » Em ossudos Leões , manchados Tigres ,
- » Em ardidos Ginêtes , nêgros Ursos ,
- » Ou em Toupeiras vís , vís Musaranhos ,
- » A seu sabor , os homens convertião.
- » Além d'isso , *Apuleio* nos informa ,
- » Que , por malícia d'uma cêrta *Fótis* ,
- » Em asno , n'um instante , se formára ,
- » E como asno passára mil trabalhos.
- » Não tem ouvido Vossa Senhória ,
- » Ruidosos Cães uiyar , lá na alta noite ?
- » Pois que querem dizer aquelles uivos ,
- » Senão , que anda no bairro *Lobis-homem* ,
- » Ou homem , por fadario , transmudado
- » Em jumento orelhudo , ou em sendeiro ? »

— « *Sancto Brêve da marca!* (aquí exclama
O farfante *Deão* , de temor chéu ;
E lógo proseguiu.) » Si minha estrélla
» Ordenado me tem , que por encantos
» De alguma Feiticeira , ou Nigromante
» Em féro bruto eu haja de mudar-me ,
» Praza a vós , sanctos Céos ! ao Fado praza ,

- » Que , antes do que em sendeiro lazarento ,
- » Em brioso Cavallo, elles me mudem :
- » Pois assim poderei , inda algum dia ,
- » A sorte vir a ter de ser Páe d'Egoas.
- » Que bons Pôtros darei da minha raça !
- » Mas , si muito julgáes o que vos peço ,
- » Ao menos concedei-me , que em Fuinha ,
- » Ou matreira Rapôza me transtornem ;
- » Só , para do Bispo ir ao gallinheiro ,
- » De quantas Aves tem a dar-lhe cabo. »

Socegado o Dedo do seu espanto ,
 Ao bom Padre pergunta : « E quem é este
 » Circumspecto *Monsieur* , que cá se enxérga ? »

- « Esse que ahî está , nem mais , nem menos ,
 » É o facundo decantado *Ulysses* ,
 » De *Madama Penélope* marido :
 » De todos quantos *Gregos* apportarão
 » Da *Neptunina Troia* ás curvas praias ,
 » O máis prudente foi , excepto o vélho
 » *Nestor* , que viu dos homens três idades.
 » Este , depois que a cinzas reduzido
 » Foi o féro *Ilíon* , por suas traças ,
 » E da altiva Cidade só ficára
 » O campo , em que imperiosa antes estava ,
 » Voltando á Pátria amada , carregado
 » De altos despojos da immortal victória ,
 » De *Néptino* soffreo a cruél sanha ,

» E dos ventos , e vagas açoutado ,
» Undivago correu por longos mares ,
» Vendo de muitas gentes as Cidades ,
» As várias artes , os costumes vários ,
» Até que levantou , na fôz do *Tejo* ,
» A Rainha do mar , *Lisboa* invicta . »

— « Oh grande Fundador da minha Pátria ,
» (Aquí brada o *Deão*) se mãos tiveras ,
» E se pérnas , e pés te não faltáram ,
» Os pés e mãos , humilde , te bêjára !
» Mas se manco , e manêta aquí te vêjo ,
» E á *franceza* vestido , a mal não hajas
» Que á *franceza* te beje a fria face . »
Disse : e ao cóllo , furioso se lhe lança ,
E na face tres bejos lhe respêga .

Passado este pequeno enthusiasmo ,
O *Lara* , proseguiu : « E aquell'outro ,
« Que do Jardim no meio se impertiga
» Com cara de Ferreiro , é por acaso
» O grande *Ferrabraz* de *Alexandria* ?
» Ou *Galafre* da ponte de *Mantible* ?
— » Esse (responde o Padre) foi *Alcides* ,
» Cujo tremendo braço , cujos feitos
» Ha-de , por céрто , vossa Senhoria
» Ter ouvido exalçar discretamente ,
» Em seus sermões , ao nosso Padre *Arronches* .

— » Engana se , Senhor : (O *Deão* vólve
» Que eu sermões nunca ouvi em minha vida ;

- » E posto que , no Chóro , muitas vezes ,
 » Em razão desta minha Dignidade ,
 » Ameu pezar , alguns ouvir eu dêva ;
 » Em quanto o Padre grita , estou dormindo :
 » Pois d'outra sôrte disfarçar não pôsso
 » A fôme , que me attáca a ésse horas.
 » Se eu algum dia for eleito Bispo ,
 » (Como esperar me faz o Regio sangue
 » De *Lára* , que nas véas me circula)
 » Já , desde aqui , meu Padre , lhe prometto ,
 » Que estes sermões destérre do Bispado ;
 » E se nelle inda achar quem tenha o flato
 » De prégar , lhe darei prompto remédio :
 » Mandarei , que cumprindo seus desêjos ,
 » Vá prégar aos Heréges , e Gentios ,
 » Que o prémio lhe darão do seu trabalho ;
 » E escusem de quebrar-nos os ouvidos
 » Com uma însulsa dilatada harenga ,
 » Que ouve , por uso , o Pôvo e não entende ;
 » E a pagar vem , por fim , por alto preço ;
 » Dando (cousa que muito a mim me espanta)
 » Sem saber o porque , o seu dinheiro.
 » Sermões ? — E quando quér jantar a gente ?
 » A fôme só augmentão , causão somno.
 » Mas , tornando , meu Padre , ao nosso ponto ,
 » Este *Alcides* , segundo tenho ouvido ,
 » Foi o maior tunante dos seus tempos.
 — « Foi amigo de Môças ? Que tem isso ?

- » Vê me aqui ? Pois com ter mais de setenta ,
» (Dizia o *Jubilado*) nem por isso
» Onde quer que as eu tôpo , lhe perdôo . »
— « Outro tanto de mim , oh quanta magoa !
» (O *Deão* exclamou) oh quanto pejo
» Me custa , *Padre Méstre* , o confessa-lo !
» Outro tanto de mim dizer não posso ,
» E com tudo não passo dos sessenta ;
» Mas isso é do burél virtude innata .
» Agóra pois , ai á vossa Reverencia
» Pesado lhe não fôr , dever quizera
» Que deste traficante toda a historia
» Me referisse ; pois , segundo penso ,
» Ha-de ser vária , e muito divertida .
» Lembra-me a mim , que sendo inda Estudante ,
» Do Bacharel *Trapaça* , e *Peravilho*
» De *Córdova* , a história portentosa
» Ouvi lêr (por sinal , que por ouvi-la ,
» Na Classe pespeguei valentes gázios)
» A um Clérigo vizinho , bom Poéta ,
» Que sabia o *Borrvalho* todo inteiro ,
» E tinha uma escolhida Livraria ;
» E confesso-lhe , *Padre Jubilado* ,
» Que nunca , em minha vida , tenho ouvido
» Cousa , que cá no gôto máis me dêsse . »
— « De bom grado o farei , por dar-lhe gôsto
(O Padre lhe tornou e assim comêça :)
» Este grande varão *Alcmena* e *Jóve*

» Têve por Paés , ainda que gran-têmpo
» Do forte *Amphitrião* passou por filho... »
— « Com que , de máis a máis o tal *Alcides*
» De barregãa foi filho ?... Avante , Padre ,
» Que o comêço prométte grandes cousas. »
(Diz o *Deão*) e o Padre proségua :
— « De tantas forças foi , lógo em nascendo ,
» Que inda elle não contava bem dez mezes ,
» Quando , em lugar de berço , repousando
» N'um escudo de cóbre , que a *Pterélas* ,
» *Amphitrião* ganhára batalhando ,
» Duas Cóbras , máis gróssas que um madeiro ,
» Que entrárão a papá-lo surrateiras ,
» No silencio da noite , por mandado
» De *Juno* , que em ciúmes se abrazava ,
» Rompeu , espedaçou , com máis presteza ,
» Do que eu trinchar costumo uma gallinha ,
» Quando , com fome estou , na nósse cêlla.
» Digo — na cêlla — ; pois no Refejtorio
» Esta áye nunca entrou ; que nelle reina
» Somente o *Bacalhão* , e talvez pódrã.
» Depois , sendo Mancebo , a estribaría
» De *Augias* alimpou , façanha grande... »
— Neste ponto o *Deão* ter-se não pôde ;
Sem que esta sábia reflexão fizésse :
« Filho de Barregãa ! Mõço de mulas !
» Vejam de que relé éra a criança ! »
— « Lógo (prosegue o *Padre Jubilado*)

» Fez maiores acções ; um Leão féro
 » Na florésta *Neméa* , cara á cara ,
 » Destemido affrontou ; e lhe machuca ,
 » Com a pesada mássa , o duro casco... »
 Aquí chegava o Padre , em sua historia ,
 Quando o espérto *Deão* , á pórtá vendo
 Da Cérca , o *Guardião* , que a vê-lo vinha ,
 Inda do somno os ólhos esfregando ,
 O fio lhe cortou , em altas vozes
 Ao *Guardião* gritando : « *Appello* , *Appello*
 » Perante vossa sábia Reverencia ,
 » Varão constituido em Dignidade ,
 » Da affronta , que me faz o meu Cabido ,
 » Pretendendo com mulctas constringer-me
 » A vir apresentar ao gôrdo *Bispo* ,
 » A' porta da latrina , o sancto *Hyssope*.
 » Péço tambem , com todo o acatamento ,
 » *Os reverenciâes Apóstolos* , mil vezes ,
 » Com máis , e máis instancia , instantemente.. »
 — « Basta : (o Prelado diz) já interposta
 » A *Appellação* está. Agóra , em quanto
 » O Reverendo Padre *Jubilado* ,
 » Pois Notario não ha , que dê fé d'isso ,
 » A Certidão lhe passa , nos sentemos
 » Ao pé desta Roseira a tomar frésco. — »
 Dittas estas palavras , se assentárão ,
 E o farfante *Deão* assim coméça :
 « Por certo , que não póde duvidar-se

- » Do augmento , Senhor , que em nosso dias
» Tem tido *Portugal* , por alto influxo
» Do Grande , Forte , e nunca assaz Louvado
» Rei , primeiro no nome , e nas virtudes ,
» E do sabio Ministro , que lhe assiste.
» Não fallo nas sciencias , e nas Artes
» Que eu déllas nada sei ; pois meu emprêgo
» A's Lettras applicar-me me não deixa ,
» Como meu gôsto , e génio me pedião ;
» E da Arte da Cusinha tão sómente
» (Que é obra , quanto a mim , mais proveitosa
» Aoshomens,que o *Francez*,que anda na môda)
» Alguns pedaços leio , estando vago.
» Fallo , sim , no apparatus dos banquêtes ,
» No polido dos trajés , e assembléas ,
» Dos Jardins no bom gôsto , e dos Palacios :
» Digo isto , meu Senhor por que esta Cêrca ,
» Que éra um chiqueiro , ha menos de dous dias,
» Hôje tornada está n'um Paraiso.
» Mas que não poderá um Génio grande ,
» E tal , como o de Vossa Reverencia ? »
O Guardião então todo enfunado ,
Mas modéstia affectando , lhe responde :
— « Aquî que póde haver , que os ólhos encha
» De Vosso Senhoria , que tem visto
» As Terras estrangeiras tão gabadas ,
» Si é tudo uma pobreza *franciscana* ! »
— « Tanto não direi eu (replica o *Lara*)

- » Que ao vêr deste vergél a amenidade ,
- » O desenho dos Buxos , o bom gôsto ,
- » Com que estão as figuras trabalhadas ,
- « A abundancia dos vasos , e das flores ,
- » Que nos jardins estão , se me figura
- » De *Castello Gandolfo* , ou de *Frascati* ,
- » (Onde fallei mil vezes com o *Papa*)
- » Ver o primor , e o curioso asseio.
- » Tudo está primoroso ; e só lhe falta
- » Para em nada ceder aos máis gabados ,
- » Deliciosos jardins de *Italia* , *França* ,
- » Uma *Cascata* , que a de *Terni* iguale.
- » Si Vossa Reverencia quér a planta ,
- » Eujá mandar-lh'a vou ; que a tenho em *Caza*. »
- « Esta obra háde custar muito dinheiro
- » (Responde o *Guardião*) e hõje as esmólas ,
- » Para encher a barriga a tantos frades ,
- » Que tem fome cauína , apenas bastão.
- » Algum dia foi ricco este *Convento* ;
- » Mas estas novas *Leis testamentarias*
- » Dérão um grande cóрте em suas rendas.
- » É verdade , que os sanctos *Exorcismos* ,
- » O benzer dos feitiços , e lombrigas ,
- » O grande , e extraordinario privilegio
- » De *Irmão* , ou *Mãe de frades* , e outros pios
- » E sanctos institutos , que inventárão ,
- » Devótos e subtis , nossos antigos ,
- » E que nós pelo *Pêvo* propagamos ,

- » Com zêlo , e com destreza , maiormente
- » Entre o devoto feminino .sexo ,
- » Inda pingando vão de quando em quando.
- » Mas isto tudo é nada , é um cominho ,
- » A par do que rendia o *Purgatorio* !
- » Senhor , o *Purgatorio* , e as *almas sanctas*
- » Erão o *Potosí da franciscana* ! »

Neste ponto , chegando o *Jubilado*
O discurso lhe atalha , e ao *Lara* entréga
A grande Certidão , que passar fôra.
O *Deão* a recébe civilmente ,
E com mil importunos comprimentos ,
E outras tantas profundas cortezias ,
Dos dous Padres , cortez , se despediu :
E correndo , e saltando , como um Corço ,
Risonho , e prazenteiro entrou em Casa ;
Onde á sua presença , pelos ares ,
Faz vir o triste *Luz* , que a honra goza
De tocar mal rebéca , na Sé de *Elvas* ,
E de ser , em seu fôro , máu Notario ,
Ou péssimo *Escrivão* , que vále o mesmo :
Além disto , cursado tinha as Classes ;
E a todas estas cousas ajuntava
Uma profunda erudição , bebida
Nos *Autos de Reinaldo* , e *Valdevinos* ,
E do Infante *Dom Pedro* nas partidas ,
Florisel de Niquêa , e outros livros
Da andante , da immortal Cavallaria ;

Ao qual o *Deão* disse : « Hôje um negócio
» De ti fiar pretendo de importancia ,
» Mas antes será bom , que ao grande *Baccho*
» Algumas libações , como costumás ,
» Aquí façás . » Dizendo estas palavras ,
Ordena , que lhe tragão promptamente
Do bom vinho de *Borba* tres garrafas .
O bom *Luz* transportado á sua vista ,
Sem fazer-se rogar , lógo a primeira ,
A's duas palhetadas deixa enchuta :
Muito tempo não passa , sem que próve
Igual sóрте a segunda ; sem descanso
Com a terceira invéste , largo espaço
O forte *Campião* entra por élla :
E depois que esquentada teve a bilis ,
Assim com o *Deão* falla animoso :
— « Que cousa póde Vossa Senhoría
» Quêrer deste seu Sérvo , que não faça ?
» Que perigo haverá , que não arrote ?
» Da nova *Zembla* os duros caramélos ,
» Irei a passear : ao meio dia ,
» Na *Libya* soffrerei a calma ardente ;
» Com Tigres , com Leões , com Crocodiflos
» Audaz affrontarei ; do Reino escuro ,
» Para seu cão de fralda , se é seu gôsto ,
» N'um pulo , lhe trarei o Cão *Cerbéro* ;
» Se mais d'isso se paga , c'um córda
» A' póрта lh'o atarei , como um Macaco . —

- » Menos que isso (bradou o Prebendado)
» Menos que isso de ti hõje pretendo.
» Uma *Appellação* só quero que intimes
» Ao gôrdo e féro *Bispo* : isto sómente
» De ti hõje desêjo , e de ti fio. »

Aquí , mudando á côr do triste rôsto ,
Começou a tremer o novo *Alcides* ,
E com vóz balbuciante , lhe replicá :
— « Muito illustre Senhór , tão grande empresa
» Minhas fôrças excéde : o mesmo *Achilles* ,
» *Mandricardo* , *Gradasso* , *Sácripante*
» Commette-la , por céрто , receáram ,
» E *Orlando* , inda que fõra verdadeiro.
» D'ella pois me dispense ; que eu sem pejo ,
» Ante os Céos , ante a Térra hõje conféssô
» Que meu ânimo a tanto não se atréve. »

A este breve discurso , ardendo em ira ,
O *Deão* exclamou : « De minha vista
» Vai-te , indigno *Furão* , vil e rasteiro ,
» A quem , na cára e feitos , te pareces ;
» Que eu saberei achar quem me obedeça. »

Trémulo , e semivivo o pobre zóte
Então se foi d'alli escapulindo ;
E o farfante *Deão* fica suspenso ,
No peito revolvendo a quem daría
A grande *Commissão* : — quando á memoria

Lhe traz a *Senhoria*, (que a seu lado
Invisível assiste) o bom *Gonsalves*,
Escrivão atrevido, e sem piedade;
Que a si mesmo prendêra, se podêra.
« Este sim (exclamou então contente)
» Que é capaz de citar a *Jesus-Christo*. »
Isto dizendo, que lh'o chamem, manda.

A *Senhoria* então, tomando a forma
Do Galopim de casa, velôz parte,
E com elle voltou *in continenti*;
A quem logo o *Deão* propõem a empresa,
Que elle, sem duvidar, risinho aceita,
E para a executar, tempo opportuno,
Chêo de confiança, a esperar, parte.



CANTO VI.

JA' o *Sól* grande espaço declinava
 De brilhante *Zenith*, para o *Occidente* ;
 E a socêgada *Tarde*, couduzida
 Nas frêscas azas dos subtis *Favonios*,
 A passeio os *Peraltas* conyidava,
 Quando, por divertir sua *Excellencia*.
 O fastiô, que a longa ociosidade
 Nos peitos dos mortâes *tyranna* gêra,
 Se dispoem a sahir, como costuma
 A frescura a gozar de seu *Versalhes*.

Mil infandos prodigios (trama urdida
 Pela mão industriosa da *Excellencia*,
 Para obriga-lo a não sahir de casa)
 Esta infausta jornada precedêrão.
 A' mêsã pôsto, e a beber um cópo
 De generoso vinho da *Madeira*,
 Em vinagre, na bôcca, se lhe torna
 O suave liquor, e ao mesmo passo,
 No *Apparador*, saltando um Gato nêgro,
 Em hastilhas lhe faz, com grande estrondo,

Os dourados cristães, que nella estavam.
 Depois, dormindo docemente a sésta,
 Se lhe figura, no melhor do somno,
 Que andando de passeio pela Quinta,
 Com passos lentos a elle se chegava
 Da nóra o vélho Burro, e alçando o rabo,
 Dous couces lhe pregava no vazío.
 A' phantástica dor, gritando, acórda;
 E acodindo a familia promptamente,
 Lhe narra o triste caso, inda assustado.
 Mas, passado o primeiro sobresalto,
 Desenganado em fim de que éra sônho,
 A vestir-se coméça: então calçando
 O polido sapato, das fivellas,
 Salta da Guardaroupa ao aureo técto,
 Com medônho estampido, a melhor pédra.
 Finalmente, ao montar á Carruagem,
 Battendo um gran-Bizouro as nêgras azas,
 Com horrendo stridor lhe açouta as ventas,
 E um Pardal lhe esterçou no tejadilho.

Neste instante a *Excellencia*, que tomado
 Tinha do grande *Almeida* a gentil fórma,
 Vendo que estes agouros não bastávão
 Para aterrár do *Bispo* o fórte peito,
 C'uma grande zumbaia, assim lhe falla:
 — « Se crêr em abusões é de almas fracas,
 » Desprezar portentosos vaticinios

- » É de peito obstinado , ensurdecido
- » A's vózes , com que o Céu mil vezes falla.
- » Si em *Africa Catão* , si em *Roma César*
- » Déram fé aos presagios , nem aquelle
- » Nas férvidas aréas Africanas
- » Acabára infeliz : nem no Senado
- » A's mãos de *Cassio e Bruto* , ferozmente ,
- » Este fôra , qual réz nas áras , môrto.
- » O mesmo digo do temído *Almeida* ,
- » De quem Vossa Excellencia tem o sangue ;
- » De *Cambaya* murchar as altas palmas
- » Na brutal *Cafraria* elle não víra ,
- » Si affouto , ou temerario não zombára
- » Do batter dos sapatos dos *Menezes*.
- » Vossa Excellencia tem visto os portentos ,
- » Que lhe tem neste dia acontecido :
- » Ah ! si a mente presága não me engana ,
- » Algum grande desastre pronosticão ,
- » Neste passéo , que fazer intenta.
- » Para illudi-los pois , tórne a apear-se ,
- » A' Casa se recólha : considere
- » Que , por grande , a cautéla nunca dana.
- » Si pois da ociosidade , e seus prestigios ,
- » Que tanto horror lhe faz , fugir desêja ,
- » Mandê chamar alguns Capitulares ,
- » E , com elles , em sancta paz , jogando ,
- » O résto passe dá calmosa tarde ,
- » E não queira , com vã temeridade ,

» A seu gôsto a razão sacrificando ,
» Desafiar a cólera dos Astros. — »
A estas vozes , risonho , o gôrdo *Bispo*
Lhe responde : « Meu Filho , bem conheço ,
» Que o amor , que me tens , é quem te dicta
» Essas sábias razões ; mas que diria
» Ésta marcial Cidade , que admirando
» Meu heróico valor , trazer pendente
» Do bordado tálím , me viu na guerra
» Uma talhante espada ; e sobre tudo ,
» Erguer da cama , n'uma fria noite ,
» Por correr , sem temor , suas muralhas ;
» Quando o fôgo nas altas atalayas ,
» Brilhando tristemente , annunciava
» Roubos , assolações , incendios , mortes ;
» Si hôje soubesse , que eu ficava em casa ,
» Assombrado de quatro bagatellas ?
» Eu confio no Céu , que esses succéssos
» Nada contenham , que aziago seja :
» Mas , si assim succeder , constante , e forte
» Irei por onde os *Fados* me chamarem. »
Isto dizendo ; confiado ordena
Aos Môços , que caminhem sem demora.

No tempo que estas cousas succedião
No Episcopal Palacio , o bom *Gonsalves* ;
A quem a grande empresa disvellava ,
Sendo por seus espías avisado

De que o *Bispo* sahia ; aproveitar-se
 Da occasião , que a Sorte lhe off'recia ,
 Comsigo determina ; e a toda a préssa
 A vestir-se coméça : quando a cara
 E longéva Consorte , do Cartorio
 Nas sórdidas trapaças tão versada ,
 Como o déstro marido , toda chéa
 D'um pánico terror , que dentro n'alma
 A teróz *Excellencia* lhe infundíra ,
 Ao cóllo se lhe lança , e assim lhe falla :

« Onde , oh Luz de meus ólhos , doce Espóso ,
 » Assim córres velóz , assim me deixas
 » Cercada de recéos e tristezas ?
 » O *Bispo* vás citãr ? Ah ! tu não sabes
 » Qual é deste Prelado a sancta raiva ?
 » Ignóras , que as menores bagatéllas ,
 » Em seu conceito são graves insultos ,
 » Que castigar costuma sem piedade ?
 » Tu , oh pobre *Milheiro* , tu o dize ,
 » Que por zombar da fita do palmito ,
 » Na respeitavel face do *Roquéte* ,
 » (Mestre de Ceremónias , e Cabálas ,
 » Cóm poder de Assistente , junto ao sólio ,
 » Para insultar , sem termo , os póbres zótes
 » Em toda esta Cidade , e seu Bispado)
 » A jazer longo tempo na Cadéa
 » Barbaramente condemnado foste !

- » Não sabes , que a pezar das leis sagradas
- » Do nosso piedosissimo Monarcha ,
- » Elle *meirinho* tem de vára alçada ,
- » Que prende , escórcha , e rouba impunemente
- » A' sombra do sagrado Sanctuario ?
- » Pois , como a provoca-lo hõje te arrojas ,
- » Por servir o *Deão* ? Crês por ventura ,
- » Que elle te livrará das suas garras ?
- » Ou fias-te talvez em que és sujeito
- » A outra jurisdicção ? Mas , oh ! repara
- » A quantos , como tu , leigos izentos
- » Em seu cruél aljube opprime , e vexa !
- » Oh ! si um raio voraz dos Céos descesse ,
- » E todos os aljubes abrazasse !
- » Quantas , oh Céo ! oh , quantas se evitáram
- » Vexações , injustiças , e insolencias !
- » O'lha o que succedeu , ha pouco tempo
- » Ao Charlatão do Medico pequeno
- » (Que a hábito perpetuo de Estudante
- » Foi , de *Esculapio* em Junta , condemnado ,)
- » Por não dar alimentos á *Consórte*
- » Em dinheiro corrente ; que de balde ,
- » Os homens , e as estrellas attestando ,
- » Allegava não ter o miseravel ,
- » E em vão , para paga-los off'recia
- » A venda de seus prédios , ou seus fructos ;
- » A pezar da Razão , e da Justiça ,
- » Com publico pregão excommungado !

» Bem que dizer-se d'elle se não possa
» Que de Herodes á féra tyrannia ,
» Nem se quér escapou por innocente ;
» Pois só , d'uma pennada , a muitas almas
» Tem feito as margens ver do *Stygio* Lago ,
» Onde por elle esperão barregando,
» Para as barbas tirar-lhe , e a cabelleira !
» Pertendes pois que o mesmo te succeda ?
» Ah ! não , amado Spôso , por aquelles
» Primeiros e suavissimos instantes
» Do nosso doce amor , pela fé pura ,
» Que no sagrado laço me juraste ;
» Por estas térnas lágrimas , que choro ,
» Que a tanto não te exponhas: ah! não queiras,
» A ti mesmo cruél e a meu socêgo ,
» Roubar-me a triste vida , dar-me a pena
» De ouvir-te excommungar pelas esquinas !
» Ou prezo cruelmente , entreguc ás gárras
» Do Meirinho voraz , qual tenra Pomba
» Entre unhas cruéis de Açor ligeiro.
» Do meu pranto tem dó , e dos cansados
» Longos annos da minha amarga vida. »
Aquí um magoadado , e gran-suspiro
As queixas lhe atalhou ; que o sentimento
A voz lhe congelou dentro no peito.

Então o grande , e intrépido *Gonsalves* ,
Assim , de brío chéa , e de ternura ,

A tímida Consórte alenta , e ánima.

» — Enxuga o bello pranto , oh bella Spósa ,

» Que sem causa derramas , pois com elle

» O forte coração me despedaças.

» Éu não vou combatter algum Gigante ,

» Nem tenho o *Tamorlão* por inimigo ;

» Vou fazer meu officio , e bem conheço

» A quanto me abalanço , e me aventure.

» Mas que dirá o Mundo , si vir hõje ,

» Que eu fujo dos trabalhos com o corpo ?

» De máis , que deste excésso , a que me arrojô ,

» Tu a causa so és ; pois d'outra sórte

» Mal poderei , Meu ricco Bem , comprar-te

» A Saya , a Cappa , a Fita , o Léque , o Pente.

» Os annos estão cáros , e eu não devo

» Um gancho desprezar , que raras vezes

» A Ventura depára , e nos off'rece.

» As Censuras , o *Bispo* , e sua vára ,

» Vãos espantalhos são , que não me assustão ;

» Eu não temo o Meirinho , nem da Igreja

» O forte raio , sem razão vibrado ;

» E para me livrar do *Bispo* ás iras

» Tenho braço , artes tenho , e tenho modo.

» O sustó deixa pois , que brevemente

» Tu me verás tornar sem frio , ou fébre ,

» A gozar de teus mimos , teus favores. — »

Isto dizendo , de seus braços fõge ;

E mais ligeiro , que o ligeiro Gamo ,

A esperar , se partiu , sua *Excellencia*.

Já , na ricca liteira recostado ,
 Da Cidade sahia o gôrdo *Bispo*.
 Dous lacaios membrudos , e possantes
 Guiavão a compasso os grandes machos ;
 E dous do mesmo talhe , na dianteira ,
 A lenta e perguiçosa marcha abrião.
 Nos altos Campanarios os Donatos ,
 E das Freiras as Môças , muito alegres
 Davão , como costumão , aos badalos.
 Quando o bom Escrivão , que prompto estava ,
 Qual sagaz Caçador , que alégre e féro ,
 A' porta d'uma mouta a réz espêra ,
 A' liteira se chega , e respeitoso ,
 Uma Carta ao Prelado lógo entrêga ,
 Na qual a *Appellação* descomedida
 Em lettra garrafal ia traçada.
 O innocente Pastor , que não suspeita
 O veneno mortal , que em si levava ,
 Depois de lhe lançar a sancta benção ,
 Com risonho semblante , péga nélla ,
 O sobrescripto rompe , e soletrando ,
 Entra a lêr com trabalho ; mas , apenas
 O sentido da astuta Carta entende ,
 Começou a tremer ; das mãos lhe cáhe
 O atrevido papél. Não , si cem bocças ,
 Cem linguas eu tivesse , e a vóz de féro ,
 Poderia contar qual foi a ráiva

De gôrdo *Bispo*. A *Ira*, a *Impaciencia*,
 A *Soberba*, a *Vingança*, e outras *Furias*
 O rodeão, o agitão, e o transportão :
 O rosto se lhe inflamma ; os ólhos, tinctos
 D'um vivo e negro sangue, lhe chammejão ;
 Escuma, géme, e brama, range os dentes.
 Tam cruél, tam spantoso, tam feróz
 Não tréme, não ayança, não se rasga
 O que mordido foi de Cão danado,
 Quando o triste venêno, que fervendo
 Pelas véas lhe córre impetuoso,
 Ao coração lhe chega, e lh'o devóra ;
 Como o grave Pastor ! A vil *Perguiça*
 Que a seu lado jazia recostada,
 Ao vê-lo, d'alli foge espavorida.
 Em fim, em raiva ardendo, grita e clama
 Aos Lacaios, que lógo, sem piedade,
 Aquelle infame ousadõ lh'o castiguem.
 Então os insolentes vis *Mochilas*
 Arranção das espadas, que, em desprezo
 Das Leis e Magistrado, á cinta trazem,
 E chéos de grande ira, quães ráivosos,
 Arremessados Cães, que ardidõ séguem
 O féro Javali, que veloz fóge
 A emboscar-se na densa e vasta mouta,
 Córrem, sem tino, apoz o bom *Gonsalves*,
 Que em seguro já pôsto, ao pé da *Guarda*,
 Os ólha com desprezo, e com insulto.

Não de outra sorte rubido Podengo,
 Que seguindo fiel, e lisongeiro
 O rústico Salóio, que à Cidade
 Vem, de seus Campos a vender os fructos;
 Si ao pé d'alguma esquina se demóra,
 Preso da vista das formosas côres
 Da galhofeira Cidadãa Cadélla,
 E sobre elle cahindo a roáz turba
 Dos bairristas Cachorros, que a namorão;
 Entre as pérnas mettendo a longa cáuda,
 Córre, sem se deter, até que chêga
 Junto de seu Senhor, a cujas ábas
 Seguro e confiado encrespa as ventas,
 Contra elles se revira, então rosnando
 Lhes mostra os brancos, navalhados dentes.

Denodado *Gonsalves*, (si meus versos
 Alguma cousa pódem, si rompendo
 A névoa escura dos futuros évos,
 Sobre as azas do Tempo se espalharem
 Pela terráquea mole) em quanto *Alcáides*,
Quadrilheiros houver, houver *Meirinhos*,
 O teu nome será sempre famoso,
 Pelo heróico valor, com que abarbaste
 Do gordo Bispo a temerosa sanha;
 E dos *Leilões na Praça*, em quanto ás nuvens
 A fronte levantar a gran-*Lisboa*,
 Entre a terrível pestilente córja

De Alguazis desalmados e vorazes ,
Com inveja e louvor , serás de todos
Pelo primeiro Beleguim contado .

Em tanto a *Senhoria* , que presente
A' esta Cómica scena sempre estêve ,
Chama a *Fama* velóz , e lhe encarrega
Que a gran-nóva ao *Deão* léve ligeira .

Estava então o triste combatido
De alégres esperanças e temores ;
Umaz vezes confia , outras recêa ,
Que o *Escrivão* medroso não se atreva
A proseguir no empenho começado ;
Quando a rápida *Fama* , em seus ouvidos ,
A nóva espalha do feliz successo .

Vós , *Filhas da Memoria* , que do *Pindo* ,
Concordes habitáes as frescas sélvas ,
Qual foi seu gran-prazer , dizei agora .

De *Baccho* nas solemnes *Anthestérias* ,
As desenvoltas *Ménades* não correm ,
Nycteleo invocando , máis furiosas ,
Do *Deos* , e da *Alegria* arrebatadas ;
Como o farfante *Lára* córre as cazas ,
Gritando de contente . Os Moços chama
E a todos , entre grandes gargalhadas .
Todo o successo narra . Ora lhes pinta
Do arrojado *Escrivão* a grande astucia ,
Ora as vãs iras do cruél *Prelado* .

Oh geração humana , e quanto és fácil !
 No meio da bonança a engrimpinar-te ,
 Sem temer , que a pellada má *Fortuna* ,
 Lúbrica , extravagante , caprichosa ,
 Te vire as cóstas , e te mostre a calva !
 Tu , oh farfante *Lara* , em pouco espaço
 O viste , por teu mal , tu o provaste ;
 Pois , quando máis ditoso te julgavas ,
 De improviso fugiu tua alegria ;
 Qual léve exhalção , que apenas nasce ,
 Nos abysmos do Céu desaparece !

Engolphádo o *Deão* nas esperanças ,
 Que este fausto principio lhe annuncia ,
 Aos Criados ordena *in continenti* ,
 Que para festejar o feliz cazo ,
 Uma splendida Cêa se prepare ;
 E á Vélha , que tambem de gôsto salta ,
 Com risonho semblante intima , e manda ,
 Que não fique , na grande capoeira ,
 Folégo vivo em tam festivo dia.

Não contente com isto , maior próva
 De seu immenso gôzo dar pretende :
 Que bizarro Concérto , de prelude
 Sirva ao farto banquetê , determina ,
 Da Musica melhor , que ha na Cidade ;
 E por dar máis prazer aos Convidados ,
 De *Cavallinhos fuscos* , depois della ,
 Na vaga sallâ , com soberba pompa ,

O galante espectáculo prepara.
Então a convidar, saltando envia,
Do Cléro; e da Milicia cem pessoas.

Ao passo que estas cousas se fazião,
A despiedosa vélha férozmente
A barbara sentença executava,
Cem Galinhas, cem Frangãos degolando.
Entre todos havia um vélho Galle,
Páe da grande familia, victorioso
De cem féros riváes, e respeitavel
Pelo roxo esporão, e roxa crista:
Deste pois, nem siquer, o vulto escapa
Da grande mortandade, e com seu sangue,
De seu cruel Senhor honra o festejo.

CANTO VII.

ENTRE tanto , surdindo a Noitê escura:
Do *Bósphoro Cimmerio* , e despregando
As estéllantes azas , envolvia
Todo o nosso Hemispherio em densa tréva ,
Quando na Casa do *Deão* triumphante ,
Ajuntando-se vão os Convidados.

Vós , *Deosas do Parnasso* , vós agora
Novo fogo inspirai dentro em meu peito ;
Regei-me a voz cansada , e o débil canto ,
Por que nelle celebre dignamente
De tam altos varões nomes , e manhas.

O primeiro que entrou na grande salla
Foi o môço *Sequeira* , que hobreando
C'o Páe sagaz , na usura e na trapaça ,
Lhe sobre-leva muito de avareza.
D'uma sebenta , desbotada fita ,
A bengala da dextra traz pendente ,
Com que as moscas enxóta do Castello.

Apoz este se ségus circumspecto

O *Noventa-cabellos*, conhecido ;
 Por fido *Achates* do pomposo *Lara* ;
 Homem sizudo e grave ; e o máis callado
 De quantos pizão d'*Elvas* a Cidade ;
 Excépto o triste , misero *Tacanho* ,
 Que gerou , por seu mal , o vélho *Torres*.
 Muitos d'elle murmurão (Féa Inveja ,
 Quem de teus dentes ficará izento ;
 Si não te escapa a simples Innocencia
 Que não falla , por que fallar não sabe !)
 Outros porê m máis justos o defendem ,
 E ás estrellas o sóbem ; pois ao menos
 Si não sabe fallar , sabe callar-se ;
 E qual lúbrica , negra sanguisuga ,
 Que afferrando-se á pé l l e , se não só l t a ,
 Sem de todo fartar a cruél sede ,
 Dos que encontra ás oré l l has não se agarra ,
 E sem antes gastar-lhe a paciencia ,
 Com questões importunas os não larga ,
 Como costuma o zóte do *Sardinha*.
 Nas ancas deste entrou esbaforido
 O *Vellozo* , Arithmético affamado ,
 Capaz de duvidar até de *Christo* ;
 E que tem , de loquaz e de harengueiro ,
 Quanto de taciturno tem o outro ;
 Elle sabe de *Acclamo* o grande Schólio ,
 De cábo a rabo , sem falhar-lhe um verbo ,
 E á força de *Páe vélho* , algum pedaço

Vérte em máu Portuguez , do *Tridentino*.
 Com o que , e repetir alguns exemplos
 Da longa *Jesuítica* Syntaxe ,
 Passa , entre os seus , por homem consommado ,
 Bom Juiz de Sermões , e Pregadores ,
 A pezar do atrevido *Cazadinho* ,
 Que , por ser o barbeiro do Prelado ,
 Arrogar este cargo a si pretende.

Pouco tempo depois , ao béque dando
 Entra o vaidoso mulheril *Perinha* ,
 Ramo insigne dos *Gatos-Rodovalhos* ,
 E Chéfê dos Pelões da sua Terra.
 Então de Senhorias toda a Casa ,
 Qual d'um picante enxame de mosquitos ,
 Azoinada se viu : umas da bôcca
 Em borbotões lhe sáhem , outras lhe entrão
 Pelas grandes orelhas lisongeiras ,
 E sobindo-lhe ao cérebro , a cabêça
 Dé illustrissimos flatos lhe enchem toda.
 Não passou muito espaço , sem que á porta
 Se não vissem chegar ambos os *Bichos* ,
 Alegria , e prazer da *Elvense* Terra ;
 O *Leite* , e o *Barquinhos* , tam famosos ,
 Aquelle , pela teima , com que intenta
 Mungir d'um grande Bóde as grandes tétas ;
 Este , pela piedade , com que vendo
 Jazer em terra morto o bravo Touro ,

Que os cálções de Camurça lhe rasgára
 Por que o Céu suas culpas lhe perdoe ,
 Perdôa em altas vozes , generoso ,
 O estrago do vestido , e a grave affronta.
 Estes por onde paixão , mil apodos ,
 Mil graças , e risadas , entre a bulha
 Do vulgo insultador , soar se escutão :
 Não de outra sôrte viu Lisboa , um tempo ,
 Da vil plebe entre a grande borborinha ,
 Passear suas ruas , hombro a hombro ,
 O célebre *Dom Felix* , e o *Caturra*.

Mas outro entrando vem , de insignes prendas ,
 Que no engenho , agudeza , brio , e garbo ,
 Com os dous póde bem correr parelhas.
 Affastai , affastai : deixai passa-lo ;
 Que é o grande *Salgado* , cujo nome
 Por todo o *Alem-tejo* , em suas trompas ,
 Com sonóro louvor pública a *Fama*.
 D'elle relata pois a chocalheira ,
 Que inda o rôl pendurado traz ao cóllo
 Das moças , que , em Mancêbo , namorára ;
 Onde , com distincção , se lem seus nomes ,
 Suas graças , e dótes. Pelos prados ,
 Que o *Hebro* cristallino córta , e regá ,
 Tantas , de Amor captivas não seguirão
 De *Thracia* o gran-Cantor , que a chara esposa ,
 Na solitaria praia descansando ,
 Duas vezes perdida , em vão chamava ;

Quantas o ról contém , desde a máis baxa
 E roliça fregôna , até á Dama
 Mais nobre , máis *gagé* (14) , e máis xibante.
 Hôje porêm , que em máis serios estudos ,
 Os dias gasta , desfrutando a honra
 D'a rústica curar gente da vârgem ,
 Inda este phrenesi curar não pode ;
 Nem da Empyrica sciencia o gran-segreto ,
 As hervas , Cataplasmas tem bastado ,
 Para os males curar-lhe da cabeça.

Eis outro chega , de não menos fama ,
 Cavalheiro do porte dos *Venégas* ,
 Que muitos Infanções por Avós conta.
 Este só comerá d'uma assentada ,
 Sem que papo lhe faça , um Boi inteiro ;
 E como quem um cópo bébe de agua ,
 De Caffé , Chocolate , Chá , Sorvêtte ,
 D'um trago , beberá toda uma pipa.
 Elle Céa não ha , não ha Merenda ,
 A que prompto não vôle , não assista.
 Tam rápida, calar das altas nuvens
 Não vê o Passageiro , em largo Campo ,
 A grasnadora grálha , o negro Córvo ,
 Sobre o triste animal , que de cansado
 Em comprido caminho , deu a ossada ;
 Como correr se vê o bom Fidalgo
 A' voz , e cheiro do máis vil banquête.

D'êsta Canina fôme , que o devóra ,
De *alarve* lhe ficou o gentil nome ,
Com que em toda a Cidade é conhecido.

Nem tu has-de deixar de ser lembrado
Em meus versos , Prior-da Sancta Igreja
Que *Alcáçova* ennobrece ; tu , que sendo ,
Um tempo , branco e louro , te tornaste
Por artes encantadas , negro e pardo.
Este na Salla entrou de lôba e cappa ,
Mas debaixo do braço , co' a Catána ,
Com que em noites de escuro tem brigado
(Se de seu gran-valor não mente a *fama*)
Muitas vezes , com todos os Diabos.

Então , tremendo chega a passos lentos ,
O longévo potrôso do *Saldanha* ,
Que em régras económicas bem pode
Dar sóta e áz ao Grêgo *Xenophonte* (15).
Para próva do seu contentamento ,
Se adórna do vestido Domingueiro ;
Sobre uma véstia branca , airoso traja
Cazaca que foi nêgra ha quinze lustros ;
Os Calções éráo pardos , e os sapatos ,
As meyas , e espadim , e os outros cabos
Em nada do vestido desdizião.

A seu lado marchava o vêlho *Prêto* ,
Com a suja panélla , em que costuma

Ajuntar as reliquias dos banquetes ,
A que assiste faminto , e com que passa
O résto da semana co' a familia.

Tu tambem , grosso *Sylva* , lustre e gloria
Da tua Pátria , antiga *Torres-védras* ,
Doutor em *Anno-histórico* , não foste
Dos ultimos , que a ricca salla entrárão.

Estes , e outros varões de igual calibre ,
Dignos todos de fama e maravilha ,
Honrárão nesta noite a grande fésta :
Mas da Justiça o amor me não consente
Que eu deixe vóssos nomes envolvidos
Entre a tréva , que espalha somnolenta
A água estôffa do sombrío *Lethes* :
Bolorento *Pão ralo* , e tu , que fallas
A lingua da *Mourama* , oh bom *Gonçalo* ,
E que os Melões , e Peras almotaças ,
Com tanta rectidão ao Pôvo d'*Elvas* ,
Quando empunhas severo a rubra vara (16).

Junta em fim a selecta Compania ,
O vistoso Sallão em torno c'roão.
Emtão ao Chôro , que esperando estava ,
Deu sinal o *Deão* , e uma *Sonnata*
De Cravo , de *Machéte* , e *Castanholas* ,
Da *Orchestra* strepitosa foi preludio ,

A que um Duo se ségue , cousa rara !
 E que ignal nunca viu em seus theátrós
Milão , Veneza , Nápoles , Florença .
 O grande *Eugenio* , e o famoso *Felix*
 Forão os dous *Virtuosos* , que o cantárão .

Si tu , oh estremada *Zamperini* (17) ,
 Que em Lisboa os Casquilhos embarças ,
 Seus suaves accents escutáras ,
 Passages , e volatas ; bem que as *Graças*
Lisonjeiras te cérquem , e derramem
 Em teu peito e garganta , mil encantos ,
 Com que as tres filhas d' *Achelóo* vences ;
 Quantos nóvos eneantos apprendêras !

Depois o *Vidigal* ligeiro toma
 Uma Bandurra , que na Orchestra estava ,
 Por mão de insigne Mestre trabalhada :
 Nella se vião , sobre a branca fáia ,
 De marfim embutidas e páu sancto ,
 As folias do filho de *Seméle* ,
 Quando , do Ganges triumphando , á Grécia ,
 Entre lédos tripudios , se tornava .
 Estava o gôrdo Deos allí sentado
 N'um grande Carro , que virentes parras ,
 Contra os rayos do Sól todo toldavão ;
 Uma bojuda pipa , que esparzia
 Um largo jórro de liquor vermélho ,
 De thrôno lhe servia ; e o Mõço imbérbe
 C'o verde thyrso , c'uma maô picava

Os dous accesos mosqueados Tigres ,
 E c-o a outra chegava á secca bôcca,
 De saboroso sumo um chéu vaso.
 Apoz elle se via debuxado
 O hebado *Sileno* , sobre um russo
 E cansado jumento ; de verde héra
 C'roada a fronte tinha o *Semi-capro* ;
 E com tal arte figurado estava ,
 Que a cada passo do animal imbelle ,
 Aos ólhos dos que o vem , se representa ,
 Que , balançando , o semi-deos cahia ,
 C'os fumos , que a cabêça lhe toldavão.
 De foliões *Silenos* uma trôpa ,
 Quasi para o suster , o rodeava ,
 E sobre ella lançava o bom *Sileno* ,
 Todo risonho , os mal-abertos ólhos.
 Precedião o Carro , desgrenhadas
 Mil *Bacchantes* , e *Satyros* lascivos ,
 Dando nos ares descompostos saltos.
 Uns toccavão bozinas retorcidas ,
 Outros rijos adufes , e pandeiros.

O *Vidigal* , pegando no instrumento ,
 Se encommendou ao Deos , a quem amava ,
 E dando á escaravelha largo espaço ,
 Até de todo temperar as cordas ,
 Soltou a bruta vóz , com que costuma
 Levantar os *Mementos* , nos enterros.

Com tam grande attenção não pendem promptos,
 Do novo Batalhão da *Elvense* Têrra ,
 Os marciães soldados , na parada ,
 Da voz agallegada do *Malifa* ;
 Quando o manejo , á falta d'homens , rége ;
 Como a festiva Companhia pende
 Dos duros bérros do Cantor famoso ,
 Que da Pátria em louvor , assim dizia :
 « Oh grande *Elvas* , Cidade em todo o tempo
 » Por teus famosos filhos memoranda !
 » Hóje até ás estrellas meus accentos
 » Teu nome levarão , e tua fama ;
 » Mas d'onde a minha vóz a teus louvores
 » Dará principio ? Tu , oh brincão *Baccho* ,
 » Como tens por costume , tu me inspira !
 » Mil , em silencio deixarei , successos ,
 » Em mais remótos tempos célebrados ,
 » Que tua gloria illustrão ; pois não póde
 » Um engenho mórtal todas as cousas ;
 » E a louvar passarei do teu Senado
 » A rara , e nunca-vista *Economia* ,
 » Com que no vélho , já-rachado sino ,
 » Por se acharem as rendas do Concelho ,
 » Em luminarias , lutos , e propínas ,
 » Todas (em seu proveito) consumidas ,
 » Quatro gatos (18) mandou lançar de ferro »
 Com tal arte fería o Cantor déstro
 Do pequeno instrumento as tézas córdas ,

Acompanhando o som, com que cantava
 Este estupendo gracioso cazo ,
 Que , ao batter das pancadas , parecia
 Que se ouvião no sino as marteladas.
 « Que direi , (proseguiu) da subtileza ,
 » Com que gravar mandaste sobre a porta
 » Quetem de *Esquinao* nome , em nêgra pédra ,
 » Por que ninguem a lê-la se atrevesse ,
 » A famosa inscripção , em negras lettras ?
 » Mais intrincado , máis escuro enigma ,
 » Que o que nas portas da famosa *Thebas* ,
 » Por destino fatal , aos peregrinos
 » Feroz propunha a monstruosa *Sphinge*. »
 Aquí, para tomar maior alento ,
 Um pouco se callou ; e em alvo pondo ,
 Como quem pensa em cousas máis profundas ,
 Os turvos ólhos , préga um grande escarro ,
 Com que assustou os Circunstantes todos ;
 E de nôvo comêça : « Oh ! si eu lograsse
 » A grande dita de nascer em *Roma* ,
 » E allí , na tenra idade , me tivéssem ,
 » Qual mísero e novél frangão , castrado ;
 » Que então só , dignamente , em fino tiple ,
 » Qual *Achilles* nas Operas d'*Italia* ,
 » De teu grave Senado cantaría
 » A acção maior , que virão as Idades !
 » Tu , oh Pôvo miúdo , e Pôvo gróssio ,
 » Que dos Touros ao barbaro combate ,

- » Presidido dos sérios Magistrados ,
 - » Lá na Praça assistias galhofeiro ,
 - » Tu testemunha foste ? e no futuro
 - » Testemunha serás , que eu não matizo
 - » Com falsas cores o notavel feito :
 - » Fallo da profusão , com que lançarão ,
 - » (Ao primeiro rumor , e ainda incérto ,
 - » Com que a Fama espalhava vagamente
 - » A noticia dos Régios Desposorios
 - » Da Princesa Real , Real Infante)
 - » Depois de terem feito bem o papo ,
 - » As reliquias da pródiga Merenda ,
 - » Sobre as cabêças da apinhada gente.
 - » Então (cousa pasmosa !) os óvos Mólles ,
 - » Arroz doce , Cidrão , e Leite crêspo
 - » Que o Pôvo , ás rebatinhas , apanhava ,
 - » De toda a parte a flux chover se vião ;
 - » Cobrindo n'um instante toda a Praça.
 - » Qual nas tardes de Mayo , (quando Jóve ,
 - » Com a rubida mão dardeja irado ,
 - » Por entre as negras condensadas nuvens ,
 - » Com medónho fragor , torcidos raios)
 - » Cahe a grossa saráiva , enchendo os Campos ;
 - » Taes , de manjar branco as tostadas péllas . »
- Aquã chegava , quando os Convidados ,
A quem de tantos doces a lembrança
Tinha feito crescer agua na bôcca ,
Da demóra da Céa impacientes ,

E da fome voraz estimulados ,
 Em tropel se levantão , e lançando
 Pela terra Cadeiras e Instrumentos ,
 Correrão para a meza , onde scintilla
 Nos dourados cristães , nos finos pratos
 A radiante luz de cem *bugias*. (19)

O primeiro que occupa a Cabeceira
 É o tólo *Aguilar* ; sem comprimento
 Entra logo a cevar a fera gula ;
 Exemplo , que os máis séguem vorazmente.
 Brilha nos cópos o rosado sumo ,
 Que desterra a cruél melancholia
 De meza festival , — reina a Saude ! (20)

Mas de todos tu foste , gran-*Gonsalves* ,
 Quem as primicias cólhe ; todos brindão
 A teu grande valor , á tua astucia ;
 Em quanto tu , no cóllo recostado
 Da prezada Consorte , entre os seus mimos ,
 Do *Bispo* , e do *Deão* te estavas rindo.

A Alegria reinava em toda a meza ;
 Mil chistes , mil apódos , mil pilhérias
 Giravão sem cessar ; sua Excellencia
 De todos éra o alvo ; todos nelle
 Malhavão satisfeitos e contentes ;
 Posto que éra malhar em ferro frio.

Uns , a brilhante escólha lhe louvavão
 Dos Synodães Theólogos , — do *Arronches* ,
 Eximio Prégador , (que leu inteiro

O Livro dos *Conceitos predicaveis* ,
 O *Zodiaco sob'rano* , e outros muitos ,
 Que na *Schola Capucha* estão em preço }
 — Do Guardião dos *Capuchos* , — do *Roquette* ,
Thomista petulante e confiado.

Outros, a pre-potencia celebravão ,
 Com que, *de motu proprio* , um pobre leigo
 Despejar, promptamente, fez das Casas,
 Para nellas viver o seu barbeiro.

Éste, a grande philaucia encarecia
 Com que a *Portuense* mitra na cabeça,
 E seu bágo reger já se suppunha,
 Officios repartindo e Dignidades.

Aquelle, murmurava da arrogancia,
 Com que *Ministro* eleito á grande *Roma*
 A julgar-se chegou; e rodeado
 De *Pages* petulantês, e *Lacaios* ,
 D'o *Tibre* assoberbar as verdes margens,
 Em malhados frizões, imaginava.

E todos, sem respeito, blasphemavão
 Da fatal ignorancia, ou liberdade,
 Com que, a pezar dos *Canones* sagrados,
 Beneficios-Curados entregava
 De avaros *Regulares* entre as garras.

Nem tu, gentil *Roupão* de fresca *Xita* ,
 (Com que, á grande janélla, empanturrado ,
 Da inutil ociosa *Bibliotheca* ,
 Nas noites de *Verão* , a calma passa)

A's suas tezouradas escapaste.


Entre tantos motejos, só, callado,
 Chupando os dêdos e roendo os ossos,
 Comia, e máis comia o *Dom Alarve*;
 E algum caso fatal, de quando em quando,
 Todo chéu de espanto, recontava
 Do *Anno histórico*, o grosso e tôrto *Sylva*.

Quando, subitamente (caso horrendo !
 Que as carnes faz tremer, ao repeti-lo !)
 O vélho *Gallo*, que n'um prato estava,
 Entre frangãos e pombos, lardeado,
 Em pé se levantou, e as nûas azas
 Tres vezes sacudindo, estas palavras,
 Em vóz articulou triste, mas clara :
 — « Em vão, cruél *Deão*, em vão celébras
 » Com nósso sangue o próspero successo,
 » Que a futura victoria te promette;
 » Que por fim cederás a teu contrario. »

Disse : e cahindo sobre o grande prato,
 Sem mexer-se, ficou. Neste momento
 Um gelado suor dos Circunstantes
 Banha as pállidas faces ; os cabellos
 Nas frontes se lhe errição ; largo espaço
 Immóveis ficão, sem dizer palavra.
 Mas o perdido spirito cobrando,
 Se levantão tremendo, e pela terra

(100)

A recheada meza baquearão :
Trez vezes se benzirão co' a mão toda ;
Trez vezes , mas em vão , esconjurarão
O fatal *Gallo* que jazia mórto ,
E , mil , a infausta Céa dando ao Démo ,
Se forão , sacudindo os calcanhares.



CANTO VIII.

NA superior instancia introduzida
 A grande *Appellação*, ardia a guerra.
 Dous Rábulas famosos trabalhavão
 Em offuscar das Partes o direito.
 Quantos rançosos livros, que jazião
 Sepultados em pó, meio-comidos
 Da cruél e voraz, maligna traça,
 Tornárão outravez a vêr o dia!
 A *Excellencia*, a *Discórdia*, a *Senhoría*,
 Cada uma de per si, os excitava;
 E sobre tudo, a fôme devorante
 Do luzente metal, que o Mundo encanta.
 De papel muita rêsma, em lettra griffa,
 Onde, a montões, os Textos, os Doutores,
 Sem ordem, e sem tempo se allegavão,
 Cada qual, de si pago, tinha escripto.

Quando o *Génio* feróz das *Bagatellas*
 Uma fiél balança nas mãos tóma,
 E n'um dos aureos discos, poem attento
 As razões do *Deão*, n'outro as do *Bispo*;
 E vendo, que éstas tinhão maior pezo,
 Tal vez por terem máis papel e tinta,

Por um geral Edicto á Côrte chama
 Os vaidosos Magnatas, e em senzala,
 Com fera continencia, assim lhes disse :
 « Nunca a pensar cheguei, que em meus vassallos,
 » Que do Orbe a estimação, e o ser me dévem,
 » Tão louco algum houvése, e tão ingrato,
 » Que combatter ousasse meus projectos !
 » Mas o Tempo, que a todos desengana,
 » Me mostrou quanto errava, e quão perdidos
 » São, com ingratos, grandes beneficios !
 » Este enôrme attentado merecia
 » Um castigo exemplar ; mas a *Clemencia*,
 » Companheira fiél do meu Imperio,
 » A espada me suspende, na esperança
 » Da prompta emenda. » Aquí fitando os olhos
 Na pallida, e confusa *Senhoría*,
 Desta sórte prosegue em seu discurso :
 « É pois minha vontade, ordeno, e mando,
 » Sob pena de incorrer no desagrado
 » Do meu Real Favor, de abrir os olhos
 » Do mundo fascinado, e de mostrar-lhe
 » Que nada tem de real vossas Pessoas,
 » Que todos são phantásticas Chiméras :
 » Que nenhum de vos-outros se intro-metta
 » No famoso litigio, que hoje córre
 » Entre o *Bispo*, e *Deão* da Igreja d'*Ewas*. »
 Sevéro, isto dizendo, se retira,
 Deixando a todos tristes e confusos.

Mas a vã *Senhoria*, que conhece
 A quem as ameaças se encaminhão,
 Vendo, por este módo, as mãos atadas,
 Para seguir o empenho começado;
 A carpir, se retira n'um deserto,
 Sua grande desgraça, envergonhada.

Entre tanto o *Deão* confuso, afflicto
 Passava as horas, na memoria tendo
 Do lardeado *Gallo* o infausto annuncio.
 Pouco e pouco, a cruel *Melancholia*
 O devóra, e consóme; não graceja,
 Como d'antes usava, co' a familia:
 Mas, em seus pensamentos abysmado,
 Comia pouco, pouco repousava,
 Não joga, nem Caffé, nem Chá bebiã.
 No pico d'um rochêdo solitario,
 Entre as trévas da noite carregada,
 Tão lúgubre gémer, de quando em quando,
 O fêo e rouco *Môcho* não se escuta,
 Como o pobre gemia, retirado
 No escuro canto d'uma nua salla.

Então a zelosa Ama, a quem penêtra
 Do afflicto Patrão a grave pena,
 Um dia lhe fallou, por esta forma:
 — « Que tem, Senhor *Deão*? que magoa é éssa,
 » Que tão mudado o traz do que antes éra?
 » Mal haja quem lhe dá tanto cuidado!

- » Essa cara , Senhor , que n'outro tempo ,
- » Éra cara de *Páschoas* , tão alégre ,
- » Tão gôrda , e reverenda , tão affavel ,
- » (Até para os seus Sérvos) tão mudada
- » Está do que já foi , que hõje parece
- » Uma cara de angustias ! Não socéga ;
- » Mas em triste silencio sepultado ,
- » Nem tóma o seu Caffé , nem joga o *Wist* !
- » Supponho que lhe dérão mal de olhado !
- » Ah ! si este for seu mal , prompto remedio
- » Em mim encontrará ; pois do quebranto
- » Sei benzer , e curar por mil maneiras :
- » Porém , si a causa é outra , não m'a occulte ;
- » Que talvez lh'eu descubra algum alivio :
- » Pois , mil vezes , na planta despresada ,
- » Está de grave infirmitade a cura. »

- « Ama (diz o *Deão*) para que é tonta ?
- » Por ventura não sabe o gran litigio ,
 - » Que trago com o *Bispo* ; em que meu brio ,
 - » O meu ser , minha gloria se interessão ?
 - » Não se lembra tambem do infausto agouro
 - » Do lardeado *Gallo* ? Que mais cauza ,
 - » Em mim pretende pois , de viver triste ?
 - » Oh ! si os *Astros* crueis tem ordenado
 - » Que eu a demanda pérca , de repente
 - » Me verá estalar sem frio , ou febre ,
 - » Entre as bárbaras mãos deste disgosto. »

— « Senhor *Deão* (replica então a Ama)
» Si da sua tristeza é essa a causa ,
» Tem por certo razão para affligir-se ;
» Supposto , que não é o mal tão grande ,
» Que não possa remedio ter ainda .

» Eu , sendo môça , instituida
» Fui nas artes da Madre *Celestina* ,
» Pela vélha *Canidia* ; muito trato
» Tive então com o sabio *Abracadabro* , (21)
» Famoso Encantador , que ainda vive ,
» Não longe deste sitio , n'uma gruta .
» Este estupendo Mágico conhece
» Das pédras , e das plantas as máis raras ,
» As occultas virtudes ; sabe a lingua
» Das Aves , e Animáes ; com seus conjuros
» Muda as louras ceáras ; sobre a terra ,
» Mil vezes , faz descer trovões e raios ;
» Arranca do alto Céu a branca Lua ;
» Em nêgro Urso , mil vezes , se convérte ,
» Mil em Lôbo Cerval , e mil em Touro :
» Este pois mudar póde do Destino
» As Leis , e a Natureza ; e mentiroso
» Tornar (si lhe parece) o triste agouro
» Do diabólico *Gallo* . A consulta-lo ,
» Si fôr do seu agrado , iremos ambos . »

Disse : e o *Deão* suspenso largo espaço ,
Sem saber resolver-se , mudo fica .

Uma^s vezes se anima , outras recéa
Do Mágico feroz o horrendo aspecto.
Não de outra sorte está Carvalho annoso ,
Que em torno , pelo pé , sendo cortado ,
Pendente d'um só fio , com a quéda
Cem partes ameaça , e a verde cópa
A nenhuma , por longo tempo , inclina.
Finalmente , o desejo da victoria
Vence o frio temor. Tanto em seu peito
Póde a *Raiva* , póde a cruel *Vingança* !
Dando um grande gemido , estas palavras
Do máis intimo d'alma afflicto arranca :
— « Vamos , Ama , buscar o grande Sabio ;
» E verêmos si tem meu mal remedio. »

Era alta noite , e a térra esclarecia ,
Com dúvidosa luz , a branca Lua ;
Quando o *Deão* , pela Ama conduzido ,
A um monturo se foi , onde ambos juntos
Se déspem promptamente , e untando o corpo ,
Com sangue de Morcégo e de Toupeira ,
Sobre sordidas pennas se espojarão.
Então o corpo todo agita , e móve
Com medônhos esgares , e rosnando
Em baxo som , por entre os pôdres dentes ,
Cértas palavras a espantosa Vélha ,
Ao farfante *Deão* diz açodada :
— « Voêmos. » — E n'um ponto (cousa rara !

E que igual nunca fez *Juan de las vinhas*)
 Pelos ares voárão livremente ,
 Procurando do Archimago a morada.

De *Alcaçova* o Prior , homem vexado
 De nocturnas visões , que então á Casa ,
 Do *Nunes Bacchanal* em companhia ,
 C'um puxativo escalda (22) , se tornava ,
 Vendo alçar-se da terra os nêgros vultos ,
 Arranca da brilhante *Durindana* ,
 E o capóte traçando , velozmente ,
 Poem-se no récto , parte , atira um furo ,
 Faz pé atraz ; mas tropeçando , acaso
 N'um podengo que , á fôrça de pedradas ,
 Os travessos rapazes tinham morto ,
 De cóstas se estendeu na dura terra ,
 Coberto de vergonha , stérco , e lama.
 Então máis furioso se levanta ,
 E c'um gólpe mortal a partir tórna.
 O Pejo , e o Furor lhe dóbra as fôrças ,
 Bérra , salta , esconjura , poem preceitos ,
 Sem descansar , talhando os subtis ventos ;
 Mas tudo em vão ; que léves e seguros ,
 Nadando pelos ares , se sumirão
 Os novos *Anthropógrifhos* nas nuvens.

Tu só , nesta aventura , infeliz *Nunes*
 Provaste a furia do pezado braço ;
 Pois , ao vibrar um talho o *Dom Quixote* ,
 C'o rabo te chegou da rija espada ,

Pregando-te um gilvaz pelos focinhos,
Com que em duas te fez a aguda barba.

Nas entranhas d'um monte solitario,
Que entre as nuvens esconde a calva fronte,
Assiste *Abracadabro*, a quem patentes
Os profundos mysterios da Cabála,
E todas as leis são da *Onomanía*.
Mil Globos, mil Compassos, mil Quadrantca
Confusos jazem no sombrio alvergue :
Alli *Betyles* ha, ha *Chelonites*,
Corações de Toupeiras, ha entranhas
De vãos Camelões, ha pedras d'*Ara*,
E mágicos espelhos ; ha cabêças
De mórtos animaes, *Lameiras* Virgens,
Hypomanes, *Mandragoras*, e outras hérvas,
A' luz colhidas da nascente Lua,
Nas campinas do *Ponto*, e da *Thessalia*.
Aqui *Ama*, *Deão* descem, a tempo
Que, á mal-accessa luz d'uma lanterna,
Um *Talisman* o Mágico compunha.
Ao fêo aspecto do fatal hospicio,
As carnes ao *Deão* se arripiarão.
Comêça a vacillar ; mas a malvada,
Vélha Bruxa o segura, alenta, anima.
Entrão pois onde o Sabio trabalhava,
E, prostrada por terra, a vil Carcassa,
Desta fórma, o silencio interrompia.

- « Famoso *Abracadabro* , a cuja illustre ,
» Alta sciencia os *Fados* concederão
» Dominar Elementos , e Planetas ,
» Este , que vês (eu creio , o não ignoras)
» É o nóbre *Deão* da Igreja d'*Elvas* :
» Pelo arrogante *Bispo* perseguido ,
» Do teu grande poder se chéga ás abas :
» Com o gôrdo Prelado , e seu Cabido
» Uma demanda traz ; para vence-la
» Tuas artes procura. Ah ! si algum dia ,
» Com teu alto favor , benigno honraste
» Esta Sérvia fiél ; por elle mesmo ,
» A teus pés humilhada , hóje te peço ,
» Que o queiras amparar ; Elle o merece
» Por triste e desvalido ; e pelo grande
» E profundo respeito , que tributa
» A teu alto Saber , ás tuas barbas. »

Aquí o Vélho Magico lhe tórna :
— « Nada do que tu dizes me é occulto ;
» E por elle , e por ti provar intento
» Quanto minha arte póde. » Isto dizendo ,
Todos tres se sahirão da cavérna ,
E á mal-distincta luz da frouxa Lua ,
Sobre a raza campína , *Abracadabro* ,
Com uma curta vara , quatro linhas
De circulos pequenos lógo traça :
A estas linhas junta tres fileiras

- » Pedras de tóque são , onde os quilates
- » Das grandes almas sempre resplandecem ;
- » De máis , que os duros *Fados* tão injustos
- » Não são para contigo , que vingança
- » A teus grandes aggravos não permittam :— »

Ao écho da vingança , ó antigo esforço
Cóbra o pallido *Lara* ; e alvoroçado

Esta pergunta faz ao vélho bruxo :

— « E que vingança é éssa , *Abracadabro* ,
» Que o *Fado* me promette ? »—Então o sabio,
Com severo semblante , lhe responde :

« Virá a succeder-te no *Deado*

- » Um novo Heróe da tua mesma raça.
- » Este , sendo tambem indignamente
- » Pelo orgulhoso *Bispo* injuriado ,
- » Por que á porta recusa do Cabido
- » Ir , como tu , a off'recer o *Hyssope* ;
- » Para em salvo se pôr de seus insultos ,
- » Deixando , sabiamente aconselhado ,
- » De venâes Magistrados o recurso ,
- » Refugio buscará nas sanctas Aras
- » Onde *Thémis* preside , e firme asylo
- » Achão contra a violencia os Opprimidos.
- » Os Ministros da Deosa , que zelosos
- » De seu altar e culto , attentos séguem
- » As pizadas do Principe famoso ,
- » Que dando ao Sacerdocio , ao Scéptro dando ,

- » O que é do Sacerdocio, o que do Sceptro ,
- » Tem de ambos os podêres felizmente
- » As sagradas balizas assignado ,
- » E defendem com prompta vigilancia
- » Da Real Jurisdição os justos termos ;
- » Ao *Bispo* mandarão , por seu Decreto ,
- » Que a razão deste excesso logo assine.
- » A' fatal vista do imprevisto gólpe ,
- » Ficando consternado o bom Prelado ,
- » Com fraqueza a mais vil, dolosamente
- » (Accão bem digna só d'um home' indigno !)
- » Do Livro mandarã riscar as mulctas ;
- » Negará tê-las feito, e negaria ,
- » Si necessario fosse, o mesmo *Christo*.
- » Então desistirá, chéu de mêdo ;
- » Da pertendida pósse, e seus direitos :
- » E a pelle convertendo , na apparencia ,
- » De féro Lobo , se fará Cordeiro. — »

Disse : e o *Deão* , de ouvi-lo satisfeito ,
 Mil graças dava aos *Fados* , dava ao Sabio ,
 Mil á *Vélha* , que a vê-lo o conduzira.

Já a Aurora , deixando enfasiada
 Do potroso Titão o frio leito ,
 Sobré o Carro , de aljofres guarnecido ,
 Com um mólho de rozas excitava
 Ao veloz curso as remendadas Pias , (23)
 Que os frêos mastigando de diamante ,
 Por ólhos , e por ventas scintillavão

Trémulos raios, que de luz cobrião
Os longo-apavonados horizontes :
Quando a *Vélha*, o *Deão*, ambos deixando
O grande *Abacadabro*, e sua gruta,
A descansar da longa ameijoada,
Para Casa velozes se partirão.

Era já alto dia, e retumbava,
Em alegres repiques, *Elvas* toda ;
Quando o *Deão* acórda ao grande ruido,
E chamando os Criados lhes pergunta,
Qual do grande *Zão-Zão* era o motivo.
Então o Cuzinheiro, debulhado
Em lágrimas, lhe conta que a noticia
De ter vencido o *Bispo* o grande pleito,
Que trazia com sua *Senhória*,
Tinha, há pouco, chegado por um *Proprio* :
Que em todas as Igrejas não havia
Sino grande, *Matrâca*, ou *Campainha*
Que, em sinal de prazer, se não toccasse,

Acabou o bom servo a triste harenga,
De seu peito exhalando um gran-sólugo ;
Mas sua *Senhória* consolado
Da futura vingança com a imagem,
Sem alterar-se, ouviu a infeliz nóva.

NOTAS.

Nota 1. pag. 2. Versos 11 e 12.

; e que abraçarão ,
Até a morte, os perfidos *Solipsos*.

Solipso, palavra composta das duas latinas *Solus* e *ipse*, que corresponde ao sentido que damos hoje ao nome de *egoísta*. *Melchior Inchofer*, Jesuíta allemão, é o inventor d'essa expressão que produziu, para designar por ella os Padres, Geral, Ghefes, e Regentes da Companhia de Jesú. Havendo tomado a roupeta d'essa Sociedade na idade de 23 annos, conheceu, pouco tempo depois, o espirito de ambição, e de prepotencia antichristãs, com que, por intrigas internas e externas, se regia, de longe e ao perto, a sua extensa e numerosa corporação. Compoz em latim, e publicou em 1648, com o titulo de — *Monarchia Solipsorum*, um livro em que descobre e desenvolve todo o systema de Governo dos *Jesuitas*. Escusado é dizer se que este livro não se acha facilmente, e que a primeira edição é raríssima; pois os *Jesuitas* que á sua disposição tinham tantas, e tam *Grandes* consciencias, empregarão todo o seu poder e influencia, para conseguir, si não a total extincção d'elle, ao menos a sua raridade. Apezar das suas multiplicadas e constantes diligencias alguns exemplares desta primeira edição se achão em

varias Bibliothecas; e 12 annos depois d'ella, em Veneza se publicou uma segunda edição do mesmo livro.

Deixo a todo o *Religioso* de boa fée a obrigação de inquirir e publicar quaes fórão as perseguições, e os trabalhos que *Melchior Inchofer* teve de soffrer dos seus irmãos; de nos instruir á cerca dos gráus em que os *frades* repartem a extensão do que chamão *corrêção fraterna*; e de nos declarar si, quando offendidos, elles costumão pôr em rigorosa praxe os preceitos de charidade, prescriptos por N. S. J. C. no Evangelho.

Voltando a este livro de *Melchior Inchofer*, devo apontar o Doutor *Arnauld*, que em dous lugares da sua Obra intitulada—*Moral pratica dos Jesuitas*—faz menção d'elle. Em o 3^{ro.} tomo, a pag. 86, diz: « sabe se que o vosso character vos conduz a » fazer o bem com ardor, com tanto que sejáes » os unicos em obra-lo, e que ninguem participe » com vosco á gloria de uma boa acção. Si quereis » ser sinceros, convireis que um dos vossos Padres, autor do livro—*Monarchia Solipsorum*— » mui bem vos conhecia. »—E no mesmo tomo a pag. 686. acrescenta o Doutor *Arnauld*: «—É certo » que esta *Monarchia Solipsorum* é de um *Jesuita* » allemão, chamado *Melchior Inchofer*; pois sabe » se onde existe a carta original de outro *Jesuita* » espanhol que assim o confessa, e que muito se » lastima d'isso. »—

He curiosa tambem a observação do *Jesuita Papebroch*; (*Elucid. histor. actor. in Controversia Carmelitica, Cap. X.*) pois nos dá uma boa definição da palavra *Solipsus*, e da expressão grega *Monopantos*, de que se servia o Papa *Innocencio XII*, para designar um *Jesuita*.

Penso haver justificado o nosso Poeta á cerca do epitheto — *perfidos* — que elle uniu ao nome de *Solipsos*; e em abono d'essa qualificação, podéra eu aqui accumular infinitos documentos, não lembrados na *Deducção Chronologica*, si a Charidade christãa me não embargasse a vontade. Desculpado a Poeta, passo a pedir venia do delicto que se me podéra imputar por estas lembranças.

Estranhará, sem duvida, o benigno Leitor o comprimento désta nota, e a sua impropriedade em um poema Heroi-comico: accusar-me ha, pode ser, de adverso aos *Jesuitas*; — dou-me já por culpado; e si é crime, tenho a honra de ter por complices S. M. Fidelissima, O Senhor D. João VI. Rei dos Reinos unidos de Portugal, Brazil, Algarves etc. SS. MM. o Imperador de todas as Russias, o Imperador d'Austria, e mais alguns Monarchas que não querem *Jesuitas* em seus Estados; pois estou persuadido que tem muita razão.

Más aos Sñrs^{os} *Jesuitas*, e aos seus apaixonados pouco deve importar a aversão de todos estes Soberanos, e ainda menos a minha: quando tem por apologista um Inglez, qual o Senhor R. C. *Dallas*, que tambem fez já a apologia dos Cães adestrados, pelos seus compatriotas da *Jamaica*, em o exercicio, muito humano e christão, de devorar os negros fugitivos.

Estas duas producções de um Inglez, o Senhor R. C. *Dallas*, merecem ser conhecidas; aquí vão os seus titulos:

The History of the *Marroons*, from their origin, to the establishment of their Chief Tribe at *Sierra Leona*. 2 vol. in 8°. London 1803.

The new Conspiracy against the *Jesuits*, detected and exposed by R. C. *Dallas* Esq. 1. vol. in 8^o London 1815, — e dedicado — to the Right Honorable *George Canning*. M. P. His Majesty's Ambassador Extraordinary to the Court of Portugal, etc

Observe-se 1^o. a data deste Livro : 2^o. a que pessoa é dedicado : 3^o. a qualidade d'esta pessoa : 4^o. o emprego que ella occupava então em Portugal : 5^o. que neste mesmo tempo S. M. Fidclissima ordenava aos seus Ministros, residentes em as Cortes Estrangeiras, de não admittir proposta alguma, nem mesmo dar ouvidos a qualquer communição que, a favor dos *Jesuitas*, lhes podesse ser feita, por parte dos Soberanos a que elles são enviados. Observe-se finalmente que o Senhor *Dallas*, logo na primeira pagina da sua Introduçãõ, declara ser Realista *Inglez* e *protestante*; pois ahi professa o seu *attachement to the Monarchy, and to the Church of England*: donde se segue que tambem ha *Jesuitas protestantes*, ou *Protestantes Jesuitas*, bem como ja houve na China *Jesuitas Mandarins*, que soubêrão combinar o *Padre Nosso* e o *Credo* com a crêncã dos *Chins*. —

No prefacio, na dedicatoria, e em varias partes d'esta obra do Senhor *Dallas*, mormente no Cap. IV. pag. 229 a 236, vêm indecorosas calumnias contra El Rei D José, e injuriosas fabulas contra o seu Ministro, o Marquez de Pombal.

Annunciou-se, ha pouco, uma traducção franceza d'esta Obra, que sem duvida será seguida de outras em Italiano, e nas mais linguas da Europa. Existindo já, como me assevéraõ, uma versãõ d'ella em Castilhana, provavel é que não tardará a apparecer outra em Portuguez.

Ah! si houvesse liberdade de imprensa em Portugal, de certo lá surgiria algum *Pascal*, para comprimentar o Senhor *Dallas*, em novas cartas *Provinciaes*.

(2) a paginas 3. Verso 16º.

Não bastão a curar tres *Anticyras*.

Anticyra, ou Ilha d'*Eubéa*, hoje chamada *Negropono*, éra celebre entre os Antigos, em razão do *Helléboro* que produzia, e a que elles attribuíão a grande virtude de desterrar a melancholia, e de restituir a seu siso os que erão affectos de loucura, fosse qual fosse o genero, ou o gráu d'ella. Horacio na Satyra 3ª. do 2º Livro, falando de avarentos diz:

*Danda est Hellebori multò pars maxima Avaris :
Nescio an Anticyram ratio illis destinet omnem.*

E, na sua Arte Poética, prasmando o desalinho e a falta de limpeza com que alguns poetas aspiravão aos creditos de estudiosos, e ao nome de sabios, appellida todo o que é iscado de tam nojenta louçura. —

Tribus Anticyris caput insanabile.

Cujo sentido é fielmente vertido em o Verso que aqui fica commentado.

(3) a paginas 4. Verso ultimo.

E os outros genios da subtil cabála.

A Cabála é uma d'aquellas Loucuras que, com o nome de sciencia, tem accomettido, em diversas épo:

(7) pag. 29, Verso 12.

A Roda da fortuna e cristaes d'alma.

Este Verso allude a dous dos muitos Livros mystico-moraes, de que a nossa literatura nacional é tam sobejamente abundante, em desdouro da boa razão, da Religião christãa, e da boa Moral. Somos devedores d'essa praga, em maior parte, aos *Jesuitas*, e á sua Eschola.

(8) Pag. 30, Verso 23.

Que a móda já ridiculos tornára.

Em os primeiros manuscriptos que apparecerão, este Verso não vinha; o seu lugar era occupado pelos tres seguintes:

Que de balde proscriptos, por malvados
Imposta, a vil e escandalosa alcunha
De-mulas com gualdrapas-nos deixarão.

O Autor quando revia, e emendava de sua mão algumas copias que se lhe apresentavão, encontrando estes versos, costumava supri-los pelo que vai impresso n'esta edição. Gracejando dizia, que as cappas ficando aos Congos, ficarão lhes as gualdrapas; que a reforma do Bispo abrangéra somente os atufães, bem significados pelos *françados alamares*; e que riscava estes tres versos, como faltos de exacção historica e descriptiva. Acrescentava depois, com mais sizudas razões, que os lembrados versos não só continhão um sentido contradictorio, mas que até éráo de *styla summamente improprio* e sobejamente baxo, na lisongeira narração

que das grandezas do seu Bispo fazia um Conego agradecido.

Com a mesma razão de impropriedade , apagava tambem o Autor outro verso , que a principio interposéra entre o decimo sexto e o decimo septimo que nesta edição se leem a pag. 8. Falando o *Genio tutelar das Bagatellas* assim dizia :

Eu a escrevi, eu mesmo, em meu canhenho,
Nem menos que Pilátos eu me julgo ,
E o que escrevo uma vez, nunca mais borro.

O motivo , que dava o Autor para riscar o segundo d'estes tres versos , é que vinha aqui *Pilátos* mettido, não como no *Credo* , antes sim muito mal accomodado. Acertava sem duvida o Poeta em excluir do seu poema este verso com tal nome , que lembra um facto , muito serio e digno de nosso respeito , para ser referido , em obra jocoseria , pelo *Genio das Bagatellas*.

Faço esta nota para precaver o Leitor contra estes e outros versos que poderá encontrar , em alguns manuscriptos, e que, depois de emendados pelo Autor, devem ser tidos por incorrectos e nullos; assim como por espurios , alguns outros que curiosos lhe tem addido.

(9) Pag. 3a., Verso 15.

Que de Sancto Thomas tem lidó a summa.

Alguns Francezes que tem estado em Portugal , e que de lingua , litteratura e costumes desse paiz tanto sabem, quanto lhes bastou e basta , para negociarem com Portuguezes , dizem que o *Hyslope*

não passa de um rasteiro e insipido transumpto do *Lutrin* de *Boileau*; em prova do seu recto juizo, citão sempre o seguinte verso do seu Poeta: (*Lutrin*, Canto IV.)

Qui de Bauny vingt fois a lu toute la somme.
Supondo que o nosso Poeta haja tido a lembrança da *summa* de *Sancto Thomas*, porque *Boileau* se lembrou d'a de *Bauny*, não se segue, que este poema seja traslado do *Lutrin*: e ainda mesmo, quando tivéra pretendido imitar o dito verso, acharia desculpa, e até louvor, em todos os que entendem alguma cousa de poesia; pois *Boileau* imitou os antigos poetas latinos, e estes a *Homero*, e a outros Gregos, que talvez imitarão outros que não conhecemos: imitar em fim, tanto em literatura, como em Poesia, não é copiar, nem trasladar.

(10) Pag. 36. Verso 18.

Entre as rochas do *Bosphoro Cimmério*

O *Bosphoro Cimmério* é um estreito que fica na costa do Reino de *Napoles* junto a *Baias*. Os antigos poetas estabelecerão em esse sitio o palácio do *Somno*, e a lapa onde começava o caminho dos infernos.

(11) pag. 38, Verso 13 e 14.

Tens de *Serpa* o Auditor que o velho *Accursio*,
E *Barthôlo* o famoso só despréza,
Etc.

Certo Auditor, freire de *Avis*, e juiz ecclesiastico da villa de *Serpa*, em uma sentença que deu, re-

geitou a autoridade de *Accursio*, e de *Bártholo*, com o fundamento de serem autores Romanos, idólatras; e condemnou o Advogado a uma multa, por ter produzido os nomes de semelhantes autores, em causa seria, e do fóro ecclesiastico.

(12) pag. 52, Verso 21.

É pasmar ver, Senhor, como um *pascasio*

O erudito *Moraes*, em o seu dictionario da lingua portugueza, não indica o numero singular d'este substantivo, e traz « *Pascasios*, s. m. pl. lingua de *Pascasios* i. é. affectada, por ser alatinada; pedantesca. *Leão*, Orthogr. pag. 277. » — Não tendo á vista a Orthographia de *Duarte Nunes de Leão*, que, ha dous seculos, trabalhava em purgar a lingua portugueza dos vicios que a deslustravão, e que ainda a deslustrão; e não sabendo adivinhar o mais que elle disse sobre esta palavra, passo a dar a sua etymologia: pode ser que nada mais diga, nem tão acertadamente como Elle.

Os que, lendo este poema, não tiverem á mão as obras de *D. N. de Leão*, me perdoarão este, acaso excusado, offerecimento que lhes faço, em abono do emprego que o nosso Poeta fez no singular da palavra *pascasios*.

Pascasio, palavra composta e, bem como outras muitas, singularmente nossas, derivada das Gregas: *πᾶς*, α, ᾶν. adj. que significa *todo*, e do verbo: *πᾶσι*, que em sentido physico, e moral, lembra o defeito de *coxear*, *claudicar* etc. *Pascasio* quer dizer, quanto a mim, homem que *todo*, ou em *tudo* coxéa, manqueja, ou claudica, seja de corpo, seja

de juízo, ou seja emfim, em mesclar a sua lingua com expressões excusadas, e quasi sempre improprias, que por affectação vai buscar a idiomas que mal conhece: o que é prova incontestavel de cabal tolíce; O verbo *σκάζω* significando tambem — *ser tólo* —, logo *Pascasio* é synonymo de *todo-tólo*, em tudo tólo, ou rematado tólo; e bem podia o nosso Poeta fazer uso d'esta expressão em numero singular; pois de ser, por *Leão*, e por *Moraes*, somente indicada em plural, nada mais se colhe, que o triste juz que a muitos, ou a mais de um, compete de tão desgraçado epitheto.

(13) pag. 57, Verso 10.

Causados rogos de importunos procos,

Em dous dos manuscriptos que tenho presentes acho a palavra — *porcos* em lugar de *procos*, e n'um d'elles a seguinte nota a margem — *companheiros de Ulysses*. — O annotador não se lembrou, que *Ulysses*, havendo perdido todos os seus companheiros, em a sua longa perigrinação, chegou sosinho á sua ilha de *Ithaca*, e que não podia encontrar lá os seus defuntos amigos, requestando a sua mulher *Penelope*. Quão curiosos haverião sido os requébroz d'esses amantes com visos de *porcos*!

Cicero e outros *Classicos* latinos fizeram emprego da palavra *Procus*; mas o nosso Poeta a tomou certamente de *Horacio*, e applicou a, como este, aos que sollicitavão a mão e o throno de *Penelope* (Hor. L. 3, od. 10.)

Non te Penelopen, difficilem procis,
Tyrrhenus genuit parens.

A palavra *Procus* vem da grega, *προίξ*, *χος* que significa *dote*, *presentes*, *dadivas nupcias*; e acha-se muito bem adaptada a todo o que procura cazar-se, levado pela cubiça do dote da noiva, ou pela ambição de possuir os seus bens, estado, ou grandeza.

Faço esta nota para provar que os manuscritos d'Autores tanto antigos, como modernos, ainda os de melhor letra, encerrão ás vezes muitos erros que não devem ser imputados aos ditos Autores; Essas falhas provindo, ou da ignorancia dos amanuenses, quanto aos transumptos, ou até mesmo de descuidos nos autographos, podem dar lugar e desculpa a longos commentarios, como este, que somente versa sobre a transposição de uma letra.

(14) pag. 89, Verso 3.

Mais nobre, mais *gagé*, e mais xibante.

Gagé, palavra adoptada, em estylo de boas e honestas Sociedades, mormente pelas Damas, para se designar por ella uma Menina ou Senhora esbelta, agil e decentemente engraçada nos movimentos do seu corpo e cabeça. Vem do adjectivo francez *degagé*, que rigorosamente significa *desembaraçado*: más este epitheto *desembaraçado* não se pode unir em portugez ao nome de Dama, sem se dar uma idéa pouco favoravel dos seus costumes; pois a expressão de mulher, ou Senhora *desembaraçada*, equivale em estylo culto, e supre, com civil modificação, á de mulher desenvolta. O nosso Poeta, como bom conhecedor de estylos, e bom pratico dos preceitos de *Horacio*, fez uso aqui da liberdade que concede este

Mestre aos homens de gosto apurado, e de atilado discernimento; e si adoptou esta expressão franceza, os usos do seu tempo, a ironia talvez, o estylo Héroi-comico do seu poema, e o exemplo de muitos Classicos portuguezes lh'o permitirão, e com louvor o desculpão: tanto mais que esta licença sempre foi por elle *sumpta pudenter*.

O mesino podemos dizer da palavra — *xibante* — que remata este verso, e que é hoje mui bem acolhida nas melhores sociedades.

Quanto á de *fregõna*, que se acha no verso antecedente, parece-me ser expressão *provinciana*, e com especialidade, do *Alentejo*. Tenho já ouvido appellidar *fregonas*, ou *fragonas*, as criadas que em qualquer casa se empregão nos trabalhos mais grosseiros, como cozinhar, ammassar, esfregar etc. D'esfregar, supponho eu, deriva a palavra-*fregõna*.

(15) pag. 90, Verso 16 e 17.

Que, em regras economicas, bem pode
Dar sóta e az ao Grego *Xenophonte*.

Somos devedores ao historiador grego *Xenophonte*, alem de outras muitas obras que compoz, de um tratado sobre o regime cazeiro, ou governo domestico; o qual vem no quinto Livro dos *aphorismos memoraveis* que d'elle temos, como proferidos por *Socrates*, de quem fez tambem a apologia. Este quinto livro é intitulado *Οἰκονομικὸς λόγος*, *Discurso economico*, e a elle allude o nosso Poeta em estes dous versos.

Quanto a expressão — *dar sóta e az* — Sabe se que é ríção muito corrente, e derivado do jogo das

cartas ; o qual significa *grande avença*, que pode dar um habil jogador ao seu adversario menos habil ; e figuradamente , a superioridade que , em algum assumpto ou contenda, tem qualquer sobre outro , ou muitos antagonistas.

(16) pag. 91 , Verso 19.

Quando empunhas sevêro a rubra vara.

A vara rubra , ou vermelha , é em *Portugal* o Symbolo das jurisdicções, ou justiças ordinarias , quaes as dos Almotaceis , Juizes ordinarios , Varea-dores etc. : bem como a Vara branca distingue d'elles os Ministros , ou Juizes , que occupão lugares chamados de *letras* , por isso que devem ser occupados por pessoas que , moços , hajão ido a *Coimbra* aprender a ler , mal ou bem , o que depois provão muitas vezes não saberem soletrar. A Justica administrada em *Portugal* por um infindo numero dessas bitolas vermelhas e brancas , e com distincções que sempre são motivos de renhidas contendas , quando o não são de odios e de desordens , talvez seja uma das principaes causas da nossa infelicidade. Bom fôra que se indagasse de que côr éra a Vara que empunhou *Lopo Martins* , aquelle mercador , que El Rei *D. João* primeiro fez corregidor do Cível e Crime em toda a Cidade e termo de Lisboa. (*V. as Chron. de D. João* 1. por *Fernão Lopes* , e por *Duarte Nunes de Leão* .)

(17) pag. 92 , Verso 6.

Si tu , oh estremada *Zamperini* ,

Zamperini Comica cantora , Veneziana , que velu

a Lisboa em 1770, com a qualidade de *prima Donna*, e á testa de uma companhia de comicos italianos, ajustados e trazidos de Italia pelo Sr. *Galli*, notario apostolico da Nunciatura, e banqueiro em negocios da Curia *Romana*.

Entregou-se a essa *virtuosa* sociedade o theatro da rua dos *Condes*. Como havia tempos que não se ouvira *opera italiana* em Lisboa, foi grande o alvoroço que causou esta chegada de tantos *virtuosos*, mormente da Senhora *Zamperini*, que logo com sua familia foi grandiosamente alojada. Esta familia *Zamperini* compunha-se de tres irmãs, e de um Páe, homem robusto e bem apessoado que, a pesar de uma enorme cabeleira com que debalde pretendia dar quinau aos espertos alvidradores de idades, mostrava todavia, no semblante, poder exigir da Senhora *Zamperini* menos alguma cousa, que piedoso e filial respeito, ou dever lhe outorgar alguma cousa mais que a sua paternal benção.

Sendo forçoso custear esta especulação theatral, os Agentes, interessados n'ella, lembrárão-se de recorrer ao filho do Marquez de *Pombal*, o Conde d'*Oeiras*, então Presidente do Senado da Camara de *Lisboa*, que, já prêzo e pendente da encantadora voz da Sirêa *Zamperini*, annuiu sem difficuldade ao plano que lhe foi proposto. Sob os seus auspicios, ideou-se uma sociedade, com o fundo de 100 mil cruzados, repartido em 100 acções de 400 mil reis cada uma. Para alcance prompto d'esta quantia, lançou se uma finta sobre alguns negociantes nacionaes e estrangeiros, que em dia assignalado, e a horas fixas sendo juntos no Senado, sem saberem a que erão chamados, ouvirão da bocca do Conde Presidente as condições d'essa nova Sociedade theatral. N'uns, o

recêdo de serem malvistas do Governo, n'outros, a vontade de agradar ao filho do primeiro Ministro, forão as poderosas considerações que os arrastrarão todos a assignar as ditas condições, das quaes a mais penosa era a da somma, que logo preencherão.

Parece que os inventores e agentes desta Sociedade tiverão por alvo singular, o de mulctar a austera sisudesa de alguns negociantes velhos; pois no rol dos Assignantes, a maior parte dos nomes era de pessoas idosas, que nunca haviaio sido vistas em publicos divertimentos. Em essa mesma Junta forão logo nomeados quatro Administradores inspectores do theatro, os quaes, com o maior desinteresse, regeitando commissão e ordenado, se dêrão por pagos e satisfeitos com a simples e modica retribuição de um camarote commum a todos quatro. *Ignacio Pedro Quintella*, Provedor da Companhia do *Grão Pará e Maranhão*, e tio do Ill^{mo}. actual Barão de *Quintella*, *Alberto Meyer*, *Joaquim José Estolano de Faria*, e *Theotônio Gomes de Carvalho* forão os nomeados Inspectores Administradores, *nemine discrepante*.

Poucos mezes dêpois da abertura deste theatro, assim montado e administrado, morreu o já indicado Pae da Senhora *Zamperini*: a Administração fez lhe um sumptuoso funeral, e no trigesimo dia, apoz o obito, magnificas exequias na Igreja do Loreto onde fôra sepultado. Alguns criticos de má lingua havião espalhado o boato de que, nessas exequias, havia de recitar a Oração funebre o Padre *Macedo*, a esse tempo muito bom, e justamente accreditado pregador, e poeta que já comprimentára a *Zamperini* com varios Sonetos, etc. O Patriarcha D. *Francisco de Saldanha*, receando que assim succedesse, mandou vir á sua

presença o Padre *Macedo*, prohibiu lhe de orar em essas exequias; de ir a *Opera*; de fazer versos a *Zamperini*; e ordenou lhe de substituir por uma cabeleira o cabello que trazia, *á italiana*, bem penteado, e muito spolvilhado. Em vão allegou o P. *Macedo* com o exemplo dos clerigos da Nunciatura, que todos usavão de pomada e pós; e que a cabeleira offendia os canones; pois até os Padres, que della usavão por causa de molestia, éráo obrigados a impetrar *Breve* de *Roma*, que na Nunciatura éra taxado em um quartinho, por tempo de um anno de indulto. O Patriarcha foi inexoravel sobre este ponto da Cabeleira, e somente moderou a ordem de não ir á *Opera*, com o preceito unico de não apparecer na platêa, e com a faculdade de acantoor-se em fundo de algum Camarote, ou em frizma pouco aparente, como a do Auditor da Nunciatura, *Antonini*, e do Secretario do Card. *Conti*, o P. *Carlos Bacher*, e outros P. P. italianos, que, como elle, frequentavão a *Opera*, e a casa da *Zamperini*.

Não foi o P. *Macedo* o unico apaxonado admirador da *Zamperini*; muitos Poetas nacionaes e estrangeiros tributárão lhe obsequiosas insprações das suas Musas. Entre elles distinguiu-se o Encarregado dos negocios de França, O *Chevalier de Montigny*, cujos lindos versos ainda são lembrados. Em todos os estados, e em toda a idade, encontrou essa Sirêa vendidos e rendosos adoradores. Em Dias Santos, á ultima Missa a que ella costumava assistir, na Igreja do Loreto, éra o concurso que apoz si chamava, numeroso e luzidissimo.

Antes de findos dous annos, e logõ depois da morte do administrador *Ig. P. Quintella*, o fundo da Sociedade theatral achava se exhausto, e as re-

çeitas môtando a tam pouco, que mal cobrião as despesas indispensaveis do serviço mais ordinario, os Administradores deixarão de pagar os salarios dos Comicos e dos musicos da Orchestra. Entre os primeiros havia um chamado *Schiattini*, tenor acontraltado, homem jovial, e poeta que, por haver pedido o que lhe era devído, em estylo que não agradou aos Administradores, foi por estes aquartelado na casa dos Orates, donde éra conduzido ao theatro, todas as vezes que havia Opera. *Schiattini* valendo se então do privilegio analogo ao alojamento a que fôra condemnado, vingava se em parodiar sobre a scena a parte, que no Drama lhe toccava, com satyras recitadas e cantadas, que divertião os espectadores á custa dos Agentes da Administração. Rescresceu a provocada raiva destes, e o pobre *Schiattini*, vendo-se em maior aperto, recorreu a El Rei D. José que, informado da injustiça com que era tratado, o admittiu na sua Capella.

Excusado é, parece-me, dizer que esta negociação theatral apenas durou até meado de 1774, que o Marquez de Pombal fez salir de Lisboa a *Zamperini*; e ainda mais excusado relatar as causas desta Ordem do Governo; direi somente que os Accionistas não colhérão cousa alguma déssa empreza; pois achando-se empenhada e devedora a infinitos credores, não tiveram outro beneficio, que o que lhes resultava do privilegio especial de não serem obrigados a mais do que o fundo, que cada um julgou perdido, logo que com elle contribuiu.

Convenho que esta nota é sobrejarente extensa; mas julguei necessario dar aos Leitores um fragmento, tal qual, da historia do nosso theatro, e desta Senhora *Zamperini*, tão louvada em estes outo

versos do nosso Poeta, que não perdia a occasião de admirar as prendas de tam celebre *virtuosa*; pois, como amigo intimo de *Theotónio Gomes de Carvalho*, éra admittido e frequentes vezes visto no camarote da Administração.

(18) pag. 94, Verso 26.

» Quatro gatos mandou lançar de ferro. »

É muito original este methodo de restituir a voz e o som a um sino rachado, e bem celebrado fica por estes versos do nosso Poeta. Menos celebre não é a logração em que tambem cahiu certa Corporação Religiosa, que ainda conserva rachado o seu sino maior. Um Charlatão roubou-a de quantidade de marcos de prata fina, sob o pretexto de fazer uma solda particular com que havia de soldar o dito sino. Depois de sustentado á custa da Communidade, e de ter recebido algum dinheiro, á conta do prometido milagre, deixou sobre a eiva do sino um emplastro de chumbo, e, levando comsigo a prata, desapareceu.

(19) pag. 97, Verso 6.

A radiante luz de cem bugias

Esta palavra, *Bugia*, é definida por *Moraes* — vela de cera fina. — *Bougie*, na lingua franceza donde a trouxemos á nossa, vem do antigo francez *bouge*, que significa péqueno *aposenso*, *quarto*, em Latim *Cellula*; por conseguinte *bougie*, vela proporcionada ao pequeno aposento que ella allumda; e *bougeoir*, pequeno castiçal em que se poem essa pequena vela.

Os francezes hoje distinguem a *bougie*, do *Cierge*, da *Torche*, da *Chandelle* etc. — em portuguez Cirio, tocha, vela de sebo etc..

Alguns dizem que *bougie* e *bougeoir* vem do verbo neutro *bouger* — mover-se ; — por serem de feitio e tamanho mui maneiros e azados para transporte de uma para outra parte. Venham donde vierem ! — Dezejára somente que, visto termos adoptado a palavra *bugia*, tivéssemos conservado a completa orthographia da sua origem, afora a desinencia, e que escrevessemos *bougla*; pois temos muitas palavras em que o ditongo *ou* se pronuncia *u*; e assim haveria differença, ao menos na escrita, entre uma pequena vela de cera, e *bugia*, fêmea do *bugio*, ou *macdco*.

(20) pag. 97, Verso 13.

, — reina a Saude.

Esta locução significa — *ha muitos e repetidos brindes*; e não se deve entender da saude individual dos circumstantes. Faço esta observação, porque algumas pessoas tropéçam aqui no sentido que dou, e que me parece ser o genuino.

(21) pag. 105, Verso 9.

— muito trato

Tive então com o sabio *Abracadabro*.

O nosso Poeta, com acertada invenção, *pessoalisou* em Magico, Encantador, ou Bruxo, o sabido *Talisman* ABRACADABRA, palavra magica que, dizem os Embusteiros, tem a virtude de curar febres, de

preveni-las , e de obstar a todas as molestias ; ate á mesma morte. Esta palavra, gravada em algum metal , e em forma de triangulo , de modo que dous dos seus lados a repitam por inteiro, e que o terceiro conste só da letra A , onze vezes igualmente repetida , tem infindas virtudes. (V. Encyclopedia.)

Em a nota que sobre a palavra — Cabála — dei a pag. 119 desta obra , ja disse quanto podia dizer á cerca de taes loucuras , que todas tem a mesma origem ; convem a saber : na ignorancia de uns , dominada pela má fé de outros.

(22) pag. 107 , Verso 7.

C'um puxativo escalda , etc.

Escalda parece me ser synonymo de *espada* , *catana* etc. e será talvez , voz corrente em *Elvas* , e no Alemtejo, mas de certo, em estylo familiar; bem como — *ferrumpéa* , *ferrusca* ou *farrusca* , *tarasca* , *ferrugenta* , *Maria francisca* , *timebunt* etc. são nomes que em Portugal o povo de varias Terras dá , familiarmente falando , á essa arma.

O Leitor deverá lembrar-se que a pag. 90 , o nosso Poeta introduziu , no numero dos Convidados , este Prior da *Alcaçova d'Elvas*, e o pintou de loba e cappa, Mas debaxo do braço co' a *Catana*
Que aqui appellida — *puxativo escalda* , e logo mais abaxo — *brilhante Durindana*.

(23) pag. 113 , Verso 26.

— as remendadas *Pias*.

Pia, em termos de *Coudelaria*, é o nome que se dá

ao cavallo de cor branca e preta ; esta palavra vem do francez *pie* que significa *Pega* , passaro malhado de branco e preto. Os francezes dão o nome desta ave aos cavallos que, com as cores d'ella, são betados; e *Voltaire* , pela mesma razão , o deu tambem aos frades *Dominicos*.

O adjectivo , *remendadas* , significa que as malhas são maiores , ou menos symmetricas (Vid. *Mordes* , no seu diction. pal. *Remendado*.)

Por tanto , *Remendadas Pias* significão Cavallos , ou Eguas malhadas de branco e preto ; e assim pintarão os antigos poetas os Cavallos do Carro da *Aurora* , com o fim de mais claramente indicar que a Aurora é , em tempo , o estado medio participante das trevas da noite , e da luz do dia.

FIM DAS NOTAS





ERRATA.

ERROS.		EMENDAS.	
Pag.	<i>Verso.</i>		
2.	v. 24.	Nação	Nação
5.	v. 24.	estado	estudo
8.	v. 17.	nunco	nunca
10.	v. 5.	Do quando	De quando
20.	v. 9.	frenesim	frenesí, ou phrenesí
53.	v. 1.	Lelios	Lullos, ou Lullios.
61.	v. 6.	esse horas	essas horas
65.	v. 25.	Vosso	Vossa
68.	v. 27.	c'um corda	c'uma corda
71.	v. 2.	De brilhante	Do brilhante
77.	v. 20.	Entre unhas	Entre as unhas
89.	v. 8.	Empyrica	empirica
95.	v. 5.	sublileza	subtileza
96.	v. 14.	óvos Mólles	Ovos molles
108.	v. 3.	entrahas	entranhas.

EM AS NOTAS

116.	l. 4, e 5.	obrgiação	obrigação
117.	l. 6.	a Poeta	o Poeta.

Advirta o Leitor que aonde encontrár as palavras compostas, *grão-Prelado*; *grão-rumor*, etc, deve corrigi-las em *gran-Prelado*, *gran-rumor*, etc, e que *Wisth* e *Wist* deve ser escrito *Whist*.

